

CONTOS DE SUSPENSE E TERROR

OBRAS PRIMAS DE GRANDES
MESTRES DO CONTO

LeBooks



Edições LeBooks

CONTOS DE SUSPENSE E TERROR

Obras-primas de grandes mestres do conto

Edgar Allan Poe, Frank Richard Stockton;
Machado de Assis, Guy de Maupassant, Sir
Arthur Conan Doyle, Gabriel Garcia Marques,
Monteiro Lobato, Oscar Wilde, W.W. Jacob,
Richard Matheson.

Segunda Edição

The logo for LeBooks, featuring the word "LeBooks" in a stylized font. The "Le" is in a light blue color, and "Books" is in a darker blue color.

São Paulo SP
ISBN : 9788583861287
2018

Prefácio

Contos de suspense e terror são o gênero literário preferido de muitos leitores. São histórias curtas, geralmente com poucos personagens, que nos agarram desde a primeira página e cujos eventos vão se precipitando de forma tão contagiante que se torna impossível interromper a leitura antes de sabermos o desfecho. E que desfechos!

Nesta coletânea especial, que faz parte da Coleção Melhores Contos, você conhecerá as obras-primas dos contos de suspense e terror de todos os tempos. Contos dos grandes mestres de várias nacionalidades incluindo dois brasileiros: o genial Machado de Assis e o talentoso e versátil Monteiro Lobato.

Mas prepare-se. Pois são contos de, literalmente, tirar o fôlego!

Boa leitura.

LeBooks Editora

Sumário

CONTOS DE SUSPENSE E TERROR

A VERDADE NO CASO DO SR. VALDEMAR – Edgar Allan Poe

A DAMA OU O TIGRE – Frank Richard Stockton

PESADELO A 20.000 PÉS – Richard Matheson

A CHINELA TURCA – Machado de Assis

UM ARDIL – Guy de Maupassant

O QUARTO DO PESADELO – Sir Arthur Conan Doyle

O AFOGADO MAIS BONITO DO MUNDO – Gabriel Garcia

Marques

O TESTE – Richard Matheson

BOCATORTA – Monteiro Lobato

O FANTASMA DE CANTERVILLE – Oscar Wilde

O POÇO E O PÊNDULO – Edgar Allan Poe

A MÃO DO MACACO – W. W. Jacob

Conheça outros contos imperdíveis da Coleção Melhores Contos:

LeBooks:

A VERDADE NO CASO DO SR. VALDEMAR – Edgar Allan Poe

O fato de o extraordinário caso do Sr. Valdemar ter agitado de tal modo a opinião pública não é, evidentemente, de causar espanto. Milagre seria se tal não acontecesse, especialmente devido às circunstâncias. Por que os interessados não desejavam dar publicidade ao caso, pelo menos de momento ou até terem ocasião de o investigar mais aprofundadamente, surgiu uma versão boateira e exagerada que deu origem a especulações muito desagradáveis e, muito naturalmente, a uma boa dose de desconfiança.

É, pois, necessário que estabeleça a verdade dos fatos na medida em que eu próprio os compreendi. Resumidamente, eis o que se passou:

Nos últimos três anos interessei-me bastante pelo hipnotismo. E, há cerca de nove meses, ocorreu-me bruscamente que na série de experiências feitas até então havia uma omissão estranha e inexplicável: ainda ninguém fora hipnotizado *in articulo mortis*. Não se sabia, pois, se nessas condições o paciente seria suscetível à influência magnética. Em segundo lugar, se, em caso afirmativo, se essa suscetibilidade era aumentada ou não pela situação e, finalmente; em terceiro lugar, até que ponto e durante quanto tempo a obra da Morte poderia ser detida pelo processo. Havia outros pontos a serem esclarecidos, mas estes eram os que mais excitavam a minha imaginação - especialmente o último, pelas consequências imensamente importantes que podia vir a ter.

Ao procurar entre os meus conhecidos alguém em quem pudesse fazer a experiência, lembrei-me do meu amigo Ernest Valdemar, o conhecido organizador da «Biblioteca Forensica» e autor (sob o pseudônimo de Issachar Marx) das versões polacas de Wallenstein

e Gargântua. O Sr. Valdemar, cuja principal residência desde 1839 era Harlem, NY, é (ou era) particularmente notável pela extrema magreza - os seus membros inferiores eram muito parecidos com os de John Randolph; e também pelas suíças, muito brancas em contraste flagrante com o negrume do cabelo, o que levava muita gente a pensar que este último era um capachinho.

Era um homem de temperamento muito nervoso, o que o predispunha especialmente para cobaia de experiências hipnóticas. Por duas ou três vezes já o tinha adormecido sem grandes dificuldades; sob outros aspectos, porém, em que a sua constituição física me levava a esperar bastante, a experiência com ele foi uma desilusão. Nunca a sua vontade esteve positiva ou totalmente sob o meu controlo e no que respeita à clarividência nunca consegui nada dele digno de nota. Sempre atribuí o meu insucesso nesses pontos ao estado precário da sua saúde. Alguns meses antes de o ter conhecido os médicos diagnosticaram-lhe uma tísica em último grau. Na verdade, ele costumava falar com uma grande calma no seu fim próximo como um assunto que não podia ser evitado nem era de lamentar.

Quando me ocorreram pela primeira vez as ideias que já mencionei foi, pois, naturalmente que me lembrei do Sr. Valdemar. Conhecia demasiado bem a filosofia estoica do homem para temer quaisquer escrúpulos da sua parte; e não tinha parentes na América que pudessem vir a interferir. Falei-lhe, pois, abertamente no assunto; e para minha surpresa pareceu-me ficar vivamente interessado. Digo para minha surpresa, porque, embora se tivesse sempre prestado de bom grado às minhas experiências, nunca antes me dera qualquer mostra de simpatia pelo meu trabalho. A sua doença era daquele tipo que permite prever com exatidão a época em que a morte seria a solução; e ficou assim combinado entre nós que me mandaria chamar vinte e quatro horas antes do momento previsto pelos físicos para a sua morte.

Faz agora mais de sete meses que recebi a seguinte mensagem

escrita pelo punho do próprio Valdemar:

Caro P...

O melhor é vir agora D... e F... afirmam que não passo da meia-noite de amanhã; e creio que previram a data com bastante acerto.

Valdemar

Recebi esta nota meia hora depois de ela ser escrita e daí a um quarto de hora já me encontrava à cabeceira do moribundo. Não o via há uns dez dias e fiquei transtornado pela terrível alteração que este breve intervalo de tempo produzira nele. O rosto estava cor de chumbo; o brilho dos olhos apagara-se; e estava tão magro que os ossos se lhe viam através da pele. Expectoraava excessivamente. Mal se lhe sentia o pulso. Conservava, no entanto, e de uma forma notável, o seu espírito arguto e uma certa força física. As suas palavras eram nítidas, tomava os seus medicamentos sem ajuda e, quando entrei no quarto, estava a anotar qualquer coisa num livrinho de apontamentos. Estava sentado na cama", encostado a almofadas. Os Drs. D... e F... encontravam-se a seu lado.

Depois de apertar a mão a Valdemar, chamei os médicos de lado e obtive deles um relatório minucioso sobre o estado do doente. O pulmão esquerdo encontrava-se há dezoito meses num estado semi-ósseo ou cartilaginoso e, evidentemente, era inteiramente inútil para qualquer fim vital. A parte superior do pulmão direito estava parcialmente, senão totalmente, ossificada, enquanto a região inferior era apenas uma massa de tubérculos purulentos que cresciam uns sobre os outros. Existiam várias perfurações extensas e num determinado ponto a aderência às costelas era total. A situação do lobo direito era relativamente recente. A ossificação fora extremamente rápida; não havia sinais dela ainda no mês anterior e a aderência só há uma semana se manifestara.

Independentemente da 'tuberculose, suspeitava-se que o doente sofria de um aneurisma da aorta; mas aqui os sintomas ósseos tornavam impossível um diagnóstico exato. Na opinião de ambos os médicos, o Sr. Valdemar devia morrer por volta da meia-noite do dia seguinte (domingo). Eram então sete horas da tarde de sábado.

Ao saírem de junto da cabeceira do inválido para falarem comigo, os Drs. F... e D... despediram-se dele. Não tencionavam regressar; mas a meu pedido acederam a visitar o paciente às dez horas da noite seguinte.

Depois de terem saído, falei livremente com o Sr. Valdemar sobre a dissolução que se aproximava, assim como, mais pormenorizadamente, sobre a experiência que me propunha realizar. Continuava a declarar-se disposto e até ansioso por tentá-la e suplicou-me que comesse imediatamente. Tratavam dele um enfermeiro e uma enfermeira; mas não me sentia suficientemente à vontade para empreender uma tarefa de tal importância sem outras testemunhas de maior confiança que esta gente, não fosse vir a dar-se um acidente imprevisto. Adiei assim as operações para às oito horas da noite seguinte, altura em que chegou um estudante de medicina meu conhecido (o Sr. Theodore L-1), que aliviou as minhas preocupações. A minha intenção, originalmente, era esperar que os médicos chegassem, mas fui levado a começar, primeiro pelas súplicas prementes do Sr. Valdemar e, segundo, porque estava convencido de que não tinha tempo a perder, na medida em que era evidente o rápido declínio do doente.

O Sr. L-1 teve a gentileza de aceder ao meu desejo de tomar notas de tudo o que acontecesse; e é a partir dos seus apontamentos que aquilo que tenho a relatar foi ou resumido ou copiado verbatim.

Deviam faltar uns cinco minutos para as oito quando, tomando a mão do paciente, eu lhe pedi que afirmasse, o mais distintamente possível, ao Sr. L, se ele, (o Sr. Valdemar) estava inteiramente de acordo em que eu fizesse a experiência de magnetizá-lo em seu estado presente.

Ele respondeu, com fraca voz, porém completamente audível:

- Sim, desejo ser magnetizado - acrescentando imediatamente depois: - Receio que você tenha demorado muito.

Enquanto ele assim falava, comecei os passes que eu já descobrira terem mais efeito em dominá-lo. Ele ficou evidentemente influenciado com o primeiro toque lateral de minha mão na sua fronte. Mas, embora utilizasse eu todos os meus poderes, nenhum efeito ulterior perceptível se verificou até alguns minutos depois das dez horas, quando os Drs. D... e F... chegaram, de acordo com o combinado. Expliquei-lhes, em poucas palavras, o que pretendia, e como eles não opusessem objeção, dizendo que o paciente já estava em agonia mortal, continuei, sem hesitação, mudando porém, os passes laterais por outros descendentes e dirigindo meu olhar inteiramente sobre o olho direito do moribundo.

A este tempo já seu pulso era imperceptível e sua respiração estertorosa, a intervalos de meio minuto.

Tal estado conservou-se quase inalterado durante um quarto de hora. No expirar esse período, porém, um suspiro natural, muito profundo, escapou do peito do homem moribundo e cessou a respiração estertorosa, isto é, seus estertores não mais apareciam; os intervalos não diminuíram. As extremidades do paciente tinham uma frialdade de gelo.

Aos cinco minutos antes das onze, percebi sinais inequívocos da influência magnética. O movimento vítreo do olho mudara-se naquela expressão de inquietante exame interior que só se vê em casos de sonambulismo e diante da qual é completamente impossível haver engano. Com alguns rápidos passes laterais fiz as pálpebras estremecerem como em sono incipiente, com alguns mais, consegui fechá-las de todo. Não estava, porém, satisfeito com isso e continuei vigorosamente com as manipulações, com o mais completo esforço de vontade, até paralisar, por completo, os membros do dormiente, depois de colocá-los em posição aparentemente cômoda. As pernas estavam inteiramente espichadas; os braços, quase a mesma coisa, e repousavam sobre

o leito, a uma distância moderada das nádegas. A cabeça achava-se levemente elevada.

Quando terminei isso era já meia-noite em ponto e pedi aos cavalheiros presentes que examinassem o estado do Sr. Valdemar. Depois de alguns exames, admitiram eles que se achava num estado perfeitamente extraordinário de sono mesmérico.

A curiosidade dos médicos achava-se altamente excitada. O Dr. D... resolveu logo ficar ao lado do paciente a noite inteira. Enquanto o Dr. F... partia, com promessa de voltar ao amanhecer. O Sr. L... e os enfermeiros ficaram. Deixamos o Sr. Valdemar inteiramente tranquilo até às três horas da madrugada, quando me aproximei dele e vi que se encontrava, precisamente, no mesmo estado em que o deixara o Dr. F... ao retirar-se; isto é, jazia na mesma posição e o pulso era imperceptível, a respiração, ligeira (mal distinguível, a não ser por meio da aplicação de um espelho aos lábios) os olhos fechavam-se naturalmente e os membros estavam tão rígidos e frios como o mármore.

Contudo, a aparência geral não era certamente a da morte. Quando me aproximei do Sr. Valdemar, fiz uma espécie de leve esforço para influenciar seu braço direito a acompanhar o meu, que passava levemente, para lá e para cá, por cima de sua pessoa. Em tais experiências com esse paciente, nunca eu conseguira antes êxito completo e decerto tinha pouca esperança de ser bem-sucedido agora; mas, para espanto meu, seu braço bem pronta, embora, fracamente, acompanhou todos os movimentos que o meu fazia. Decidi arriscar algumas palavras de conversa.

- Sr. Valdemar... - disse eu - está adormecido?

Ele não deu resposta, mas percebi um tremor em torno dos lábios, e por isso fui levado a repetir a pergunta várias vezes. À terceira repetição todo seu corpo se agitou em um leve calafrio: as pestanas abriram-se, permitindo que se visse a faixa branca do olho; os lábios moveram-se lentamente e dentre eles, num sussurro mal audível, brotaram as palavras:

- Sim... estou adormecido agora. Não me desperte! Deixe-me

morrer assim! Apalpei-lhe então os membros e achei-os tão rijos como dantes: o braço direito obedecia ainda à direção de minha mão. Interroguei de novo o magnetizado:

- Sente ainda dor no peito, Sr. Valdemar?

A resposta agora foi imediata, mas ainda menos audível do que antes:

- Dor nenhuma... Estou morrendo!

Não achei prudente perturbá-lo mais então e nada mais foi dito ou feito até a chegada do Dr. F..., que veio um pouco antes do amanhecer e demonstrou seu ilimitado espanto ao encontrar o paciente ainda vivo. Depois de tomar-lhe o pulso e aplicar-lhe um espelho aos lábios, pediu-me que me dirigisse de novo ao magnetizado. Acedi, perguntando:

- Sr. Valdemar, ainda está dormindo?

Como anteriormente, alguns minutos decorreram até que fosse dada uma resposta e, durante o intervalo, parecia que o moribundo reunia suas energias para falar. À minha quarta repetição da pergunta, disse ele, com voz muito fraca, quase imperceptível.

- Sim... durmo ainda... estou morrendo.

Era agora opinião, ou antes, desejo dos médicos que o Sr. Valdemar deveria ser deixado tranquilo, na sua presente situação de aparente repouso, até sobrevir a morte. E isto, todos concordavam, deveria realizar-se, dentro de poucos minutos. Resolvi, porém, falar-lhe uma vez mais e repeti simplesmente minha pergunta anterior.

Enquanto eu falava, ocorreu sensível mudança na fisionomia do magnetizado. Os olhos se abriram devagar, desaparecendo as pupilas para cima; toda a pele tomou uma cor cadavérica, assemelhando-se mais ao papel branco que ao pergaminho, e as manchas circulares héticas, que até então se assinalavam fortemente no centro de cada face, apagaram-se imediatamente. Uso esta expressão porque a subitaneidade de sua desapareição trouxe-me a mente nada menos do que a ideia do apagar de uma vela com um sopro. Ao mesmo tempo o lábio superior retraiu-se, acima dos dentes que até então cobria por completo, enquanto o

maxilar inferior caía com movimento audível, deixando a boca escancarada e mostrando a língua inchada e enegrecida. Suponho que ninguém do grupo ali presente estava desacostumado aos horrores dos leitos mortuários mas tão inconcebivelmente horrenda era a aparência do Sr. Valdemar naquele instante que houve um geral recuo de todos das proximidades da cama.

Sinto agora ter chegado a um ponto desta narrativa diante do qual todo leitor passará a não dar crédito algum. É, contudo minha obrigação simplesmente continuar.

Já não havia mais o menor sinal de vida no Sr. Valdemar, e comprovando sua morte, íamos entregá-lo aos cuidados dos enfermeiros, quando um forte movimento vibratório observou-se na língua, o qual continuou durante um minuto talvez. Terminando este, irrompeu dos queixos distendidos e imóveis uma voz, uma voz tal que seria loucura minha tentar descrever. Há, é certo, dois ou três epítetos que poderiam ser considerados aplicáveis a ela em parte; podia dizer, por exemplo, que o som era áspero, entrecortado, cavernoso; mas o horrendo conjunto é indescritível, pela simples razão de que nenhum som igual jamais vibrou em ouvidos humanos.

Havia duas particularidades, não obstante, que, pensei e ainda penso, podiam francamente ser comprovadas como características da entonação, bem como adequadas a dar alguma ideia da sua peculiaridade sobrenatural. Em primeiro lugar, a voz parecia alcançar nossos ouvidos - pelo menos os meus - de uma vasta distância ou de alguma profunda caverna dentro da terra.

Em segundo lugar, dava-me a impressão (receio na verdade ser impossível fazer-me compreender) que as coisas gelatinosas e pegajosas dão no sentido do tato. Falei ao mesmo tempo, em "som" e "voz". Quero dizer que o som era de uma dicção distinta... maravilhosamente distinta, mesmo e arrepiante. O Sr. Valdemar falava, evidentemente, respondendo à pergunta que eu lhe havia feito poucos minutos antes. Perguntara-lhe, como se lembram, se ele estava adormecido. Ele agora respondia: - Sim... não... estava

adormecido... e agora... agora... estou morto.

Nenhuma das pessoas presentes nem mesmo afetou negar ou tentou reprimir o indizível e calafriante horror que essas poucas palavras assim pronunciadas, bem naturalmente provocavam. O Sr. L... (o estudante) desmaiou. Os enfermeiros abandonaram imediatamente o quarto e negaram-se a voltar. Não pretenderei tornar ilegível ao leitor as minhas próprias impressões. Durante quase uma hora ocupamo-nos, calados, sem dizer uma só palavra, em procurar fazer o Sr. L... voltar a si. E, quando isto se deu, dirigimo-nos novamente a examinar o estado do Sr. Valdemar.

Continuava, a todos os respeitos, como o descrevera antes, com exceção de que o espelho não mais revelava respiração. Uma tentativa de tirar sangue do braço fracassou. Devo mencionar também que esse membro não mais se mostrou obediente à minha vontade. Tentei em vão fazê-lo acompanhar a direção de minha mão. A única e real demonstração da influência magnética achava-se, então, no movimento vibratório da língua quando eu dirigia uma pergunta ao Sr. Valdemar. Ele parecia estar fazendo um esforço para responder, mas não possuía mais a volição suficiente. Às perguntas que lhe eram feitas por qualquer outra pessoa além de mim parecia totalmente insensível, embora eu tentasse colocar cada membro do grupo em relação magnética com ele. Creio que relatei agora, tudo quanto é necessário para uma compreensão do estado do magnetizado naquele momento. Foram procurados outros enfermeiros e às dez horas deixei a casa em companhia dos dois médicos e do Sr. L...

À tarde fomos todos chamados de novo para ver o paciente. Seu estado permanecia precisamente o mesmo. Tivemos então uma discussão a respeito da oportunidade e possibilidade de despertá-lo, mas pouca dificuldade tivemos em concordar em que não havia nenhuma utilidade em fazê-lo. Era evidente que, até ali, a morte (ou o que se chama usualmente morte) tinha sido detida pela ação magnética. Parecia claro a nós todos que despertar o Sr. Valdemar

era simplesmente assegurar sua morte atual ou, pelo menos, apressar-lhe a decomposição.

Desde aquele dia até o fim da última semana - intervalo de quase sete meses continuamos a fazer visitas diárias à casa do Sr. Valdemar, acompanhados de vez em quando por médicos e outros amigos. Durante este tempo, o magnetizado permanecia exatamente como já deixei descrito. Os cuidados dos enfermeiros eram contínuos.

Foi na sexta-feira passada que resolvemos, finalmente, fazer a experiência de despertá-lo, ou de tentar despertá-lo; e foi talvez o infeliz resultado desta última experiência que deu origem a tantas discussões em círculos privados e a muito daquilo que não posso deixar de julgar uma credulidade popular injustificável.

Com o fim de libertar o Sr. Valdemar da ação magnética, fiz uso dos passes habituais. Durante algum tempo foram eles ineficazes. A primeira indicação de revivescência foi revelada por uma descida parcial da íris. Observou-se, como especialmente notável que este abaixamento da pupila era acompanhado pela profusa ejaculação de um licor amarelento (de sob as pálpebras), com um odor acre e altamente repugnante.

Sugeriu-se então que eu deveria tentar influenciar o braço do paciente, como fizera antes.

Tentei, mas inutilmente. O Dr. F... expressou então o desejo de que eu fizesse uma pergunta. Assim fiz, como segue:

- Sr. Valdemar... pode explicar-me quais são seus sentimentos ou desejos agora?

Houve imediata volta dos círculos héticos sobre as faces; a língua vibrou, ou antes, rolou violentamente na boca (embora os maxilares e os lábios permanecessem rijos como antes) e por fim a mesma voz horrenda que eu já descrevi ejaculou:

- Pelo amor de Deus!... Depressa. - depressa! ... faça-me dormir... ou então, depressa.

Acorde-me... depressa!... Afirmo que estou morto!

Eu estava completamente enervado e por um instante fiquei indeciso sobre o que fazer. A princípio fiz uma tentativa de acalmar

o paciente; mas fracassando, pela total suspensão da vontade, fiz o contrário e lutei energicamente para despertá-lo.

Nessa tentativa vi logo que teria êxito, ou, pelo menos, logo imaginei que meu êxito seria completo. E estou certo de que todos no quarto se achavam preparados para ver o paciente despertar. Para o que realmente ocorreu, porém, é completamente impossível que qualquer ser humano pudesse estar preparado.

Enquanto eu fazia rapidamente os passes magnéticos, entre ejaculações de "Morto!", "Morto!", irrompendo inteiramente da língua e não dos lábios do paciente, todo seu corpo, de pronto, no espaço de um único minuto, ou mesmo menos, contraiu-se... desintegrou-se, absolutamente podre, sob minhas mãos. Sobre a cama, diante de toda aquela gente, jazia uma quase líquida massa de nojenta e detestável putrescência.

A DAMA OU O TIGRE – Frank Richard Stockton

Em tempos remotos, vivia um rei semibárbaro, cujas ideias, embora tornadas um tanto brilhantes e sutis pelo progresso dos seus distantes vizinhos latinos, eram ainda opulentas, floridas e arbitrárias, como convinham à metade bárbara da sua natureza.

Era um homem de imaginação exuberante. Além disso, de uma autoridade tão irresistível que, a um simples desejo seu, transmudava em realidade as suas variadas fantasias. Era grandemente dado à autodeterminação: quando entrava em acordo consigo mesmo sobre uma coisa qualquer, essa coisa se podia considerar realizada. Quando todos os membros dos seus sistemas domésticos e políticos se moviam maciamente no rumo indicado, a sua natureza era branda e alegre; mas se acaso surgisse um pequeno impedimento, e um ou outro dos elementos desses sistemas desgarrassem das suas órbitas, ele ainda ficava mais brando e alegre, pois nada lhe agradava mais do que endireitar o que estava torto e destruir qualquer irregularidade.

Dentre as noções importadas, pelas quais o seu barbarismo se havia reduzido à metade, contava-se a arena pública, onde, pelas exibições da valentia humana e animal, os espíritos dos seus vassalos eram aperfeiçoados e cultivados. Mas ainda aqui a fantasia exuberante e bárbara afirmava-se.

A arena do rei fora construída, não para dar ao povo uma oportunidade de ouvir as rapsódias de gladiadores moribundos, nem para habilitá-los a ver o inevitável desfecho de um conflito entre opiniões religiosas e faces famintas, mas com propósitos muito mais aptos a alargar e desenvolver as energias mentais do povo. Esse vasto anfiteatro, com suas galerias circulares, suas misteriosas abóbadas e suas passagens secretas, constituía um agente de poética justiça, onde o crime era punido ou a virtude recompensada, pelos decretos de uma imparcialidade e incorruptível fortuna.

Quando um vassalo era acusado de um crime de importância tal que pudesse interessar o rei, baixava-se um aviso público, designando o dia em que o destino da pessoa acusada seria decidido na arena do rei. Era uma construção que bem merecia este nome. Embora a sua forma e a sua planta tivessem sido importadas do estrangeiro, o fim a que era destinada provinha unicamente do cérebro desse homem, que não conhecia tradição a que devesse maior lealdade do que agradar a sua fantasia, e que imprimia a cada forma alienígena do pensamento e da ação humana o rico vigor de seu bárbaro idealismo.

Quando todo o povo se encontrava reunido nas galerias, o rei, rodeado pela sua corte, depois de se sentar no seu alto trono, dava um sinal, e uma porta abaixo dele se abria, saindo dela para o anfiteatro o súdito acusado. Diretamente em oposição a ele, no outro lado do espaço fechado, havia duas portas exatamente iguais, colocadas lado a lado. Era dever e privilégio do indivíduo em julgamento caminhar diretamente para essas portas e abrir uma delas. Ele poderia abrir a porta que lhe agradasse; não estava sujeito a nenhuma orientação ou influência, à exceção da própria sorte, imparcial e incorruptível.

Se abrisse uma, sairia dela um tigre faminto, o mais feroz e cruel que tivesse sido encontrado, o qual imediatamente saltaria sobre ele e o faria em pedaços, como punição pela sua falta. No momento em que o caso do criminoso assim se decidia, dolentes sinos ressoavam, grandes lamentos eram lançados por indivíduos alugados para esse fim e colocados nas bordas exteriores da arena. E aquela enorme multidão, de cabeças inclinadas e coração abatido, tomava vagarosamente o caminho de suas casas, lamentando grandemente que uma pessoa tão jovem e bela, ou tão velha e respeitada, tivesse merecido tão horrível destino.

Mas se a pessoa acusada abrisse a outra porta, sairia dela uma dama, a mais adequada à sua idade e condição, que pudesse ter sido escolhida por Sua Majestade entre as suas belas vassalas; e com essa dama ele iria imediatamente se casar, como recompensa

de sua inocência. Não importava que ele já possuísse mulher e filhos, ou que seu coração se houvesse comprometido com outra de sua própria escolha: o rei não consentia que tais obrigações viessem a interferir no seu grande plano de retribuição e recompensa.

Como no outro caso, esses atos tinham lugar imediatamente, ainda na própria arena: uma outra porta se abria abaixo do rei, e um sacerdote, seguido por um bando de coristas e de bailarinas, modulando epitalâmios em cornetas douradas, avançava até o lugar onde se achava o par; e o casamento era pronto e alegremente celebrado. Então os festivos sinos de bronze repicavam alegremente, o povo lançava brados de contentamento, e o homem inocente, precedido por crianças que espalhavam flores no seu caminho, conduzia a noiva para a sua casa.

Ora o tigre saía de uma porta, ora de outra. O criminoso não podia saber de que porta sairia a dama. Abriria a que lhe agradasse, sem a menor ideia do que lhe estava reservado para aquele instante mesmo: se iria ser devorado ou casado. Era esse o método semibárbaro a que o monarca recorria para administrar justiça. A perfeita retidão do método é evidente.

As decisões desse tribunal eram não somente honestas, mas concretamente executadas: o acusado via-se instantaneamente punido, quando culpado; quando inocente, era recompensado no ato, quer quisesse, quer não. Não havia como escapar aos julgamentos da arena do rei.

A instituição era verdadeiramente popular. Quando o povo se reunia num dos grandes dias de julgamento, nunca sabia se iria testemunhar uma morte sangrenta ou um festivo casamento. Esse elemento de incertezas emprestava à ocasião um interesse que de outro modo não poderia ser atingido. Assim, divertia-se a massa, e a parte pensante da comunidade não poderia acusar o sistema de iníquo; pois não tinha o acusado o julgamento nas suas próprias mãos?

Esse rei semibárbaro possuía uma filha, tão bela como as suas

mais esplêndidas fantasias, e com uma alma tão ardente e imperiosa como a sua própria. Como acontece em tais casos, ela era a menina dos seus olhos, e ele a amava acima de toda a humanidade. Entre os seus cortesãos havia um jovem com aquela pureza de sangue e vileza de condições, comuns aos heróis de romance que amam as donzelas reais. Essa donzela real estava bem satisfeita com o seu amado, porque ele era belo e bravo, num grau não ultrapassado em todo o reino; e ela o amava com um ardor que possuía o barbarismo suficiente para fazê-lo excessivamente ardente e forte.

O amor desses dois jovens transcorreu feliz durante muitos meses, até o dia em que o acaso levou o rei a descobrir a sua existência. E não hesitou quanto ao que lhe cumpria fazer. O jovem foi imediatamente lançado na prisão, e marcou-se o dia para o seu julgamento na arena do rei. Naturalmente, essa era uma ocasião especialmente importante, e Sua Majestade, assim como todo o povo, estava grandemente interessado no desenvolvimento dessa prova. Jamais ocorrera caso semelhante; jamais havia um súdito ousado amar a filha dum rei. Nos anos posteriores tais coisas tornaram-se bastante comuns, mas então elas constituíam uma espantosa novidade.

As jaulas de tigres do rei foram vistoriadas, a fim de se selecionar o monstro mais feroz para ser levado à arena. E todas as categorias de virgens jovens e belas foram cuidadosamente inspecionadas por juízes competentes, de modo a que o jovem pudesse ter uma noiva conveniente, no caso de a fortuna não lhe reservar diferente destino.

Naturalmente, todos sabiam que ato lhe era imputado: havia-se enamorado da princesa, e nem ele nem ela, ou quem quer que fosse, pensava jamais em negar esse fato. Mas o rei não permitiria que uma circunstância como essa fosse interferir nos trabalhos do tribunal, dos quais ele tirava tão grande deleite e satisfação. Não importava como o fato se processara, o jovem iria privar-se desse amor; e o rei tomaria um prazer estético em observar o curso dos acontecimentos, que determinavam se o moço tinha cometido um

erro ou não, ao permitir-se amar a princesa real.

O dia designado chegou. Proveniente de longe e de perto, o povo foi-se reunindo e comprimindo nas grandes galerias da arena; e multidões, impossibilitadas de entrar, amontoavam-se contra as paredes exteriores. O rei e a sua corte achavam-se nos seus lugares, em oposição às portas gêmeas — aquelas portas fatídicas, tão terríveis na sua similitude.

Tudo estava pronto. O sinal foi dado. Uma porta por baixo da bancada real abriu-se, e o namorado da princesa apareceu na arena. Alto, belo, elegante, o seu aparecimento foi saudado com um surdo cochichar de admiração e ansiedade. Metade da assistência não sabia que um tão magnífico jovem pudesse viver entre eles. Não era de admirar que a princesa o amasse! Que terrível situação a dele!

Quando o jovem avançou dentro da arena, voltou-se, como era o costume, para reverenciar o rei; mas ele não pensava absolutamente naquele personagem real; seus olhos estavam fixos na princesa, sentada à direita de seu pai. Não fosse pela metade de barbarismo que entrava na sua natureza, é provável que aquela dama não estivesse ali; mas sua alma intensa e ardente não lhe permitira subtrair-se a um espetáculo que tão terrivelmente lhe interessava.

Desde o momento em que fora divulgado o decreto, segundo o qual seu amado decidiria o próprio destino na arena do rei, ela não tinha pensado em mais nada, noite e dia, senão nesse grande acontecimento e nos vários assuntos com ele relacionados. Possuindo mais poder, influência e força de caráter do que qualquer outra pessoa interessada no caso, ela tinha feito aquilo que nenhuma outra pessoa conseguira: havia-se apossado do segredo das portas. Sabia em qual dos dois compartimentos, que ficavam por detrás daquelas portas, se achava a jaula do tigre, e em qual deles a dama esperava. Através daquelas espessas portas, pesadamente forradas com peles pelo lado de dentro, era impossível que algum ruído denunciador chegasse aos ouvidos da pessoa que se aproximasse para levantar a aldrava de uma delas; mas o ouro e poder de vontade de uma mulher tinham entregue

esse segredo à princesa.

Não somente ela sabia em que compartimento estava a dama pronta para aparecer, toda ruborizada e radiante, assim que a sua porta se abrisse, como também sabia quem era a dama. Era uma das mais belas e amáveis donzelas da corte, que havia sido escolhida como recompensa para o jovem acusado, caso ele fosse julgado inocente. E a princesa a odiava. Muitas vezes ela tinha visto, ou imaginado ver, aquela bela criatura lançando olhares de admiração sobre a pessoa do seu amado, e às vezes pensava que esses olhares eram percebidos e até retribuídos. Uma ou outra vez, ela os tinha visto conversando. Conversas que haviam durado apenas um momento, porém muita coisa pode ser dita num breve espaço de tempo. Talvez eles se houvessem ocupado de assuntos de pouca importância, mas como poderia ela sabê-lo? A jovem era adorável, mas tinha ousado levantar os olhos para o amado de uma princesa; e com toda a intensidade do sangue selvagem transmitido através de longas linhagens de ancestrais inteiramente bárbaros, ela odiava a mulher que corava e tremia atrás daquela porta silenciosa.

Quando se voltou para ela e a viu sentada, com a face mais pálida do que qualquer outra no vasto oceano de fisionomias ansiosas que o rodeavam, ele sentiu ao encontrarem-se os seus olhares, pelo poder de rápida percepção que é dado a todos aqueles cujas almas se acham fundidas numa só, que ela sabia atrás de que porta se achava o tigre e atrás de qual delas se encontrava a dama. Ele havia esperado que ela tivesse conseguido saber isso. Compreendia-lhe a natureza, e estava seguro de que ela nunca descansaria, até que se houvesse esclarecido sobre essa coisa que permanecia ignorada de todos os outros expectadores, até do rei. A única esperança que tinha o jovem, de agir de maneira certa e segura, era baseada no bom êxito da princesa em descobrir o mistério; e no momento em que a fitava, percebeu que ela tinha obtido o êxito que ele tanto lhe almejava.

Quando seu rápido e ansioso olhar formulou a pergunta “qual?”, foi para ela tão claro como se, do lugar onde se achava, ele houvesse feito a pergunta em alta voz. Não havia um instante a perder. A pergunta fora feita num relâmpago; deveria ser respondida num outro.

O braço direito da princesa repousava sobre o parapeito almofadado que se estendia à sua frente. Ela levantou a mão, e fez um leve e rápido movimento para a direita. Ninguém, a não ser seu amado, viu esse gesto. Todos os olhos, a não ser os dele, estavam fixos no homem que se encontrava no centro da arena.

Ele voltou-se, e com passo firme e rápido atravessou o espaço vazio. Todos os corações pararam de bater, toda respiração foi suspensão. Sem a menor hesitação, ele dirigiu-se à porta da direita, e abriu-a.

A questão, agora, é esta: Foi o tigre que saiu daquela porta? Ou foi a dama?

Quanto mais refletimos sobre a questão, tanto mais difícil se torna o responder. Ela envolve um estudo do coração humano, que nos conduz através os mais extraviados labirintos de paixões, fora dos quais é difícil achar um caminho. Pense nela, honrado leitor, não como se a resposta à questão dependesse de você mesmo, mas daquela princesa de sangue ardente e semibárbara, com a alma aquecida ao branco, sob os fogos combinados do desespero e do ciúme. Ela o tinha perdido. Mas quem o possuiria?

Quantas vezes, nas suas horas de vigília e nos seus sonhos, tinha ela estremecido de desenfreado horror, e havia coberto a face com as mãos, quando pensava no seu amado abrindo a porta, do outro lado da qual o esperavam as garras cruéis do tigre!

Mas vezes sem conta ela o tinha visto na outra porta! Nos seus mortificantes devaneios, tinha rangido os dentes e arrancado os cabelos, ao ver o tremor de arrebatadora satisfação que se apossava dele, quando abria a porta da dama! Como a sua alma ardera na agonia, ao vê-lo lançar-se ao encontro daquela mulher, que ostentava uma face ruborizada e um fascinante olhar de triunfo; ao vê-lo conduzindo-a para fora, com todo o seu corpo abrasado na

alegria da vida recuperada; ao ouvir os brados alegres da multidão e o desenfreado e festivo repicar dos sinos; ao ver o sacerdote, com sua alegre comitiva, avançando até onde se achava o par, para fazê-los marido e mulher diante dos seus próprios olhos; e ao vê-los afastarem-se, juntos, pisando o seu caminho de flores, acompanhados pelos tremendos brados da alegre multidão, onde um único grito de desespero — o dela — ficara perdido e afogado! E aquele terrível tigre, aqueles gritos, aquele sangue! Não seria melhor que ele morresse de uma vez, e que fosse esperar por ela nas bem-aventuradas regiões da sua semibárbara vida futura?

A sua decisão tinha sido tomada depois de dias e noites de angustiosa deliberação. Sabia que ele lhe faria aquela pergunta, e tinha decidido o que lhe responderia. Sem a mais leve hesitação, havia movido a sua mão para a direita.

A decisão constitui um ponto que não deve ser levianamente considerado; e eu não me julgo a pessoa capaz de responder à questão. Assim, deixo-a para você, leitor: quem saiu da porta aberta — a dama ou o tigre?

Sobre o Autor

Frank Richard Stockton nasceu em 5 de abril de 1834 e faleceu em 20 de abril de 1902. Natural da Filadélfia, Stockton era filho de um ministro metodista proeminente, que de o desencorajava a uma carreira de escritor. Durante anos de sua vida, ele viveu com um centavo por dia para ajudar a sustentar sua família. Esse dinheiro era suficiente para comprar uma fatia de pão e carne para o jantar. Em 1867 começou a escrever para um jornal fundado por seu irmão. Seu primeiro conto de fadas "Ting-a-ling", foi publicado na revista *Riversid*, e sua coleção de livros apareceu pela primeira vez em 1870. Foi um escritor e humorista americano, mais conhecido hoje por uma série de contos infantis inovadores de fadas, que foram muito populares durante as últimas décadas do século 19. Um de seus grandes sucessos foi a novela episódica "Leme

Grange”, vinhetas narrando as desventuras de um casal recém-casado.

PESADELO A 20.000 PÉS – Richard Matheson

Cinto de segurança, por favor — disse a aeromoça alegremente ao passar por ele.

Quase ao mesmo tempo, o sinal acima da divisória que levava ao compartimento dianteiro e acendeu — APERTAR CINTO DE SEGURANÇA — e, logo abaixo, PROIBIDO FUMAR.

Depois de uma profunda tragada, Wilson exalou a fumaça em etapas e, em seguida, apagou o cigarro no cinzeiro do braço da poltrona com pancadinhas frenéticas.

Lá fora, um dos motores tossiu monstruosamente, soltando uma nuvem de fumaça que se dispersou no ar da noite. A fuselagem começou a tremer e Wilson, olhando pela janela, viu o jato de chamas jorrando brandamente na cela do motor. O segundo motor tossiu, rugiu, e sua hélice em rotação imediatamente se tornou um borrão indiscernível. Com uma submissão tensa, Wilson apertou o cinto em seu colo.

Agora, todos os motores estavam funcionando e a cabeça de Wilson vibrava em uníssono com a fuselagem. Sentou-se rigidamente, olhando para a poltrona da frente, enquanto o DC-7 taxiava, aquecendo a noite com a trovejante explosão de seus escapes.

Na cabeceira da pista, ele parou. Wilson espiou através da janela as luzes brilhantes do gigantesco terminal. No fim da manhã, pensou ele, de banho tomado e com roupas limpas, estaria sentado no escritório de mais um contato para discutir mais um acordo, cujo resultado líquido nada acrescentaria à história da humanidade. Isso tudo era tão inútil...

Wilson perdeu o fôlego quando os motores iniciaram o aquecimento na corrida de preparação para a decolagem. O som, já alto, tornou-se ensurdecedor.

Ondas de som que se chocavam contra os ouvidos de Wilson como golpes de marreta.

Ele abriu a boca para diminuir a pressão. Seus olhos estampavam agonia e as mãos contraíram-se como garras.

Assustou-se e encolheu as pernas ao sentir um toque em seu braço.

Virando rapidamente a cabeça, viu a aeromoça que o recebera na porta. Sorvia para ele.

— O senhor está bem? — ele mal escutou as palavras.

Wilson apertou os lábios e agitou a mão para ela como se a estivesse afastando. Ela lhe sorriu afetadamente e fechou a cara ao virar-se e ir embora.

O avião pôs-se em movimento. A princípio, letargicamente, como um gigante se esforçando para vencer o próprio peso. Depois, com mais velocidade, começando a superar o atrito que o embaraçava. Wilson, virando-se para a janela, viu a pista escura precipitar-se cada vez mais rápido. Houve um ruído mecânico na borda de fuga da asa, quando os flaps foram baixados.

Então, imperceptivelmente, as imensas rodas perderam contato com o solo, a terra começou a se afastar. Árvores passavam velozmente lá embaixo, construções, o brilho prateado dos faróis dos carros. O DC-7 pendeu lentamente para a direita, elevando-se em direção ao brilho gelado das estrelas.

Por fim, estabilizou-se e os motores pareceram calar até que os ouvidos de Wilson se adaptassem e percebessem o murmúrio de sua velocidade de cruzeiro. Um alívio momentâneo diminuiu a tensão em seus músculos, comunicando-lhe uma sensação de bem-estar. O pior já passara. Wilson permaneceu imóvel, olhos fixos no sinal PROIBIDO FUMAR, até que se apagou e, então, rapidamente, ele acendeu um cigarro.

Alcançou o revestimento do encosto da poltrona da frente e tirou dali o seu jornal.

Como de costume, o mundo estava em um estado semelhante ao seu. Atrito nos círculos diplomáticos, terremotos e tiros,

assassinatos, estupros, tornados e colisões, conflitos comerciais, banditismo. Deus está no céu, tudo certo com o mundo, pensou Arthur Jeffrey Wilson.

Quinze minutos mais tarde, deixou o jornal de lado. O estômago o incomodava terrivelmente. Checou os avisos ao lado dos dois lavatórios. Em ambos, lia-se: OCUPADO.

Apagou seu terceiro cigarro desde a decolagem e, desligando a luz do teto, olhou pela janela.

Ao longo da cabine, as pessoas já estavam apagando suas luzes e reclinando suas poltronas para dormir. Wilson consultou o relógio. Onze e vinte da noite. Suspirou, cansado.

Como previra, as pílulas que havia tomado antes do embarque não tinham surtido efeito.

Levantou-se bruscamente ao notar que uma mulher estava saindo do banheiro.

Apanhou sua valise de mão e meteu-se pelo corredor.

Seu organismo, como sempre, não cooperava. Wilson deixou escapar um gemido cansado e endireitou a roupa. Após lavar as mãos e o rosto, retirou o nécessaire da valise e espremeu um filamento de creme dental na escova.

Enquanto escovava os dentes, apoiando-se com a outra mão na fria divisória, olhou para fora. Divisava, a alguns metros, o azul-claro do propulsor interno. Wilson imaginou o que aconteceria se aquilo se desprendesse e, como uma lâmina de três gumes, viesse em sua direção e o fatiasse.

Sentiu um súbito aperto no estômago. Wilson engoliu instintivamente e a saliva que lhe desceu pela garganta estava misturada ao creme dental. Engasgando, virou-se e cuspiu na pia; então, rapidamente, lavou a boca e bebeu um gole. Meu Deus, se ao menos pudesse ter ido de trem, em seu próprio compartimento, talvez um passeio descontraído até o vagão-restaurant, onde se acomodaria em uma poltrona confortável, com uma bebida e uma revista. Mas não se tem tempo ou sorte neste mundo.

Estava prestes a guardar o nécessaire quando bateu os olhos em um envelope impermeável dentro da valise. Hesitou um instante e,

então, apoiando a pequena valise sobre a pia, retirou dela o envelope e o abriu sobre o colo.

Permaneceu ali sentado, contemplando a lustrosa simetria da pistola.

Trazia-a consigo há quase um ano. No começo, a ideia lhe havia ocorrido por causa do dinheiro que transportava, como proteção contra assaltos, segurança contra as gangues de adolescentes das cidades que precisava visitar.

Contudo, lá no fundo, sempre soube que tais motivos não passavam de desculpa para a verdadeira razão. Razão na qual pensava cada vez mais. Como seria simples se... aqui, agora...

Wilson fechou os olhos e engoliu rapidamente. Ainda podia sentir o gosto do creme dental na boca, uma leve ardência nas gengivas causada pela menta. Apoiou-se no lavatório frio, a arma lubrificada descansando em suas mãos. Até que, de repente, começou a tremer de maneira descontrolada.

Deus, deixe-me ir! - sua mente gritou abruptamente.

Deixe-me ir, deixe-me ir. Mal se reconhecia naquele choramingar que escutava. De súbito, Wilson endireitou o corpo. Lábios apertados, reembalou a pistola e meteu-a na valise, colocou a nécessaire sobre ela e fechou a maleta. Pondo-se de pé, abriu a porta e saiu, dirigindo-se apressadamente para seu assento, sentando-se e deslizando a valise ao seu devido lugar.

Apertou o botão do braço da poltrona e empurrou-se para trás. Era um homem de negócios e tinha um negócio a ser fechado no dia seguinte.

Simples assim.

O corpo precisava de repouso e ele lhe daria o repouso necessário.

Vinte minutos depois, Wilson voltou a pressionar o botão, fazendo o encosto de sua poltrona retornar lentamente para a posição vertical; seu rosto era a máscara da aceitação da derrota. Por que lutar? - pensou. Era óbvio que permaneceria acordado. Seria assim e ponto-final.

Tinha acabado metade das palavras cruzadas antes de largar o jornal em seu colo.

Seus olhos estavam cansados demais. Endireitou-se no assento, estalou os ombros, esticou os músculos das costas. *E agora?* pensou.

Não queria ler, não conseguia dormir. E tinha ainda pela frente — consultou o relógio — sete ou oito horas antes de chegar a Los Angeles. Como iria passá-las? Olhou ao longo da cabine e viu que, com exceção de um único passageiro no compartimento dianteiro, todos estavam dormindo.

Foi tomado por uma súbita e avassaladora fúria e desejou gritar, atirar alguma coisa longe, bater em alguém. Cerrou os dentes com tanta força que lhe doeu o maxilar; Wilson afastou as cortinas com as mãos trêmulas e espiou pela janela, com um olhar assassino.

Lá fora, viu as luzes da asa piscando, os sinistros lampejos de escape do motor. Lá estava ele, percebeu, vinte mil pés acima da terra, preso em uma concha mortal e barulhenta, atravessando a noite gélida em direção...

Wilson estremeceu quando um relâmpago clareou o céu, inundando a asa com sua falsa luz do dia. Engoliu em seco. Haveria uma tempestade?

A ideia de chuva e ventos fortes atingindo o avião como uma casca de noz no mar do céu não era nada agradável. Wilson não era um bom passageiro.

Movimento em excesso o deixava enjoado. Devia ter tomado outro anti-histamínico por precaução. E, naturalmente, sua poltrona estava localizada junto à porta de emergência.

Pensou na eventualidade de ela se abrir acidentalmente e sobre ele ser sugado do avião, caindo, gritando.

Wilson piscou e balançou a cabeça. Sentiu um ligeiro formigamento na nuca quando se aproximou da janela ainda mais e olhou para fora. Ficou ali sentado, imóvel, com os olhos semicerrados para enxergar melhor. Poderia jurar que...

De repente, sentiu uma violenta contração nos músculos do estômago e arregalou os olhos.

Havia alguma coisa rastejando na asa.

Wilson sentiu uma náusea repentina. Meu Deus, será que algum cão ou gato havia rastejado para o avião antes da decolagem e, de alguma forma, conseguira se segurar? Era uma ideia angustiante. O pobre animal estaria louco de pavor. No entanto, como seria possível que descobrisse locais onde se agarrar na superfície lisa e açoitada pelo vento? Certamente era impossível.

Talvez, no fim das contas, fosse apenas um pássaro ou...

Outro raio iluminou o céu e Wilson viu que era um homem.

Não conseguia se mover. Estupefato, ficou olhando a forma preta rastejar pela asa.

Impossível. Em algum lugar, envolta em camadas de choque, uma voz se pronunciou, mas Wilson não ouviu. Não tinha consciência de coisa alguma, exceto do colossal pulo que deu seu coração e do homem lá fora.

De repente, como se houvesse levado um banho de água fria, houve uma reação; sua mente saltou para o abrigo de uma explicação. Um mecânico que, por algum descuido incrível, fora levado junto com o avião.

Conseguira se agarrar a ele, mesmo que o vento lhe houvesse arrancado as roupas, mesmo que a atmosfera fosse rarefeita e próxima de zero.

Wilson não se deu tempo para refutação. Pondo-se de pé num pulo, gritou:

— Aeromoça! Aeromoça! — sua voz ecoou pela cabine. Ele apertou com decisão o botão para chamá-la.

— Aeromoça!

Ela veio correndo pelo corredor com ar de preocupação. Quando se deparou com a expressão em seu rosto, parou onde estava.

— Há um homem lá fora! Um homem! — Wilson gritou.

— O quê? -a pele em torno dos olhos e as bochechas da aeromoça se contraíram.

— Olhe, olhei — com a mão trêmula, Wilson caiu de volta na poltrona e apontou para a janela. — Ele está rastejando na...

As palavras terminaram em sua garganta com um engasgo. Não

havia coisa alguma sobre a asa.

Wilson ficou sentado ali, tremendo. Por um momento, antes de se virar, olhou para o reflexo da aeromoça na janela. Havia uma expressão vazia em seu rosto.

Afinal, ele se virou e olhou para ela. Viu seus lábios vermelhos separados, como se estivesse prestes a falar, mas não disse nada, apenas fechou os lábios novamente e engoliu.

Uma tentativa de sorriso distendeu brevemente suas feições.

— Sinto muito — disse Wilson. — Deve ter sido um...

Ele parou, como se a sentença houvesse sido concluída. Do outro lado do corredor, uma adolescente olhava para ele com sonolenta curiosidade. A aeromoça pigarreou:

— Posso-lhe trazer alguma coisa? — perguntou ela.

— Um copo de água — disse Wilson.

A aeromoça virou-se e voltou para o corredor.

Wilson suspirou profundamente e deu as costas para o olhar escrutinador da garota.

Sentia-se da mesma forma. Isso era o que mais o chocava. Onde estava o típico comportamento de louco, as visões, os gritos, os golpes dos punhos apertados contra as têmporas, o arrancar de cabelos?

De repente, fechou os olhos. Havia um homem lá, ele pensou. Havia lealmente um homem lá. E era por essa razão que se sentia assim. E, no entanto, não poderia ter havido um homem lá. Sabia muito bem disso.

Wilson estava sentado com os olhos fechados, imaginando o que Jacqueline estaria fazendo agora, se estivesse no assento ao lado. Será que estaria em silêncio, chocada demais para falar? Ou será que ela, da maneira mais natural do mundo, estaria borboleteando ao redor dele, sorrindo, conversando, fingindo que não tinha visto coisa alguma? O que os seus filhos teriam pensado?

Wilson sentiu um soluço seco ameaçar irromper em seu peito. Oh, Deus...

— Aqui está sua água, senhor.

Contraindo-se fortemente, Wilson abriu os olhos.

— O senhor gostaria de um cobertor? — perguntou a aeromoça.

— Não — ele balançou a cabeça. — Obrigado — acrescentou ele, querendo saber por que estava sendo tão educado.

— Se precisar de alguma coisa, basta chamar — disse ela.

Wilson concordou.

Atrás dele, enquanto permanecia sentado com o copo de água intocado na mão, ouviu as vozes abafadas da aeromoça e de um dos passageiros. Wilson contraiu-se de ressentimento.

Subitamente, abaixou-se com cuidado para não derramar a água e pegou a maleta. Abrindo-a, tirou dali o frasco com as pílulas para dormir e tomou duas.

Amassando o copo vazio, enfiou-o no revestido do encosto da poltrona da frente e, então, sem olhar, correu as cortinas. Pronto, acabou. Uma alucinação não constitui loucura.

Wilson virou-se para o lado direito e tentou estabilizar-se contra o movimento descontínuo do avião. Tinha de esquecer, isso era o mais importante. Não devia ficar pensando naquilo.

Inesperadamente, percebeu que um sorriso irônico se formava em seus lábios. Bom, pelo menos, ninguém poderia acusá-lo de ter alucinações triviais. Em se tratando de alucinações, criara uma de primeira. Um homem nu rastejando na asa de um DC-7 a vinte mil pés, isso era uma quimera digna do mais nobre lunático.

O bom humor desapareceu rapidamente. Wilson sentiu um calafrio. Havia sido tão claro, tão vívido. Como poderiam os olhos enxergar uma coisa que não existe? Como era possível que sua mente pudesse simular o ato físico de enxergar tão perfeitamente? Ele não estava embriagado, nem atordado... e não havia sido uma visão indistinta, etérea. Havia sido claramente tridimensional, como todas as outras coisas que via e sabia que eram reais. Essa era a parte mais assustadora de tudo.

Tinha certeza de que não fora um sonho. Havia olhado para a asa e...

Num impulso, Wilson abriu a cortina.

Não soube, imediatamente, se iria sobreviver. Era como se todo o conteúdo de seu peito e barriga inchassem horivelmente,

comprimindo-lhe a garganta e a cabeça, asfixiando-o, pressionando-lhe os olhos. Preso nessa massa estufada, seu coração pulsava descontroladamente, ameaçando romper-lhe o peito enquanto Wilson permanecia sentado, paralisado.

Distante apenas alguns centímetros, separado dele pela espessura do vidro da janela, o homem olhava para ele.

Era um rosto terrivelmente maligno, não humano. Sua pele era suja, áspera e porosa; o nariz era chato e descorado; os lábios, disformes e rachados, eram mantidos abertos por dentes tortos e descomunais; os olhos pequenos e encovados não piscavam. Tudo isso emoldurado por cabelos emaranhados que lhe brotavam, também, em tufos peludos, das orelhas e do nariz.

Wilson permaneceu colado à poltrona, sem reação. O tempo parou e perdeu o significado.

Todo movimento e capacidade analítica cessaram.

Tudo congelado pelo choque. Apenas o coração continuava, sozinho, seu batimento frenético na escuridão. Wilson não conseguia fazer nada mais do que piscar. Com olhos arregalados, sem fôlego, retribuía o olhar vago da criatura.

Abruptamente, em seguida, fechou os olhos e sua mente, livre da visão, isolou-se. Não está lá, pensou. Dentes cerrados, respiração trêmula.

Não está lá, simplesmente não está lá!

Agarrando-se aos braços da poltrona com mãos crispadas, Wilson se preparou. Não existe homem algum lá fora, disse a si mesmo. Era impossível haver um homem lá fora, agachado na asa, olhando para ele.

Abriu os olhos...

E voltou a se encolher contra o encosto do assento, quase sufocado.

Não apenas o homem ainda estava lá, como também sorria. Wilson apertou os dedos contra as palmas das mãos, cravando-lhes as unhas até doer. Manteve-se assim até não restar dúvida em sua mente de que estava plenamente consciente.

Então, lentamente, com o braço tremulo e dormente, Wilson alcançou o botão para chamar a aeromoça. Não iria cometer o mesmo erro de novo: gritar, levantar-se, alarmar a criatura e deixá-la escapar. Manteve o braço esticado, com um tremor em seus músculos, agora causado pelo pavor, porque o homem estava a observá-lo, os pequenos olhos acompanhando o movimento de seu braço.

Ele pressionou o botão com cuidado uma... duas vezes. Agora, venha, pensou.

Venha com os seus olhos objetivos, e veja o que eu vejo... mas venha depressa.

Na parte traseira da cabine, ouviu-se uma cortina ser afastada e, de repente, seu corpo se enrijeceu. O homem virara a monstruosa cabeça e olhava naquela direção.

Paralisado, Wilson olhou para ele.

Depressa, pensou. Pelo amor de Deus, depressa!

Tudo terminou em segundos. Os olhos do homem voltaram a pousar em Wilson; nos lábios, um sorriso de monstruosa astúcia. Depois, com um salto, ele se foi.

— Pois não, senhor?

Por um momento, Wilson sofreu a angústia da loucura. Seu olhar ficava pulando do local onde o homem estivera, para o rosto inquisitivo da aeromoça, e vice-versa.

Voltou-se para a aeromoça, com respiração ofegante, os olhos deixando transparecer seu desânimo.

— O que aconteceu? — perguntou a aeromoça.

Sua expressão o entregara. Wilson procurou ocultar sua comoção. Ela jamais acreditaria nele. Percebeu num instante.

— Eu... eu peço-lhe desculpas — vacilou. Engoliu tão em seco que sua garganta fez um barulho. Não é nada. Eu... desculpe-me.

A aeromoça, obviamente, não sabia o que dizer. Procurava se equilibrar, uma mão segurando a parte traseira do assento ao lado de Wilson, a outra pendendo frouxamente ao longo da costura da saia. Seus lábios se separaram um pouco como se ela fosse falar, mas não conseguia encontrar as palavras.

— Bem — disse ela, finalmente, limpando a garganta —, se o

senhor... precisar de alguma coisa...

— Sim, sim. Obrigado. Estamos entrando em uma temmenta?

A aeromoça apressou-se em sorrir.

— Apenas uma ligeira tempestade — disse ela. — Nada para se preocupar.

Wilson concordou com pequenos movimentos nervosos. Então, quando a aeromoça se virou, suspirou profundamente, fazendo as narinas tremerem. Tinha certeza de que ela já pensava que ele era louco, mas não sabia o que fazer quanto a isso, porque, em seu curso de formação, não houvera instruções sobre a presença de passageiros que pensam ter visto homenzinhos agachados sobre a asa.

Pensam?

Wilson virou bruscamente a cabeça e olhou para fora. Contemplou a parte escura da asa, o jorro de chamas do escape, as luzes piscando. Havia visto o homem. Como poderia estar completamente consciente de tudo à sua volta, lúcido e são, em todos os sentidos, e ainda assim imaginar uma coisa dessas? Seria lógico, se estivesse perdendo a razão, que a mente, em vez de distorcer toda a realidade, inserisse no intacto arranjo de detalhes uma visão estranha?

Não, não era lógico.

De repente, Wilson pensou sobre a guerra, sobre as notícias do jornal que relatavam a suposta existência de criaturas no céu, que perturbaram os pilotos aliados em suas funções. Chamaram-nos de gremlins, lembrou.

E se tais seres existissem, de fato? Será que realmente existem aqui, nunca caindo, cavalgando o vento, alheios à gravidade, embora aparentando possuir volume e peso?

Estava pensando nisso quando o homem apareceu novamente.

Num segundo, a asa estava vazia. No outro, executando um salto em arco, lá estava a criatura. Parecia não haver impacto na aterrissagem. Um tanto frágil, baixo, braços peludos estendidos como se para manter o equilíbrio.

Wilson encheu-se de tensão. Sim, havia inteligência naquele olhar. O homem — poderia chamá-lo assim? — de algum modo entendia que havia enganado Wilson, fazendo-o chamar a aeromoça em vão. Wilson estremeceu alarmado. Como poderia provar a existência do homem para os outros?

Olhou em volta, desesperadamente. A garota do outro lado do corredor. Se ele a chamasse baixinho, se a despertasse, será que ela seria capaz de...

Não, o homem iria pular fora antes que ela pudesse vê-lo. Provavelmente, para a parte superior da fuselagem, onde ninguém podia vê-lo, nem mesmo os pilotos em sua cabine.

Wilson recriminou-se duramente por não ter comprado a câmera fotográfica que Walter havia pedido. Meu Deus, pensou ele, teria podido tirar uma foto do homem.

Inclinou-se, aproximando-se da janela. O que o homem estaria fazendo?

Subitamente, a escuridão foi dissipada quando o clarão de um relâmpago clareou a asa e Wilson o viu. Como uma criança curiosa, o homem estava agachado na borda da asa, estendendo a mão direita em direção a uma das hélices.

Enquanto Wilson observava, entre fascinado e chocado, a mão do homem foi se aproximando cada vez mais da hélice até que, de repente, ele a recolheu e os lábios do homem se abriram em um grito silencioso. Ele perdeu um dedo!, pensou Wilson, perturbado. Mas, imediatamente, o homem se inclinou outra vez para a frente, os dedos tortos estendidos, parecendo uma criança monstruosa tentando capturar o movimento de uma pá de ventilador.

Se não fosse tão inconvenientemente fora de lugar, seria até divertido observar o homem que, naquele momento, era uma visão cômica: um troll de conto de fadas que ganhara vida, o vento chicoteando-lhe os cabelos da cabeça e o corpo, totalmente concentrado no movimento da hélice. Como poderia ser loucura? Wilson, de repente, pensou. Que auto revelação aquela farsa de horror poderia lhe trazer?

Repetidas vezes, enquanto Wilson observava, o homem se inclinou

para a frente.

Sempre recolhia os dedos, chegando, às vezes, a levá-los à boca, como se para resfriá-los.

E continuamente conferia, olhando por cima do ombro, os movimentos de Wilson. Ele sabe, pensou Wilson. Sabe que esse é um jogo entre nós dois. Se eu for capaz de conseguir que alguém o veja, então ele perde. Se sou a única testemunha, então, ele ganha. A sensação levemente divertida fora embora. Wilson cerrou os dentes. Por que diabos os pilotos não o veem?

Agora, o homem, não mais interessado na hélice, acomodara-se em cima da carenagem do motor, como se estivesse montado num cavalo obeso.

Wilson não tirava os olhos dele. De repente, um calafrio lhe percorreu a espinha. O homenzinho estava mexendo nas placas que revestiam o motor, tentando enfiar as unhas por baixo delas.

Num impulso, Wilson estendeu a mão e apertou o botão para chamar a aeromoça.

Ouvia-a vindo do fundo e, por um segundo, pensou que havia enganado o homem, que parecia absorto em seus esforços. No último momento, entretanto, pouco antes de a aeromoça chegar, o homem olhou para Wilson. Então, como uma marionete, puxada para cima por fios, ele desapareceu.

— Sim? — ela o olhou apreensiva.

— Você poderia se sentar, por favor? — ele perguntou.

Ela hesitou.

— Bem, eu...

— Por favor.

Ela se sentou cautelosamente no assento ao seu lado.

— O que foi, Sr. Wilson? — perguntou ela.

Ele tomou coragem.

— Aquele homem ainda está fora — disse.

A aeromoça olhou para ele.

— A razão pela qual estou lhe dizendo isso — Wilson apressou-se — é que ele está começando a mexer em um dos motores.

Ela voltou os olhos instintivamente na direção da janela.

— Não, não, não olhe — disse ele. — Ele não está lá agora — ele

pigarreou pegajosamente.

— Ele pula fora sempre que você vem aqui.

Foi tomado por uma náusea súbita ao perceber o que ela devia estar pensando. Ao se dar conta do que ele próprio acharia se alguém lhe dissesse algo assim, uma onda de tontura pareceu atravessá-lo e ele pensou: *Estou ficando louco!*

— A questão é — disse ele, lutando contra tal pensamento —, se não estiver imaginando isso, o avião está em perigo.

— Sim — disse a aeromoça.

— Eu sei — disse ele. — Você acha que sou louco.

— Claro que não — disse ela.

— Só peço uma coisa — disse ele, lutando contra a raiva que lhe crescia por dentro —, diga aos pilotos o que eu lhe disse. Peça-lhes para ficarem de olho nas asas. Se não virem nada, tudo bem. Mas se virem...

A aeromoça permaneceu sentada em silêncio, olhando para ele. Wilson cerrou os punhos trêmulos sobre seu colo.

— Então? — ele perguntou.

Ela se pôs de pé.

— Eu vou dizer a eles — respondeu.

Virando-se, ela se deslocou ao longo do corredor com um movimento que foi, para Wilson, mal calculado: muito rápido para ser normal, ainda que obviamente controlado, como para lhe assegurar que ela não estava fugindo. Ele sentiu o estômago se revirar quando olhou para a asa novamente.

De repente, o homem apareceu de novo, aterrissando na asa como um bailarino grotesco.

Wilson pôs-se a observá-lo, enquanto ele voltava a trabalhar, envolvendo a grossa carenagem do motor com as pernas nuas, tentando soltar as placas. *Bem, por que estava tão preocupado?*

Wilson pensou. Aquela miserável criatura não poderia arrancar os rebites com as unhas. Na verdade, não importava se os pilotos o vissem ou não, pelo menos, no que diz respeito à segurança do avião. Quanto às suas próprias razões...

Foi nesse momento que o homem conseguiu levantar um lado de uma placa.

Wilson abriu a boca de surpresa.

— Aqui, rápido! — gritou ele, notando que, lá na frente, a comissária de bordo e o piloto saíam da cabine.

Os olhos do piloto desviaram-se para Wilson e, de repente, ele ultrapassou a aeromoça e correu pelo corredor com certa dificuldade devido à turbulência.

— Depressa!

Wilson gritou. Ele olhou para fora da janela a tempo de ver o homem saltando para cima.

Aquilo não importa agora. Não haveria provas.

— O que está acontecendo? — perguntou o piloto, parando ofegante ao lado de seu assento.

— Ele rasgou uma das placas de motor! — disse Wilson, com voz trêmula.

— Quem fez o quê?

— O homem lá fora! — disse Wilson. — Estou lhe dizendo que ele...

— Sr. Wilson, fale baixo! — ordenou o piloto. Wilson abriu a boca, sem ação.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui — disse o piloto —, mas...

— Você vai verificar? — gritou Wilson.

— Sr. Wilson, estou avisando-o.

— Pelo amor de Deus!

Wilson engoliu em seco rapidamente, tentando reprimir a raiva cega que sentia. De repente, deixou-se cair na poltrona e apontou para a janela com a mão paralisada.

— Pelo amor de Deus, será que você pode olhar? — perguntou ele. Com a respiração alterada, o piloto se inclinou. Num instante, seu olhar desviou-se friamente para Wilson.

— Então? — perguntou.

Wilson sacudiu a cabeça. As placas estavam em sua posição normal.

— Espere um instante — disse ele, antes de perder a coragem.

— Eu o vi erguer aquela placa.

— Sr. Wilson, se o senhor não..

— Eu disse que o vi erguê-la — disse Wilson.

O piloto ficou ali parado, olhando para ele quase da mesma forma reticente, quase horrorizada, que a aeromoça o havia olhado antes. Wilson tremeu violentamente.

— Escute, eu vi! — gritou.

A falha repentina na voz o alarmou.

Em um segundo, o piloto estava ao lado dele.

— Sr. Wilson, por favor — disse ele. — Tudo bem, o senhor o viu. Mas lembre-se de que há outras pessoas a bordo. Não devemos alarmá-las.

A princípio, Wilson estava muito abalado para compreender.

— Você quer dizer que já o viu, então? — perguntou.

— Claro — disse o piloto —, mas nós não queremos assustar os passageiros. O senhor entende, não é?

— Claro, claro, eu não quero...

Wilson sentiu uma câibra na virilha e na parte inferior do abdômen.

De repente, apertou os lábios e olhou para o piloto, com olhos maliciosos.

— Eu compreendo — disse ele.

— A única coisa que temos de lembrar... — começou o piloto.

— Podemos parar agora — disse Wilson.

— Como, senhor?

Wilson estremeceu.

— Saiam daqui — disse ele.

— Sr. Wilson, o quê?

— Quer parar, por favor?

Com a face lívida, Wilson desviou a vista do piloto e olhou para a asa, com um olhar vidrado.

Subitamente, olhou para trás.

— Tenha certeza de que eu não direi mais nada! — disse de chofre.

— Sr. Wilson, tente compreender a nossa...

Wilson se virou e ficou vigiando o motor com uma expressão

terrível.

Pelo canto dos olhos, viu dois passageiros em pé no corredor olhando para ele.

Idiotas!, explodiu por dentro. Sentiu as mãos começarem a tremer e, por alguns segundos, pensou que fosse vomitar. E o movimento, disse para si mesmo.

O avião balançava agora como um barco castigado por uma tempestade em alto-mar.

Ajustou o foco dos olhos e examinou o reflexo do piloto na janela, que ainda estava falando com ele. Ao lado dele, a aeromoça, muda e carrancuda. *Idiotas cegos! Os dois!*, pensou Wilson. Ele não deu mostras de notar quando os dois se retiraram. Pelo reflexo na janela, viu quando foram para a parte traseira da cabine. Agora vão discutir sobre mim, pensou. Estabelecer planos para o caso de eu me tornar violento.

Agora, desejava que o homem reaparecesse, retirasse a placa da carenagem e estragasse o motor. Deu-lhe uma sensação de prazer vingativo saber que só ele se interpunha entre a catástrofe e as mais de trinta pessoas a bordo. Se quisesse, poderia permitir que a catástrofe acontecesse. Wilson sorriu sem humor. Isso sim seria um senhor suicídio, pensou.

O homenzinho desceu de novo e Wilson constatou que o que pensara estava correto: o homem havia pressionado a placa de volta ao lugar antes de pular fora. Por esse motivo, agora, ele a estava erguendo novamente e o fazia com facilidade, descascando-a para trás como pele extirpada por algum grotesco cirurgião. A asa sacudia violentamente, mas o homem parecia não ter dificuldade para se manter equilibrado.

Mais uma vez, Wilson sentiu-se em pânico. O que fazer? Ninguém acreditava nele. Se tentasse convencê-los, provavelmente iriam segurá-lo a força. Se pedisse à aeromoça para se sentar ao lado dele, seria, na melhor das hipóteses, apenas um alívio momentâneo. No instante em que fosse embora ou se permanecesse e dormisse, o homem voltaria. Mesmo que ficasse acordada ao lado dele, acaso isso evitaria que o homem sabotasse

os motores na outra asa?

Wilson estremeceu, sentindo um calafrio percorrer seus ossos.

Meu Deus, não há nada a fazer.

Ele se contraiu ao notar pelo reflexo na janela, através da qual ele observava o homenzinho, que o piloto passava por ele. A loucura do momento tornou possível que o homenzinho e o piloto ficassem a poucos metros um do outro, ambos vistos por ele, embora sem tomarem conhecimento um do outro. Não é verdade. O homenzinho olhara por cima de seu ombro quando o piloto passou. Como se soubesse que não havia necessidade de saltar mais, que a capacidade de Wilson interferir chegara ao fim.

Wilson de repente estremeceu de cólera. Eu vou matar você!, pensou, seu animalzinho imundo, eu vou matar você!

Lá fora, o motor vacilou.

Durou apenas um segundo, mas, nesse segundo, pareceu a Wilson que seu coração também parara.

Colou-se contra a janela, olhando fixamente. O homem havia curvado a placa da carenagem bem para trás e agora estava de joelhos, enfiando a mão curiosa no motor.

— Não — Wilson ouviu o gemido de sua própria voz, implorando. - Não.

Novamente, o motor falhou. Wilson olhou em torno horrorizado.

Eram todos surdos? Ergueu a mão para apertar o botão e chamar a aeromoça, mas em seguida desistiu. Não, iriam prendê-lo ou restringi-lo de alguma maneira.

E ele era o único que sabia o que estava acontecendo, a única pessoa que poderia ajudar.

Deus... Wilson mordeu o lábio inferior até que a dor o fez choramingar. Ele virou-se de novo e estremeceu. A aeromoça estava correndo pelo corredor balançante. Ela tinha ouvido!

Ele olhou-a fixamente e viu-a relanceá-lo ao passar por sua poltrona.

Ela parou três lugares adiante no corredor. *Alguém mais havia*

ouvido!

Wilson observou a aeromoça inclinar-se para falar com o passageiro, que ele não conseguia ver de onde estava. Lá fora, o motor tossiu novamente. Wilson sacudiu cabeça e olhou para fora horrorizado, espremendo os olhos para enxergar melhor.

— Desgraçado! — gemeu.

Virou-se novamente e viu a aeromoça voltando pelo corredor. Não parecia assustada.

Wilson encarou-a com olhos incrédulos. Não era possível. Girou na poltrona para seguir seus passos incertos e viu-a entrar na cozinha.

— Não.

Wilson tremia tanto agora que já não conseguia parar. Ninguém escutara.

Ninguém sabia.

De repente, Wilson curvou-se e puxou sua valise de mão debaixo da poltrona. Abriu o zíper, retirou dali sua pasta e jogou-a sobre o carpete.

Então, curvando-se novamente, pegou o envelope com superfície encerada e se endireitou.

Com o canto dos olhos, viu que a aeromoça voltava e empurrou a valise para baixo do assento com os pés, escondendo o envelope entre si e o braço da poltrona. Sentou-se ereto, com a respiração agitada fazendo seu peito estremecer, esperando ela passar.

Então, puxou o envelope, depositou-o no colo e o abriu. Seus movimentos eram tão febris que quase deixou cair a pistola.

Pegou-a pelo cano e, em seguida, agarrou-a com força pelo punho e soltou a trava de segurança. Olhou para fora e esfriou.

O homem estava olhando para ele.

Wilson apertou os lábios trêmulos. Era impossível que o homem soubesse o que pretendia.

Engoliu em seco e tentou recuperar o fôlego. Desviou o olhar para onde a aeromoça entregava algumas pílulas para o passageiro lá adiante e, então, voltou a olhar para a asa. O homem estava

voltando para o motor, uma vez mais, enfiando a mão em seu interior.

Wilson apertou a pistola. Começou a erguê-la.

De repente, baixou-a. A janela era muito grossa. A bala poderia ser desviada e matar um dos passageiros. Ele estremeceu e ficou olhando o homenzinho. O motor falhou novamente e Wilson viu uma erupção de faíscas iluminarem as feições animais do homem. Encheu-se de coragem.

Só havia uma solução.

Olhou para a maçaneta da porta de emergência. Havia uma tampa transparente sobre ela.

Wilson puxou-a e ela caiu. Olhou para fora. O homem ainda estava lá, agachado e sondando o motor com a mão. Wilson, trêmulo, respirou fundo. Colocou a mão esquerda na maçaneta da porta e testou-a. Não se movia para baixo. O movimento correto era para cima.

De repente, Wilson largou-a e colocou a arma sobre o colo. Não há tempo para discussão, disse a si mesmo. Com as mãos trêmulas, afivelou o cinto em suas coxas.

Quando a porta fosse aberta, haveria uma tremenda depressurização e o ar seria sugado para fora. Para a segurança do avião, ele não deveria ser arrastado. Agora.

Wilson pegou a pistola novamente, com o coração disparado. Teria de ser rápido, preciso.

Se errasse, o homem poderia saltar para a outra asa ou, pior ainda, para a cauda, onde, inatingível, poderia romper os fios, destruir os flapes, desequilibrar totalmente o avião. Não, essa era a única maneira. Tinha de atirar baixo e tentar atingir o homem no peito ou na barriga.

Wilson encheu seus pulmões de ar.

Agora, pensou.

Agora.

A aeromoça veio correndo pelo corredor, quando Wilson começou a

erguer a maçaneta.

Por um instante, congelada em seus passos, não conseguiu falar. Uma expressão de horror e estupefação distorcia suas feições e ela levantou uma mão, como que implorando. Então, de repente, sua voz estridente fez-se ouvir acima do ruído dos motores.

— Sr. Wilson, não!

— Volte! — gritou Wilson e girou a maçaneta para cima.

A porta simplesmente desapareceu. Num segundo, estava ao seu lado, sob o toque de sua mão. No outro, com um barulho sibilante, tinha desaparecido.

No mesmo instante, Wilson se sentiu envolvido por uma poderosa sucção que tentava separá-lo de seu assento. Sua cabeça e ombros ficaram para fora da cabine e, de repente, ele respirava o ar tênue e frio. Por um momento, com os tímpanos quase estourando por causa do rugido dos motores, os olhos cegos pelos ventos árticos, ele esqueceu o homem. Pareceu-lhe ouvir um grito ao longe, em meio ao turbilhão que o cercava.

Então, Wilson viu o homem.

Estava atravessando a asa, a forma retorcida inclinada para a frente, as mãos que mais pareciam garras estendidas com avidez. Wilson ergueu o braço e disparou. A explosão foi como um estalo em meio ao violento bramido do ar. O homem cambaleou, atacou e Wilson sentiu a cabeça doer.

Atirou de novo, à queima-roupa, viu o homem vacilar para trás e, então, de repente, desaparecer sem mais solidez do que um boneco de papel varrido por um vendaval.

Wilson sentiu uma dormência apoderar-se de seu cérebro.

Sentiu que lhe arrancavam a pistola dos dedos.

Então, tudo se perdeu na escuridão invernal.

Ele se mexeu e resmungou. Um calor corria por suas veias, seus membros pareciam de chumbo. No escuro, podia ouvir um som cadenciado, um delicado redemoinho de vozes.

Estava deitado de costas em algo que se movimentava e trepidava. Um vento frio soprava sobre o seu rosto. Ele sentiu a inclinação da superfície abaixo dele.

Suspirou. O avião havia pousado e ele estava sendo levado em

uma maca. Sua cabeça estava machucada e, provavelmente, recebera uma injeção para se acalmar.

— Que maneira mais idiota de tentar se suicidar, nunca ouvi falar em algo assim — disse alguém em algum lugar.

Wilson achou engraçado. Quem falou aquilo estava errado, claro. Como logo seria constatado, quando o motor fosse analisado e examinassem o ferimento em sua cabeça com mais atenção. Então, concluiriam que ele salvara a todos. Wilson dormiu sem sonhos.

A CHINELA TURCA – Machado de Assis

Vede o bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu, e tinha duas razões para isso. A primeira era ser o major, em qualquer ocasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que ele preparava se justamente para ir ver, em um baile, os mais finos cabelos loiros e os mais pensativos olhos azuis que este nosso clima, tão avaro deles, produzira.

Datava de uma semana aquele namoro. Seu coração deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que eles pontualmente transmitiram à moça, dez minutos antes da ceia, recebendo favorável resposta logo depois do chocolate. Três dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo jeito que levavam as coisas não era de admirar que, antes do fim do ano, estivessem ambos a caminho da igreja. Nestas circunstâncias, a chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade.

Velho amigo da família, companheiro de seu finado pai no exército, tinha jus o major a todos os respeitos. Impossível despedi-lo ou tratá-lo com frieza. Havia felizmente uma circunstância atenuante; o major era aparentado com Cecília, a moça dos olhos azuis; em caso de necessidade, era um voto seguro.

Duarte enfiou um chambre e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e os olhos fitos no ar, parecia totalmente alheio à chegada do bacharel.

Que bom vento o trouxe a Catumbi a semelhante hora? perguntou Duarte, dando à voz uma expressão de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom-tom.

Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu o major sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho; sei que foi um vento rijo. Vai sair?

Vou ao Rio Comprido.

Já sei; vai à casa da viúva Meneses. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo, não?

Lopo Alves tirou o relógio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se, deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.

Um drama! exclamou o bacharel.

Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há mais remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza.

Duarte recordou-se de que efetivamente o major falava noutro tempo de alguns discursos inaugurais, duas ou três nênias e boa soma de artigos que escrevera acerca das campanhas do Rio da Prata. Havia porém muitos anos que Lopo Alves deixara em paz os generais platinos e os defuntos; nada fazia supor que a moléstia volvesse, sobretudo caracterizada por um drama. Esta circunstância explicá-la-ia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves algumas semanas antes, assistira à representação de uma peça do gênero ultrarromântico, obra que lhe agradou muito e lhe sugeriu a ideia de afrontar as luzes do tablado.

Não entrou o major nestas minuciosidades necessárias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramática do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentais do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sair triunfante naquela estreia, prometeu que o recomendaria a alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empalideceu quando viu o major, trêmulo de bem-aventurança, abrir o rolo que trazia consigo.

- Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito o obséquio que me promete; antes dele, porém, desejo outro. Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste trabalho. Não lhe peço elogios, exijo franqueza e franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem rebuliço.

Duarte procurou desviar aquele cálice de amargura; mas era difícil pedi-lo, e impossível alcançá-lo. Consultou melancolicamente o relógio, que marcava nove horas e cinquenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

- Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei o que são rapazes e o que são bailes. Descanse que ainda hoje dançará duas ou três valsas com *e/a*, se a tem, ou com elas. Não acha melhor irmos para o seu gabinete?

Era indiferente, para o bacharel, o lugar do suplício; acedeu ao desejo do hóspede. Este, com a liberdade que lhe davam as relações, disse ao moleque que não deixasse entrar ninguém. O algoz não queria testemunhas. A porta do gabinete fechou-se; Lopo Alves tomou lugar ao pé da mesa, tendo em frente o bacharel, que mergulhou o corpo e o desespero numa vasta poltrona de marroquim, resoluto a não dizer palavra para ir mais depressa ao termo.

O drama dividia-se em sete quadros. Esta indicação produziu um calafrio no ouvinte. Nada havia de novo naquelas cento e oitenta páginas, senão a letra do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as *ficelles*, e até o estilo dos mais acabados tipos do romantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhar as suas reminiscências. Noutra ocasião, a obra seria um bom passatempo. Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dois embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjetivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano do sétimo. Além da morte aparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento.

Eram quase onze horas quando acabou a leitura deste segundo quadro. Duarte mal podia conter a cólera; era já impossível ir ao Rio Comprido. Não é fora de propósito conjecturar que, se o major expirasse naquele momento, Duarte agradecia a morte como um benefício da Providência. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda mais espantosos.

Acresce que, enquanto aos olhos carnavais do bacharel aparecia em toda a sua espessura a grenha de Lopo Alves, fugiam-lhe ao espírito os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecília; via-a com os olhos azuis, a tez branca e rosada, o gesto delicado e gracioso, dominando todas as demais damas que deviam estar no salão da viúva Meneses.

Via aquilo, e ouvia mentalmente a música, a palestra, o soar dos passos, e o ruído das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desfiando os quadros e os diálogos, com a impassibilidade de uma grande convicção.

Voava o tempo, e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete. Duarte quis chamá-lo, mas o pasmo tolhera-lhe a voz e os movimentos.

Quando pôde dominar-se, ouviu o bater do tacão rijo e colérico do dramaturgo na pedra da calçada.

Foi à janela; nada viu nem ouviu; autor e drama tinham desaparecido.

- Por que não fez ele isso a mais tempo? disse o rapaz suspirando.

O suspiro mal teve tempo de abrir as asas e sair pela janela fora, em demanda do Rio Comprido, quando o moleque do bacharel veio anunciar-lhe a visita de um homem baixo e gordo.

A esta hora? exclamou Duarte.

A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou a qualquer hora, pode a polícia entrar na casa do cidadão, uma vez que se trata de um delito grave.

Um delito!

Creio que me conhece...

Não tenho essa honra.

Sou empregado na polícia.

Mas que tenho eu com o senhor? De que delito se trata?

Pouca coisa: um furto. O senhor é acusado de ter subtraído uma

chinela turca. Aparentemente não vale nada ou vale pouco a tal chinela. Mas há chinela e chinela. Tudo depende das circunstâncias.

O homem disse isto com um riso sarcástico, e cravando no bacharel uns olhos de inquisidor. Duarte não sabia sequer da existência do objeto roubado. Concluiu que havia equívoco de nome, e não se zangou com a injúria arrogada à sua pessoa, e de algum modo à sua classe, atribuindo-se-lhe a ratonice. Isto mesmo disse ao empregado da polícia, acrescentando que não era motivo, em todo caso, para incomodá-lo a semelhante hora.

- Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela de que se trata vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finíssimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa. Não é turca só pela forma, mas também pela origem.

A dona, que é uma de nossas patrícias mais viajeiras, esteve, há cerca de três anos no Egito, onde a comprou a um judeu. A história, que este aluno de Moisés referiu acerca daquele produto da indústria muçulmana, é verdadeiramente miraculosa, e, no meu sentir, perfeitamente mentirosa. Mas não vem ao caso dizê-la. O que importa saber é que ela foi roubada e que a polícia tem denúncia contra o senhor.

Neste ponto do discurso, chegara-se o homem à janela; Duarte suspeitou que fosse um doido ou um ladrão. Não teve tempo de examinar a suspeita, porque dentro de alguns segundos, viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram, escada abaixo, sem embargo dos gritos que soltava e dos movimentos desesperados que fazia. Na rua havia um carro, onde o meteram à força. Já lá estava o homem baixo e gordo, e mais um sujeito alto e magro, que o receberam e fizeram sentar no fundo do carro. Ouviu-se estalar o chicote do cocheiro e o carro partiu à desfilada.

- Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava que podia impunemente furtar chinelas turcas, namorar moças louras, casar

talvez com elas... e rir ainda por cima do gênero humano.

Ouvindo aquela alusão à dama dos seus pensamentos, Duarte teve um calafrio. Tratava-se, ao que parecia, de algum desforro de rival suplantado. Ou a alusão seria casual e estranha à aventura? Duarte perdeu-se num cipoal de conjeturas, enquanto o carro ia sempre andando a todo galope. No fim de algum tempo, arriscou uma observação.

– Quaisquer que sejam os meus crimes, suponho que a polícia...

– Nós não somos da polícia, interrompeu friamente o homem magro.

– Ah!

– Este cavalheiro e eu fazemos um par. Ele, o senhor e eu fazemos um terno. Ora, terno não é melhor que par; não é, não pode ser. Um casal é o ideal. Provavelmente não me entendeu?

– Não, senhor.

– Há de entender logo mais.

Duarte resignou-se à espera, enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo, e deixou correr o carro e a aventura. Obra de cinco minutos depois estacavam os cavalos.

- Chegamos, disse o homem gordo.

Dizendo isto, tirou um lenço da algibeira e ofereceu-o ao bacharel para que tapasse os olhos. Duarte recusou, mas o homem magro observou-lhe que era mais prudente obedecer que resistir. Não resistiu o bacharel; atou o lenço e apeou-se. Ouviu, daí a pouco, ranger uma porta; duas pessoas, - provavelmente as mesmas que o acompanharam no carro, - seguraram -lhe as mãos e o

conduziram por uma infinidade de corredores e escadas. Andando, ouvia o bacharel algumas vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas. Afinal pararam; disseram-lhe que se sentasse e destapassem os olhos. Duarte obedeceu; mas ao desvendar-se, não viu ninguém mais.

Era uma sala vasta, assaz iluminada, trastejada com elegância e opulência. Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; contudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.

Os bronzes, charões, tapetes, espelhos, - a cópia infinita de objetos que enchiam a sala, era tudo da melhor fábrica. A vista daquilo restituiu a serenidade de ânimo ao bacharel; não era provável que ali morassem ladrões.

Reclinou-se o moço indolentemente na otomana... Na otomana! Esta circunstância trouxe à memória do rapaz o princípio da aventura e o roubo da chinela. Alguns minutos de reflexão bastaram para ver que a tal chinela era já agora mais que problemática. Cavando mais fundo no terreno das conjeturas, pareceu-lhe achar uma explicação nova e definitiva. A chinela vinha a ser pura metáfora; tratava-se do coração de Cecília, que ele roubara, delito de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente as palavras misteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal.

- Há de ser isto, concluiu Duarte; mas quem será esse pretendente derrotado?

Neste momento abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina de um padre alvo e calvo. Duarte levantou-se, como por efeito de uma mola. O padre atravessou lentamente a sala, ao passar por ele deitou-lhe a bênção, e foi sair por outra porta rasgada na parede fronteira. O bacharel ficou sem movimento, a olhar para a porta, a olhar sem ver, estúpido de todos os sentidos. O inesperado daquela aparição baralhou totalmente as ideias

anteriores a respeito da aventura. Não teve tempo, entretanto, de cogitar alguma nova explicação, porque a primeira porta foi de novo aberta e entrou por ela outra figura, desta vez o homem magro, que foi direito a ele e o convidou a segui-lo. Duarte não opôs resistência. Saíram por uma terceira porta, e, atravessados alguns corredores mais ou menos alumiados, foram dar a outra sala, que só o era por duas velas postas em castiçais de prata. Os castiçais estavam sobre uma mesa larga. Na cabeceira desta havia um homem velho que representava ter cinquenta e cinco anos; era uma figura atlética, farta de cabelos na cabeça e na cara.

– Conhece-me? perguntou o velho, logo que Duarte entrou na sala.

– Não, senhor.

– Nem é preciso. O que vamos fazer exclui absolutamente a necessidade de qualquer apresentação. Saberá em primeiro lugar que o roubo da chinela foi um simples pretexto...

– Oh! Decerto! interrompeu Duarte.

– Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo a esta nossa casa. A chinela não foi roubada; nunca saiu das mãos da dona. João Rufino, vá buscar a chinela.

O homem magro saiu, e o velho declarou ao bacharel que a famosa chinela não tinha nenhum diamante, nem fora comprada a nenhum judeu do Egito; era, porém, turca, segundo se lhe disse, e um milagre de pequenez. Duarte ouviu as explicações, e, reunindo todas as forças, perguntou resolutamente:

– Mas, senhor, não me dirá de uma vez o que querem de mim e o que estou fazendo nesta casa?

– Vai sabê-lo, respondeu tranquilamente o velho.

A porta abriu-se e apareceu o homem magro com a chinela na mão. Duarte, convidado a aproximar-se da luz, teve ocasião de verificar que a pequenez era realmente miraculosa. A chinela era de marroquim finíssimo; no assento do pé, estufado e forrado de seda cor azul, rutilavam duas letras bordadas a ouro.

– Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.

– Suponho que sim.

– Pois supõe mal; é chinela de moça.

– Será; nada tenho com isso.

– Perdão! Tem muito, porque vai casar com a dona.

Casar! exclamou Duarte.

– Nada menos. João Rufino, vá buscar a dona da chinela.

Saiu o homem magro, e voltou logo depois. Assomando à porta, levantou o reposteiro e deu entrada a uma mulher, que caminhou para o centro da sala. Não era mulher, era uma sílfide, uma visão de poeta, uma criatura divina.

Era loura; tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos, uns olhos que buscavam o céu ou pareciam viver dele. Os cabelos, desleixadamente penteados, faziam-lhe em volta da cabeça um como resplendor de santa; santa somente, não mártir, porque o sorriso que lhe desabrochava os lábios, era um sorriso de bem-aventurança, como raras vezes há de ter tido a terra.

Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas muito para a imaginação.

Um rapaz, como o bacharel, não perde o sentimento da elegância, ainda em lances daqueles. Duarte, ao ver a moça, compôs o chambre, apalpou a gravata e fez uma cerimoniosa cortesia, a que ela correspondeu com tamanha gentileza e graça, que a aventura começou a parecer muito menos aterradora.

- Meu caro doutor, esta é a noiva.

A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

– Três coisas vai o senhor fazer agora mesmo, continuou impassivelmente o velho: a primeira, é casar; a segunda, escrever o seu testamento; a terceira engolir droga do Levante...

– Veneno! interrompeu Duarte.

– Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte do céu.

Duarte estava pálido e frio. Quis falar, não pôde; um gemido, sequer, não lhe saiu do peito. Rolaria ao chão, se não houvesse ali perto uma cadeira em que se deixou cair.

- O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha de cento e cinquenta contos. Esta pérola será a sua herdeira universal.

João Rufino, vá buscar o padre.

O padre entrou, o mesmo padre calvo que abençoara o bacharel pouco antes; entrou e foi direto ao moço, engolando sonolentemente um trecho de Neemias ou qualquer outro profeta menor; travou-lhe da mão e disse:

– Levante-se!

– Não! Não quero! Não me casarei!

- E isto? disse da mesa o velho, apontando-lhe uma pistola.
- Mas então é um assassinato?
- É; a diferença está no gênero de morte: ou violenta com isto, ou suave com a droga. Escolha!
- Duarte suava e tremia. Quis levantar-se e não pôde. Os joelhos batiam um contra o outro. O padre chegou-se-lhe ao ouvido, e disse baixinho:
- Quer fugir?
- Oh! Sim! exclamou, não com os lábios, que podia ser ouvido, mas com os olhos em que pôs toda a vida que lhe restava.
- Vê aquela janela? Está aberta; embaixo fica um jardim. Atire-se dali sem medo.
- Oh! Padre! disse baixinho o bacharel.
- Não sou padre, sou tenente do exército. Não diga nada.

A janela estava apenas cerrada; via-se pela fresta uma nesga do céu, já meio claro. Duarte não hesitou, coligiu todas as forças, deu um pulo do lugar onde estava e atirou-se a Deus misericórdia por ali abaixo. Não era grande altura, a queda foi pequena; ergueu-se o moço rapidamente, mas o homem gordo, que estava no jardim, tomou-lhe o passo.

- Que é isso? perguntou ele rindo.

Duarte não respondeu, fechou os punhos, bateu com eles violentamente nos peitos do homem e deitou a correr pelo jardim fora. O homem não caiu; sentiu apenas um grande abalo; e, uma

vez passada a impressão, seguiu no encalço do fugitivo. Começou então uma carreira vertiginosa. Duarte ia saltando cercas e muros, calcando canteiros, esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. Escorria-lhe o suor em bica, alteava-se-lhe o peito, as forças iam a perder-se pouco a pouco; tinha uma das mãos feridas, a camisa salpicada do orvalho das folhas, duas vezes esteve a ponto de ser apanhado, o chambre pegara-se-lhe em uma cerca de espinhos. Enfim, cansado, ferido, ofegante, caiu nos degraus de pedra de uma casa, que havia no meio do último jardim que atravessara.

Olhou para trás; não viu ninguém, o perseguidor não o acompanhara até ali. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subiu os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

Um homem que ali estava, lendo um número do *Jornal do Comércio*, pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major Lopo Alves.

O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam se tornando extremamente exíguas, exclamou repentinamente:

- Anjo do céu, estás vingado! Fim do último quadro.

Duarte olhou para ele, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou à larga.

– Então! Que tal lhe pareceu?

– Ah! excelente! Respondeu o bacharel, levantando-se.

– Paixões fortes, não?

– Fortíssimas. Que horas são?

– Deram duas agora mesmo.

Duarte acompanhou o major até à porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, a cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo:

– Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no expectador e não no palco.

FIM

UM ARDIL – Guy de Maupassant

O velho médico e a jovem enferma conversavam no canto do fogo. Ela estava levemente afetada por uma dessas indisposições femininas que com frequência acometem as mulheres bonitas: um pouco de anemia, nervosismo, uma suspeita de fadiga, dessa fadiga que sentem por vezes os recém-casados, no fim do primeiro mês de união, quando fizeram um casamento por amor.

Ela estava deitada em um sofá e dizia:

- Não, doutor, jamais compreenderei que uma mulher engane o marido. Posso admitir que ela não o ame, que não leve em consideração nenhuma das próprias promessas, dos próprios juramentos! Mas como atrever-se a entregar a um outro homem? Como esconder isso de todo o mundo? Como poder amar, imersa na mentira e na traição?

O médico sorria.

- Quanto a isso é fácil, é fácil – disse – Asseguro-lhe que não se pensa em todas essas sutilezas, quando o desejo de errar invade as criaturas. Estou mesmo certo de que uma mulher não está madura para o amor verdadeiro a não ser depois de ter passado por todas as promiscuidades e todos os aborrecimentos do casamento, o qual, na opinião de um homem ilustre, nada mais é do que uma troca de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite. Nada é mais verdadeiro. Uma mulher não pode amar com paixão a não ser depois de ter sido casada. Se a pudesse comparar com uma casa, diria que ela só é habitável depois que um marido lhe secou o reboco. E quanto à dissimulação, todas as mulheres a têm para dar e vender nessas ocasiões. Mesmo as mais ingênuas são maravilhosas, e saem magistralmente

das mais difíceis situações.

Mas a jovem senhora parecia incrédula...

- Não, doutor, só nos lembramos do que deveria ter sido feito nas situações perigosas, depois do caso passado; e as mulheres certamente têm mais propensão para perder a presença de espírito do que os homens.

O médico ergueu os braços.

- Depois do caso passado, diz a senhora! Nós, homens, é que só temos inspiração depois do caso passado. Mas as senhoras!... Escute, vou contar-lhe uma pequena história acontecida a uma das minhas clientes, a quem eu teria dado a comunhão sem confissão, como se costuma dizer.

Isto aconteceu em uma cidade de província.

Certa noite, eu dormia profundamente, com esse pesado primeiro sono tão difícil de interromper, quando, em um sonho obscuro me pareceu que os sinos da cidade badalavam, dando sinal de incêndio.

De repente, acordei: era a minha campainha, a da rua, que tilintava desesperadamente. Como meu criado parecia não responder, puxei por minha vez o cordão pendurado na minha cama, e, pouco depois, houve um barulho de portas batendo e de passos perturbando o silêncio da casa adormecida; depois, João surgiu trazendo uma carta que dizia: “A Sra. Lelièvre pede com insistência ao senhor Dr. Siméon que venha urgentemente à sua casa”.

Refleti por alguns instantes e conclui: uma crise de nervos, vapores, uma bobagem qualquer, e eu estou muito cansado. Respondi: “O Dr. Siméon, não se sentindo bem, pede à Sra. Lelièvre que tenha a bondade de chamar o colega Dr. Bonnet”.

Depois dei o bilhete dentro de um envelope e tornei a adormecer. Meia hora mais tarde, a sineta da rua soou novamente, e João veio dizer-me: “É alguém, um homem ou uma mulher (não consigo dizer com certeza), que desejava falar imediatamente com o senhor. Diz ele que se trata de uma questão de vida ou de morte para duas pessoas”.

Ergui-me do leito:

- Mande entrar.

Aguardei sentado na cama.

Apareceu-me uma espécie de fantasma negro e, logo que João saiu, descobriu-se. Era a Sra. Lelièvre, uma criaturinha muito jovem, casada há três anos com um grande comerciante da cidade, o qual passava por ter desposado a mais bela jovem da província.

Estava terrivelmente pálida, trazendo no rosto aquele crisar das pessoas enlouquecidas; e suas mãos tremiam; por duas vezes tentou falar, sem que de seus lábios pudesse sair um som. Afinal balbuciou: “Depressa, depressa... depressa... doutor... Venha! Meu... meu amante morreu no meu quarto...”

Parou, sufocada, depois continuou: “Meu marido vai... vai... voltar do clube...”

Pulei da cama, sem mesmo me lembrar que estava em camisa, e vesti-me em poucos segundos. Depois perguntei: “Foi a senhora mesma que esteve aqui há pouco?” De pé, como estátua, petrificada pela angústia, ela murmurou: “Não, foi minha criada... ela sabe...” Depois de uma pausa: “Eu tinha ficado... perto dele”. Uma espécie de grito de dor terrível saiu-lhe dos lábios e, após uma sufocação que a fez estertorar, ela chorou, chorou desvairadamente com soluços e espasmos durante um ou dois minutos; depois suas

lágrimas subitamente pararam, estancaram, como se tivessem sido enxugadas por dentro, com fogo; e, voltando a ser tragicamente calma, disse: “Vamos, depressa!”.

Eu estava pronto, mas exclamei: “Com os diabos, não dei ordem de atrelarem o cupê!” Ela respondeu: “Tenho um, tenho o dele, que o estava esperando”. Cobriu-se até a cabeça e partimos.

Quando a meu lado, na escuridão do carro, ela tomou-me bruscamente a mão e, esmagando-a entre seus dedos finos, balbuciou com abalos na voz, abalos que lhe vinham do coração dilacerado: “Oh! Se soubesse, se soubesse o quanto sofro! Eu o amava, eu o amava perdidamente, como uma insensata, fazia seis meses”.

Perguntei: “Estão acordados em sua casa?” Ela respondeu: “Não, ninguém, salvo Rosa, que sabe de tudo”.

Paramos defronte à casa dela; de fato todos dormiam; entramos sem fazer barulho, com uma chave de trinco, subindo na ponta dos pés. A criada, apavorada, sentara-se no chão no alto da escada, com uma vela acesa ao lado; não se atrevera a ficar junto ao morto.

Entrei no quarto. Estava desarrumado, como após uma luta. A cama desfeita, abarrotada, ficara como à espera de alguém; um dos lençóis estava caído até o tapete; toalhas molhadas, com as quais haviam batido as têmporas do rapaz, estavam no chão, ao lado de uma bacia e de um copo. E um cheiro singular de vinagre de cozinha, misturado a vaporizações de 'Lubin', enjoava-nos desde a porta.

De costas, estendido no meio do quarto, estava o cadáver. Aproximei-me; contemplei-o; apalpei-o; abri-lhes os olhos; toquei-lhe as mãos, depois, voltando-me para as duas mulheres, que tremiam, como se estivessem geladas, eu lhe disse: “Ajudem-me a levá-lo para a cama”. E o deitamos suavemente. Auscultei-lhe então o

coração e pus-lhe um espelho em frente da boca; depois murmurei: “Acabou-se, vamos vesti-lo o mais depressa possível”. Foi uma cena terrível de ver!

Eu pegava sucessivamente os membros do rapaz como os de uma enorme boneca e os apresentava às roupas que as mulheres traziam. Calçaram as meias, vestiram as ceroulas, as calças, o colete, a seguir o casado, cujas mangas nos deram bastante trabalho para enfiar.

Quando foi preciso abotoar as botinas, as duas mulheres se ajoelharam, enquanto eu as iluminava; porém, como os pés haviam inchado um pouco, foi espantosamente difícil. Não tendo achado o abotoador, fizeram o serviço com os próprios grampos.

Logo que a terrível toalete terminou, analisei a nossa obra e disse: “É preciso penteá-lo um pouco”. A empregada foi buscar um pente e a escova da patroa; mas como tremesse e arrancasse os cabelos compridos e emaranhados em movimentos involuntários, a Sra. Lelièvre apoderou-se do pente com violência e penteou a cabeleira suavemente, como se a acariciasse. Refez a risca, passou a escova na barba, depois enrolou lentamente os bigodes no dedo, como certamente costumava fazer, nas intimidades do amor.

E, subitamente, soltando o que tinha nas mãos, segurou a cabeça inerte do amante e olhou demoradamente, desesperadamente, aquela face morta, que não mais lhe sorriria; depois, caindo sobre ele, apertou-o nos braços e beijou-o com violência. Seus beijos caíam como pancadas, na boca fechada, nos olhos extintos, nas têmporas, na fronte. Em seguida, aproximando-se da orelha dele – como se ainda a pudesse ouvir, para balbuciar a palavra que torna mais ardente os abraços – repetiu dez vezes seguidas com voz dilacerante: “Adeus, querido”.

Mas o relógio deu meia-noite.

Tive um pressentimento: “Raios! Meia-noite! É a hora em que fecham o clube. Vamos, minha senhora, força!”

Ela se aprumou. Ordenei: “Vamos levá-lo ao salão”. Pegamo-lo nós três, e, tendo-o levado, sentei-o em um sofá; depois acendi os candelabros.

A porta da rua abriu-se e fechou-se pesadamente. Já era ele. Ordenei: “Rosa, rápido, traga-me as toalhas e a bacia e arrume o quarto; por Deus, apresse-se” Eis o Sr. Lelièvre, que vem chegando”.

Ouvi os passos subirem e aproximaram-se. Mãos no escuro apalpavam as paredes. Chamei então: “Por aqui, meu caro; tivemos um acidente”.

E o marido, espantado, surgiu no umbral, com um charuto na boca. Perguntou: “Que há? Que aconteceu? Que é isso?”

Encaminhei-me para ele: “Meu velho, estamos em um penoso embarço. Eu havia ficado até tarde a tagarelar aqui, com a Sra. Lelièvre e nosso amigo, que me trouxe no seu carro. Subitamente, ele caiu desmaiado, e há duas horas que, não obstante meus cuidados, não consigo fazer voltá-lo a si. Não quis chamar estranhos. Ajude-me a fazê-lo descer; poderei tratá-lo melhor em sua casa”.

O marido, surpreso mas sem desconfiar, tirou o chapéu; depois pegou por baixo dos braços o rival doravante inofensivo. Eu me atrelei entre as pernas do rapaz, como um cavalo entre os varais de um carro; e eis-nos a descer a escada, iluminados agora pela mulher.

Quando chegamos enfrente da porta, pus o cadáver de pé e falei-lhe, animando-o para enganar o cocheiro: “Vamos, meu caro, isso não há de ser nada; já se sente melhor, não é? Vamos, coragem...”

um pouco de coragem... faça um pequeno esforço e está pronto”.

Sentindo que ele se ia abater, que estava escorregando de minhas mãos, meti-lhe o ombro, o que o projetou para a frente e o fez cair dentro do carro; subi então atrás dele.

O marido, inquieto, perguntava-me: “Acredita que seja grave?” Respondi sorrindo: “Oh! Não!” e olhei para a mulher. Ela passara o braço por baixo do braço do esposo legítimo, e mergulhava o olhar fixo no fundo escuro do carro.

Apertei-lhes as mãos ordenei que partíssemos. Durante todo o caminho o morto me caía sobre a orelha direita.

Ao chegarmos a sua casa, declarei ter ele perdido os sentidos no caminho. Ajudei a levá-lo para o quarto, depois constatei o falecimento; representei uma nova comédia diante da família desesperada. Finalmente, fui para minha cama, não sem praguejar contra os amantes.

O doutor calou-se, sempre sorrindo.

A jovem senhora, inquieta, perguntou: “por que me contou essa história espantosa?”

Ele se inclinou galhardamente:

Para oferecer-lhe os meus serviços em caso de necessidade.

O QUARTO DO PESADELO – Sir Arthur Conan Doyle

A sala de estar da família Mason era uma divisão muitíssimo curiosa. Num dos lados achava-se mobilada com extraordinário luxo. Os sofás fofos, as poltronas baixas e cômodas, as estatuetas voluptuosas e os ricos cortinados que pendiam de galerias amplas e decorativas de metal trabalhado, formavam um quadro muito adequado para a encantadora dona da casa. Mason, homem de negócios, era jovem mas possuía uma grande fortuna e não regateara incômodos nem dinheiro para satisfazer 'todas as necessidades e todos os caprichos da sua belíssima esposa. Era natural que o fizesse, porque também ela tinha renunciado a muitas coisas por amor a ele. A mais célebre bailarina de França, a heroína de uma dúzia de extraordinárias aventuras de amor, tinha renunciado à sua vida de prazeres deslumbrantes para compartilhar a sorte de um jovem norte-americano cujas austeras normas de vida tanto se diferenciavam das suas.

O marido procurava compensar o que ela havia perdido proporcionando-lhe tudo quanto a riqueza era capaz de conseguir. Talvez houvesse quem pensasse que teria dado provas de melhor gosto não proclamando esse fato, não permitindo que aparecesse em letra de forma; mas, excetuando alguns pequenos pormenores como este, a sua conduta como marido não deixou de ser nem um só momento a de um homem apaixonado. Nem sequer na presença de expectadores se furtava a exhibir publicamente o amor absorvente que o dominava.

Mas a sala em questão era extraordinária. Ao princípio parecia uma coisa que não fugia ao vulgar, mas depois de frequentá-la durante algum tempo, descobriam-se nela algumas características sinistras. Era uma divisão silenciosa, de uma mudez absoluta. Nas suas ricas alcatifas e tapetes afogava-se todo o gênero de passos. Nem

mesmo um bater de pés violento ou a queda de um corpo produziam o mais ligeiro ruído.

Outra característica era o tom mortiço das suas cores e da luz, que parecia ser sempre passada por uma peneira. Nem sequer o mobiliário apresentava um gosto uniforme. Dir-se-ia que quando o jovem banqueiro tinha já esbanjado milhares de libras naquele salão íntimo, naquele estojo para a joia de que era proprietário, se dera subitamente conta de que não havia calculado os custos e de que não prosseguiria com receio da bancarrota. Todo o luxo se achava concentrado na parte da sala que dava para a rua concorrida que passava por baixo. Em contrapartida, no lado contrário, a sala estava nua, espartana e refletia antes os gostos de um homem sumamente ascético e não os de uma mulher amante do prazer. Talvez por tal motivo ela apenas passava nesta divisão algumas horas por dia, duas umas vezes, quatro noutras ocasiões; mas sempre que ali estava vivia intensamente e Lucille Mason era, no interior daquele quarto de pesadelo, uma mulher muito diferente do que era fora dali. E também muito mais perigosa.

Perigosa! Era esta a palavra exata. Ninguém, que tivesse visto o seu corpo delicado a repousar na enorme pele de urso que revestia o sofá, teria duvidado da sua periculosidade. Lucille descansava sobre o cotovelo do braço direito e apoiava o queixo fino, mas voluntarioso, na palma da mão, ao passo que os olhos, rasgados e lânguidos, adoráveis, mas inexoráveis, fitavam em frente com uma firme intensidade que tinha algo de confusamente espantoso. O seu rosto era encantador, o rosto de uma menina; mas a Natureza tinha colocado nesse rosto uma marca subtil, uma certa expressão indefinível, que denunciava o demônio que se escondia no interior. Já fora notado que os cães retrocediam quando ela se aproximava e que as crianças começavam a chorar e fugiam quando pretendia acariciá-las.

O instinto é mais profundo do que a razão.

Na tarde a que nos referimos ocorrera algo que a transtornara profundamente. Tinha na mão uma carta e lia-a e relia-a com uma concentração das finas sobranceiras e um austero apertar dos

lábios deliciosos. De repente, teve um sobressalto e uma sombra de medo suavizou a felina ameaça das suas feições. Endireitou-se, apoiando-se no braço, e cravou com ansiedade o olhar na porta. Escutou atentamente como se à espera de alguma coisa que lhe causava espanto. Um sorriso de alívio brincou-lhe por um momento no rosto expressivo. Escondeu, de imediato, a carta no decote, com um olhar de horror. Mal completara este gesto quando a porta foi aberta e entrou, com passos rápidos, um homem jovem no quarto. Era Archie Mason, o esposo, o homem por quem tinha sacrificado a sua celebridade europeia; o homem que considerava agora o único obstáculo à sua nova e maravilhosa aventura.

O norte-americano era um homem com cerca de trinta anos, completamente barbeado, de membros atléticos, vestido elegantemente com um fato de corte justo, que lhe marcava a linha perfeita do corpo. Ficou junto da porta, de braços cruzados, encarando com fixidez a mulher; o seu rosto poderia ser qualificado de máscara formosa e curtida pelo sol, não fossem aqueles olhos cortantes. Ela mantivera-se recostada no cotovelo, mas não afastava os olhos dos de Mason. Algo de espantoso se ocultava naquela silenciosa troca de olhares. Ambos se interrogavam mutuamente e ambos faziam pensar que a resposta à sua interrogação era assunto de vida ou de morte. A pergunta do marido podia interpretar-se como "O que foi que fizeste?". Por seu lado, ela parecia perguntar "O que é que tu sabes?". Por fim, Mason adiantou-se, sentou-se na pele de urso, ao lado de Lucille e, agarrando com toda a delicadeza o lóbulo fino de uma orelha, voltou para si a cara da mulher e perguntou:

- Lucille, é verdade que me andas a envenenar?

Ela deu um safanão para evitar o contato; no rosto pintou-se-lhe o horror e os protestos acudiram-lhe aos lábios.

Excessivamente emocionada para poder falar, foram as mãos, estendidas com violência, e as feições convulsas que exteriorizaram a surpresa e a cólera. Tentou levantar-se, mas os dedos do marido

aumentaram a pressão sobre o pulso. Repetiu a pergunta, mas desta vez deu-lhe um significado terrível:

- Lucille, por que me andas a envenenar?

- Estás doido, Archie, estás doido! - ela contestou, ofegante.

A resposta de Mason gelou o sangue de Lucille. Não foi capaz de fazer outra coisa a não ser encará-lo fixamente, com os lábios pálidos entreabertos e as faces lívidas, num silêncio de desamparo, enquanto ele extraía da algibeira um frasquinho e o colocava à frente da vista, gritando:

- Estava no estojo das tuas joias!

Por duas vezes tentou ela falar mas não conseguiu. Por fim, as palavras acudiram-lhe lentamente, uma a uma, aos lábios distorcidos:

- Mas nunca cheguei a usá-lo.

Ele procurou de novo na algibeira qualquer coisa. Tirou um papel, desdobrou-o e pôs-lho diante dos olhos:

- É o certificado do dr. Angus. Afirma que contém doze gramas de antimônio. Tenho também a declaração de Du Val, o farmacêutico que o vendeu.

Metia medo ver o rosto de Lucille. Estas palavras não admitiam réplica. Incapaz de reagir, manteve-se imóvel e com o olhar fixo e desesperado. Parecia uma ferazinha apanhada numa armadilha mortal. Ele perguntou-lhe:

- Que respondes?

A única réplica que obteve foi um movimento de desespero e de súplica. Então ele disse:

- Por quê? Preciso saber o porquê.

Enquanto falava, Mason reparou numa ponta da carta que ela introduzira às pressas no decote. Arrancou-a com um puxão. Ela soltou um grito desesperado e quis tirar-lha, mas ele manteve-a afastada com um braço enquanto lia o conteúdo.

De súbito, ofegou:

- Campbell! É de Campbell!

Ela recobrou a audácia. Já não tinha nada que ocultar.

A expressão do seu rosto tornou-se dura e firme e os seus olhares pareciam punhaladas mortais.

- Sim, é de Campbell! - gritou.

- Santo Deus! Precisamente de Campbell!

Pôs-se de pé e percorreu com largas passadas a sala.

Campbell, o mais nobre de todos os homens com quem se cruzara na vida; Campbell, cuja história era apenas constituída por uma larga cadeia de sacrifícios, de coragem, de todas as qualidades que distinguem um homem às direitas. Também ele era mais uma vítima daquela sereia e vira-se arrastado até ao ponto de a traição, se não de fato, pelo menos de intenção, o homem cuja mão apertava como a de um amigo. Aquilo parecia incrível, mas ali estava, nas suas mãos, a carta apaixonada, suplicante, em que ele pedia à sua esposa que fugisse e compartilhasse o destino de um homem pobre. Mas, pelo menos, todas as frases da carta davam a entender que Campbell não tinha pensado na sorte de Mason, que o teria desembaraçado de todo o gênero de dificuldades. Uma solução tão endemoninhada só podia ser produto do cérebro astuto e malvado que maquinava os seus planos dentro daquele quarto maravilhoso.

Mason era um homem como aqueles que só se encontra um num milhão: filósofo, pensador, dono de uma simpatia cheia de compreensão e de ternura para com os demais. A sua alma ficou afogada em amargura durante um momento. Nessa altura teria sido capaz de matar a mulher e Campbell, para depois se suicidar com a serenidade de espírito própria de quem cumpriu aquilo que era uma obrigação evidente. Mas no momento seguinte, enquanto percorria a sala, começaram a prevalecer no seu cérebro outros pensamentos mais benignos.

Como podia censurar Campbell? Aquela mulher possuía um encanto irresistível, nascido não apenas da sua beleza física maravilhosa. Parecia dotada de uma faculdade exclusiva: a de interessar-se por um homem, introduzir-se à força de artimanhas até ao mais fundo da sua consciência, atravessar aquelas pregas da sua personalidade demasiado sagradas para serem expostas ao mundo e aguilhoá-lo para a ambição ou mesmo para a virtude. Era aqui que se descobria precisamente a mortífera sabedoria das suas redes. Recordava-se do que se tinha passado com ele. Lucille era então uma mulher livre - ou assim, pelo menos, o julgou ele - e não surgira nenhum obstáculo para torná-la sua esposa. Mas suponhamos que estivesse casada.

Teria isso sido um obstáculo insuperável para ele? Teria sido capaz de afastar-se dela sem chegar a saciar os seus desejos? Mason não tinha outro remédio que não fosse confessar que, mau grado toda a sua tenacidade de homem da Nova Inglaterra, não teria podido resignar-se. Porquê, então, sentia tamanho rancor contra este seu desditoso amigo que se via agora na mesma situação? E ao pensar em Campbell o seu coração transbordou de piedade e simpatia.

E ela? Ali a tinha, estendida no sofá, qual pobre mariposa destroçada, com os seus sonhos revelados, a sua conjura descoberta, as perspectivas do seu porvir tétricas e 'cheias de perigos. E o coração de Mason sentiu-se invadido pela compaixão,

mesmo por ela, convicta de envenenadora. Conhecia pormenores do seu passado. Deitaram-na a perder desde o berço à força de mimos, de falta de pulso firme, de não lhe domarem os instintos, de deixá-la satisfazer sempre todos os caprichos, à força de astúcia, de beleza e de encantos. Nunca encontrou um obstáculo no seu caminho. Agora que surgia um, quisera afastá-lo, num acesso de loucura e de perversidade.

Mas se quisera afastar a todo o custo o obstáculo, não significava isso que ele, Mason, carecera de peso, isto é, que não era o homem capaz de proporcionar-lhe a paz de alma e a satisfação interior?

Ele era demasiado severo e demasiado razoável para aquele temperamento alegre de asas inquietas. Ele era um homem do Norte e ela uma mulher do Sul, ao que se havia acrescentado fortemente a lei dos contrastes, mas só de um modo passageiro. Claro que ele devia tê-lo previsto; devia tê-lo compreendido. Sentiu que o seu coração se compadecia dela como se teria compadecido de uma menina que se encontrasse numa situação dolorosa e irremediável.

Passou um bom bocado a percorrer a sala sem dizer palavra, com os lábios apertados, com os punhos cerrados até cravar as unhas na carne. De súbito, num impulso brusco, sentou-se ao lado de Lucille e apertou entre as suas as mãos frias e inertes da jovem. Um pensamento abriu caminho no seu cérebro: "O que faço é um ato de cavalheirismo ou de cobardia?". Esta pergunta ecoou-lhe aos ouvidos, tomou a forma de letras diante dos seus olhos e quase lhe pareceu que assumia contornos exteriores e materiais de modo que toda a gente podia ler essas letras.

A luta interna fora terrível, mas conseguira dominar-se e disse:

- Querida, és tu mesma quem vai escolher entre nós. Se estás verdadeiramente segura, bem segura, compreendes?, de que Campbell é capaz de fazer-te feliz como marido, eu não serei um

obstáculo.

- Divorciavas-te?

A mão de Mason apertou o frasco do veneno, e retorquiu:

- Chama-lhe divórcio, se é o que te parece.

Os olhos daquela mulher, fixos em Mason, foram-se iluminando com um estranho esplendor. Não reparara nunca na existência daquele homem dentro de Mason. Desaparecera o norte-americano rude e materialista.

No seu lugar começava a vislumbrar um herói, um santo, um homem capaz de elevar-se até alturas desumanas de abnegação. Apertou com as suas a mão de Mason que segurava o frasco fatal, e gritou:

- Archie, serias capaz de perdoar-me mesmo isto?

Ele fitou-a e sorriu.

- Afinal de contas, não passas de uma pequenita voluntariosa.

Ela estendeu as mãos para abraçá-lo, mas nesse instante bateram à porta e entrou a criada que caminhava em silêncio como tudo que se movia dentro do quarto do pesadelo. Apresentou um cartão de visita na bandeja. Lucille fitou Mason e disse:

- É o capitão Campbell. Não quero recebê-lo. Mason pôs-se de pé com um salto.

- Pelo contrário, pois chega mesmo a horas. Mande-o entrar imediatamente.

Poucos instantes depois entrava na sala um militar jovem, de elevada estatura e rosto bronzeado pelo sol. Avançou com um sorriso no rosto simpático; mas assim que a porta se fechou e os

dois rostos que tinha diante de si recuperaram a expressão natural, deteve-se, indeciso, encarando primeiro um e depois o outro.

- Que se passa?

Mason acercou-se dele e agarrou-lhe os ombros, dizendo:

- Não te guardo rancor.

- Rancor?

- Estou a par de tudo. Talvez se me encontrasse no teu lugar e tu no meu, tivesse feito o mesmo que tu fizeste.

Campbell recuou um pouco e dirigiu um olhar interrogador à dama. Esta inclinou a cabeça em sinal de assentimento e depois encolheu os ombros encantadores. Mason sorriu.

- Não temas que pretenda arrancar-te por surpresa uma confissão. Ela e eu falámos com franqueza acerca do assunto. Vejamos, Jack, tu foste sempre um bom desportista. Olha para este frasco. Não te rales com o modo como chegou às minhas mãos. A situação ficará esclarecida assim que tu e eu bebermos o seu conteúdo.

- Falava como se estivesse fora de si, como se delirasse quase. - Lucille, qual de nós vai ser?

No quarto do pesadelo estivera a atuar durante todo este tempo uma força estranha. Havia ali um terceiro homem, embora nenhum dos três que se encontravam na crise do drama da sua vida tivesse disposto de tempo ou de pensamento para reparar na sua presença. Ninguém saberia dizer há quanto tempo ali estava, nem o que fora que ouvira. Mantinha-se agachado junto da parede, no canto mais afastado do pequeno grupo, qual sinistro réptil, silencioso e imóvel, excetuando uma ligeira câibra nervosa na sua mão direita fechada. Ocultava-se atrás de uma caixa quadrada e de um pano preto disposto astutamente por cima, como para lhe

esconder o rosto. Seguirá com a maior atenção e ansiedade todas as fases do drama e quase estivera prestes a intervir. Mas nenhuma das outras três personagens esperava essa intervenção. Absortas no jogo mútuo das suas próprias emoções, tinham perdido de vista uma força superior a elas; uma força que podia dominar a cena em qualquer momento.

- És um homem comedido, Jack? - perguntou Mason. O militar assentiu com um movimento de cabeça. Mas nesse momento a mulher gritou:

- Não! Isso não, pelo amor de Deus!

Mason havia retirado a rolha do frasco e, voltando-se para uma mesinha lateral, pegou num baralho de cartas e disse:

- Não devemos descarregar para cima dela a responsabilidade. Olha, Jack, a sorte decidirá!

O militar aproximou-se da mesa e baralhou as cartas fatais. A mulher, apoiando-se numa das mãos, inclinou a cabeça para a frente e observou com olhos fascinados.

Então, e só então, caiu o raio.

O terceiro homem tinha-se erguido, pálido e muito sério.

Os três restantes repararam subitamente na sua presença e voltaram-se para ele com expressão de ansiosa interrogação nos olhares.

Ele encarou-os com frieza, com desagrado, com algo no porte que mostrava bem ser ele ali o patrão.

- Que lhe pareceu? - perguntaram os três ao mesmo tempo.

- Um desastre! - foi a resposta. - Um desastre!

Amanhã voltaremos a filmar toda a cena.

O AFOGADO MAIS BONITO DO MUNDO – Gabriel Garcia Marques

Os primeiros meninos que viram o volume escuro e silencioso que se aproximava pelo mar imaginaram que era um barco inimigo. Depois viram que não trazia bandeiras nem mastreação, e pensaram que fosse uma baleia. Quando, porém, encalhou na praia, tiraram-lhe os matos de sargaços, os filamentos de medusas e os restos de cardumes e naufrágios que trazia por cima, e só então descobriram que era um afogado. Tinham brincado com ele toda a tarde, enterrando-o e o desenterrando na areia, quando alguém os viu por acaso e deu o alarme no povoado. Os homens que o carregaram à casa mais próxima notaram que pesava mais que todos os mortos conhecidos, quase tanto quanto um cavalo, e disseram que talvez tivesse estado muito tempo à deriva e a água penetrara-lhe os ossos. Quando o estenderam no chão viram que fora muito maior que todos os homens, pois mal cabia na casa, mas pensaram que talvez a capacidade de continuar crescendo depois da morte estava na natureza de certos afogados. Tinha o cheiro do mar e só a forma permitia supor que fosse o cadáver de um ser humano, porque sua pele estava revestida de uma couraça de rêmora e de lodo. Não tiveram que limpar seu rosto para saber que era um morto estranho. O povoado tinha apenas umas vinte casas de tábuas, com pátios de pedra sem flores, dispostas no fim de um cabo desértico.

A terra era tão escassa que as mães andavam sempre com medo de que o vento levasse os meninos, e os poucos mortos que os anos iam causando tinham que atirar das escarpas. Mas o mar era manso e pródigo, e todos os homens cabiam em sete botes. Assim, quando encontraram o afogado, bastou-lhes olhar uns aos outros para perceber que nenhum faltava. Naquela noite não foram trabalhar no mar. Enquanto os homens verificavam se não faltava

alguém nos povoados vizinhos, as mulheres foram cuidando do afogado. Tiraram-lhe o lodo com escovas de esparto, desembaraçaram-lhe os cabelos dos abrolhos submarinos e raspavam a rêmora com ferros de descamar peixes. À medida que o faziam, notaram que a vegetação era de oceanos remotos e de águas profundas; e que suas roupas estavam em frangalhos, como se houvesse navegado entre labirintos de corais. Notaram também que carregava a morte com altivez, pois não tinha o semblante solitário dos outros afogados do mar, nem tampouco a catadura sórdida e indigente dos afogados dos rios. Somente, porém, quando acabaram de limpá-lo tiveram consciência da classe de homens que era, e então ficaram sem respiração. Não era só o mais alto, o mais forte, o mais viril e o mais bem servido que jamais tinham visto, senão que, embora o estivessem vendo, não lhes cabia na imaginação.

Não encontraram no povoado uma cama bastante grande para estendê-lo, nem uma mesa bastante sólida para velá-lo. Não lhe serviram as calças de festa dos homens mais altos, nem as camisas de domingo dos mais corpulentos, nem os sapatos do maior tamanho. Fascinadas por sua desproporção e sua beleza, as mulheres decidiram então fazer-lhe umas calças com um bom pedaço de vela carangueja e uma camisa de cretone de noiva, para que pudesse continuar sua morte com dignidade. Enquanto costuravam, sentadas em círculo, contemplando o cadáver entre ponto e ponto, parecia-lhes que o vento não fora nunca tão tenaz nem o Caribe estivera tão ansioso quanto naquela noite, e supunham que essas mudanças tinham algo a ver com o morto. Pensavam que, se aquele homem magnífico tivesse vivido no povoado, sua casa teria as portas mais largas, o teto mais alto e o piso mais firme, e o estrado de sua cama seria de cavernas mestras com pernas de ferro, e sua mulher seria a mais feliz. Pensavam que tivera tanta autoridade que poderia tirar os peixes do mar só os chamando por seus nomes, e pusera tanto empenho no trabalho que fizera brotar mananciais entre as pedras mais áridas, e semear flores nas escarpas. Compararam-no, em segredo, com

seus homens, pensando que não seriam capazes de fazer, em toda uma vida, o que aquele era capaz de fazer numa noite, e acabaram por repudiá-los, no fundo de seus corações, como os seres mais fracos e mesquinhos da terra. Andavam perdidas por esses labirintos de fantasia, quando a mais velha das mulheres, que por ser a mais velha contemplara o afogado com menos paixão que compaixão, suspirou: — Tem cara de se chamar Estêvão. Era verdade. À maioria bastou olhá-lo outra vez para compreender que não podia ter outro nome. As mais teimosas, que eram as mais jovens, mantiveram-se com a ilusão de que, ao vesti-lo e estendido entre flores e com uns sapatos de verniz, pudesse chamar-se Lautaro. Mas foi uma ilusão vã. O lençol ficou curto, mal cortadas e pior costuradas, ficaram apertadas e as forças ocultas de seu coração faziam saltar os botões da camisa. Depois da meia-noite diminuíram os assobios do vento e o mar caiu na sonolência da quarta-feira.

O silêncio pôs fim às últimas dúvidas: era Estêvão. As mulheres que o vestiram, as que o pentearam, as que lhe cortaram as unhas e barbearam não puderam reprimir um estremecimento de compaixão quando tiveram de resignar-se a deixá-lo estendido no chão. Foi então quando compreenderam quanto devia ter sido infeliz com aquele corpo descomunal, se até depois de morto o estorvava. Viram-no condenado em vida a passar de lado pelas portas, a ferir-se nos tetos, a permanecer de pé nas visitas, sem fazer o que fazer com suas ternas e rosadas mãos de boi marinho, enquanto a dona da casa procurava a cadeira mais resistente e suplicava-lhe, morta de medo, sente-se aqui Estêvão, faça-me o favor, e ele encostado nas paredes, sorrindo, não se preocupe senhora, estou bem assim, com os calcanhares em carne viva e as costas abrasando de tanto repetir o mesmo, em todas as visitas, não se preocupe senhora, estou bem assim, só para não passar pela vergonha de destruir a cadeira, e talvez sem ter sabido nunca que aquele que lhe diziam não se vá, Estêvão, espere pelo menos até que aqueça o café, eram os mesmos que, depois, sussurravam já se foi o bobo grande, que bom, já se foi o bobo bonito. Isto pensavam as mulheres diante

do cadáver um pouco antes do amanhecer.

Mais tarde, quando lhe cobriram o rosto com um lenço para que não o maltratasse a luz, viram-no tão morto para sempre, tão indefeso, tão parecido com seus homens, que se abriram as primeiras gretas de lágrimas nos seus corações. Foi uma das mais jovens que começou a soluçar. As outras, consolando-se entre si, passaram dos suspiros aos lamentos, e enquanto mais soluçavam, mais vontade sentiam de chorar, porque o afogado estava se tornando cada vez mais Estevão, até que o choraram tanto que ficou sendo o homem mais desvalido da Terra, o mais manso, o mais serviçal, o pobre Estêvão. Assim que, quando os homens voltaram com a notícia de que o afogado também não era dos povoados vizinhos, elas sentiram um vazio de júbilo entre as lágrimas. __ Bendito seja Deus __ suspiraram: __ é nosso! Os homens acreditaram que aqueles exageros não eram mais que frivolidades de mulher. Cansados das demoradas averiguações da noite, a única coisa que queriam era descartar-se de uma vez do estorvo do intruso, antes que acendesse o sol bravo daquele dia árido e sem vento. Improvisaram umas padiolas com restos de traquetes e espichas, e as amarraram com carlingas de altura, para que resistissem ao peso do corpo até as escarpas. Quiseram prender-lhe aos tornozelos uma âncora de navio mercante para que ancorasse, sem tropeços, nos mares mais profundos, onde os peixes são cegos e os búzios morrem de saudade, de modo que as más correntes não o devolvessem à margem, como acontecera com outros corpos. Porém, quanto mais se apressavam, mais coisas as mulheres lembraram para perder tempo. Andavam como galinhas assustadas, bicando amuletos do mar nas arcas, umas estorvando aqui porque queriam pôr no afogado os escapulários do bom vento, outras estorvando lá para abotoar-lhe uma pulseira de orientação; e depois de tanto sai daí mulher, ponha-se onde não estorve, olhe que quase me faz cair sobre o defunto, aos fígados dos homens subiram as suspeitas e eles começaram a resmungar, para que tanta bugiganga de altar-mor para um forasteiro, se por muitos cravos e caldeirinhas que levasse em cima os tubarões iam

mastigá-lo, mas elas continuavam ensacando suas relíquias de quinquilharia, levando e trazendo, tropeçando, enquanto gastavam em suspiros o que poupavam em lágrimas, tanto que os homens acabaram por se zangar, desde quando aqui semelhante alvoroço por um morto ao léu, um afogado de nada, um presunto de merda. Uma das mulheres, mortificada por tanta insensibilidade, tirou o lenço do rosto do cadáver e também os homens perderam a respiração. Era Estêvão. Não foi preciso repeti-lo para que o reconhecessem. Se lhe tivessem chamado Sir Walter Raleigh, talvez, até eles ter-se-iam impressionado com seu sotaque de gringo, com sua arara no ombro, com seu arcabuz de matar canibais, mas Estêvão só podia ser único no mundo e ali estava atirado, como um peixe inútil, sem polainas, com umas calças que não lhe cabiam e umas unhas cheias de barro, que só se podia cortar à faca. Bastou que lhe tirassem o lenço do rosto para perceber que estavam envergonhado, de que não tinha culpa de ser tão grande, nem tão pesado, nem tão bonito, e se soubesse que isso ia acontecer, teria procurado um lugar mais discreto para afogar-se, de verdade, me amarraria eu mesmo uma âncora de galeão no pescoço e teria tropeçado como quem não que nada nas escarpas, para não andar agora estorvando comeste morto de quarta-feira, como vocês chamam, para não molestar ninguém com esta porcaria de presunto que nada tem a ver comigo. Havia tanta verdade no seu modo de estar que até os homens mais desconfiados, os que achavam amargas as longas noites no mar, temendo que suas mulheres se cansassem de sonhar com eles para sonhar com os afogados, até esses, e outros mais empedernidos, estremeceram até a medula com a sinceridade de Estêvão.

Foi por isso que lhe fizeram os funerais mais esplêndidos que se podiam conceber para um afogado considerado enfeitado. Algumas mulheres, que tinham ido buscar flores nos povoados vizinhos, voltaram com outras que não acreditavam no que lhes contavam, e estas foram buscar mais flores quando viram o morto, e levaram mais e mais, até que houve tantas flores e tanta gente que mal se

podia caminhar. Na última hora, doeu-lhes devolvê-lo órfão às águas, e lhe deram um pai e uma mãe dentre os melhores, e outros se fizeram seus irmãos, tios e primos, de tal forma que, através dele, todos os habitantes do povoado acabaram por ser parentes entre si. Alguns marinheiros que ouviram o choro à distância perderam a segurança do rumo, e se soube de que um se fez amarrar ao mastro maior, recordando antigas fábulas de sereias. Enquanto se disputavam o privilégio de carregá-lo nos ombros, pelo declive íngreme das escarpas, homens e mulheres perceberam, pela primeira vez, a desolação de suas ruas, a aridez de seus pátios, a estreiteza de seus sonhos, diante do esplendor e da beleza do seu afogado. Jogaram-no sem âncora, para que voltasse se quisesse, e quando o quisesse, e todos prenderam a respiração durante a fração de séculos que demorou a queda do corpo até o abismo. Não tiveram necessidade de olhar-se uns aos outros para perceber que já não estavam todos, nem voltariam a estar jamais. Mas também sabiam que tudo seria diferente desde então, que suas casas teriam as portas mais largas, os tetos mais altos, os pisos mais firmes, para que a lembrança de Estevão pudesse andar por toda parte, sem bater nas traves, e que ninguém se atrevesse a sussurrar no futuro já morreu o bobo grande, que pena, já morreu o bobo bonito, porque eles iam pintar as fachadas de cores alegres para eternizar a memória de Estêvão, e iriam quebrar a espinha cavando mananciais nas pedras e semeando flores nas escarpas para que, nas auroras dos anos venturosos, os passageiros dos grandes navios despertassem sufocados por um perfume de jardins em alto-mar, e o capitão tivesse que baixar do seu castelo de proa, em uniforme de gala, astrolábio, estrela polar e sua enfiada de medalhas de guerra, e, apontando o promontório de rosas no horizonte do Caribe, dissesse em catorze línguas, olhem lá, onde o vento é agora tão manso que dorme debaixo das camas, lá, onde o sol brilha tanto que os girassóis não sabem para onde girar, sim, lá é o povoado de Estêvão.

O TESTE – Richard Matheson

Na noite anterior ao teste, Les ajudou o pai a estudar na sala de jantar.

Jim e Tommy dormiam no andar de cima e Terry estava costurando na sala de estar, o rosto inexpressivo enquanto a agulha se movia rápida e ritmicamente para dentro e para fora do pano.

Tom Parker estava sentado com o corpo ereto, as mãos ossudas e entrecortadas por veias cruzadas em cima da mesa, enquanto os olhos azuis-claros olhavam fixamente para os lábios do filho, como se acreditasse que isso o ajudaria a compreender melhor.

Tinha oitenta anos e esse era o seu quarto teste.

— Bem — disse Les, lendo o modelo de questionário que o Dr. Trask havia fornecido —, repita as seguintes séries de números.

— Séries de números — murmurou Tom, tentando assimilar as palavras à medida que chegavam até ele. Mas as palavras já não eram assimiladas rapidamente; pareciam se demorar nas dobras de seu cérebro, como insetos sobre um animal preguiçoso.

Mentalmente, repetiu as palavras: séries de números... séries de números. Já tinha entendido. Ele olhou para o filho e esperou.

— Então? — disse impaciente, depois de um momento de silêncio.

— Papai, eu já disse a primeira — observou Les.

— Bem... — seu pai tentava encontrar as palavras certas. — Por gentileza, diga-me... Faça-me a gentileza de...

Les suspirou desanimado.

— Oito, cinco, onze, seis — disse ele.

Os velhos lábios se mexeram, as antigas engrenagens da mente de Tom puseram-se em marcha laboriosamente.

— Oito... c-cinco... — os olhos claros piscavam lentamente — onze, seis — concluiu Tom de um só fôlego; então, endireitou as costas, orgulhoso.

Sim, bom, pensou, muito bom. Não iriam fazê-lo de tolo no dia seguinte; derrotara sua lei assassina. Tinha os lábios apertados e as mãos fortemente cruzadas sobre a alva toalha de mesa.

— O quê? — disse ele, piscando os olhos enquanto Les dizia-lhe alguma coisa. — Fale mais alto — disse, irritado.

— Eu já lhe dei outra sequência de números — disse Les sem perder a calma. — Preste atenção, vou lê-la de novo.

Tom se inclinou um pouco, puxando as orelhas.

— Nove, dois, dezesseis, sete, três — disse Les.

Tom pigarreou alto.

— Fale mais devagar — disse ao filho.

Ainda não havia compreendido o significado de tudo isso. Como podiam esperar que alguém guardasse uma sequência de números tão absurdamente longa?

— O quê? O quê? — perguntou raivosamente, enquanto Les lia os números de novo.

— Papai, o examinador fará a leitura das questões ainda mais rapidamente do que eu. Você...

— Compreendo muito bem — disse o pai, interrompendo-o impaciente. — Muito bem. Deixe-me lembrá-lo de que... entretanto, isso não é... não é um teste. Isso é para estudo. E tolíce ir tão rápido. Tolíce. Tenho de aprender esse... esse teste — terminou ele zangado, com seu filho e com a maneira com que as palavras desejadas se escondiam em sua mente.

Les encolheu os ombros e baixou o olhar novamente para o questionário:

— Nove, dois, dezesseis, sete, três — leu devagar.

— Nove, dois, seis, sete...

— Dezesseis, sete, pai.

— Foi o que eu disse.

— Você disse seis, pai.

— Você acha que eu não sei o que disse! Les fechou os olhos por um instante.

— Tudo bem, pai — disse ele.

— Então, você vai lê-los novamente ou não? — Tom perguntou incisivo.

Les leu os números novamente e, enquanto escutava o pai repetindo a sequência com dificuldade, olhou para Terry na sala de estar.

Ela estava lá sentada, feições imóveis, costurando. Desligara o rádio e Les sabia que ela podia ouvir o seu pai tropeçando nos números.

Ok, disse Les para si mesmo, como se estivesse falando com sua esposa, Ok, eu sei que ele é velho e inútil. Você quer que eu diga isso na cara dele e o apunhale pelas costas? Sei tanto quanto você que ele não vai passar no teste. Permita-me, pelo menos, essa breve hipocrisia. Amanhã, a sentença será dada. Não me obrigue a dizer esta noite e partir o coração desse pobre velho.

— Está certo, creio eu — Les ouviu a voz cheia de dignidade de seu pai dizer e encarou novamente a face magra e enrugada.

— Sim, está certo — apressou-se em confirmar.

Sentiu-se um traidor quando um leve sorriso cintilou no canto da boca de seu pai. Eu o estou enganando, pensou.

— Vamos passar para outra coisa — ele escutou o pai dizer e baixou os olhos rapidamente para as folhas de papel.

O que seria fácil para ele?, pensou, desprezando a si mesmo por tal pensamento.

— Bem, vamos, Leslie — disse o pai com voz tensa. — Não podemos perder tempo. Tom olhou seu filho folhear as páginas do questionário e cerrou os punhos. No dia seguinte, sua vida estaria em jogo e seu filho simplesmente folheava o teste como se nada de importante fosse acontecer.

— Vamos, vamos — disse ele, com voz chorosa.

Les pegou um lápis com uma corda amarrada e desenhou um círculo pequeno em uma folha de papel em branco. Entregou o lápis

ao pai.

— Mantenha a ponta do lápis suspensa sobre o círculo por três minutos — disse ele, subitamente com medo de ter escolhido a questão errada. Já vira as mãos do pai tremerem na hora das refeições, ou se atrapalhando com botões ou zíperes de suas roupas.

Les engoliu em seco, nervosamente, pegou o cronometro, deu a partida e acenou para o pai.

Tom respirou fundo, hesitante, inclinou-se sobre a folha de papel e tentou segurar o lápis por cima do círculo, oscilando ligeiramente. Les o viu apoiar-se sobre o cotovelo, coisa que não seria permitida durante o teste; mas nada disse.

Ficou sentado ali olhando o pai. O colorido da face de seu pai estava desbotando e Les podia ver claramente as pequenas linhas vermelhas de veias estouradas sob a pele de suas bochechas. Olhou a pele ressecada, enrugada salpicada por manchas escuras.

Oitenta anos, pensou. Como se sente um homem quando chega aos 80 anos?

Olhou para Terry de novo. Por um instante, seus olhos se encontraram e nenhum dos dois sorriu ou disse alguma coisa. Então, Terry voltou à costura.

— Acho que os três minutos já se passaram — disse Tom com a voz tensa. Les consultou o cronômetro.

— Um minuto e meio, pai — disse ele, imaginando se não deveria ter sido melhor ter mentido novamente.

— Bem, então fique de olho no cronômetro — disse-lhe o pai, agitado, o lápis balançando completamente fora do círculo. — Isso

deveria ser um teste, não uma.... festa.

Les manteve seus olhos na ponta oscilante do lápis, experimentando um sentimento de completa inutilidade, quando percebeu que estava apenas fingindo e que nada que fizesse poderia salvar a vida do pai.

Pelo menos, pensou, os testes não eram administrados pelos filhos e filhas que votaram a favor daquela lei. Pelo menos, ele não teria de carimbar em letras negras a palavra INADEQUADO sobre o teste de seu pai, decidindo, assim, sua sentença.

O lápis balançou novamente para fora da margem do círculo e voltou ao centro quando Tom deslocou seu braço ligeiramente sobre a mesa, um movimento que o desqualificaria imediatamente nessa questão.

— Esse cronômetro é lento demais! — Tom disse num súbito acesso de raiva.

Les prendeu a respiração e olhou para o cronômetro. Dois minutos e meio.

— Três minutos — disse ele, pressionando o botão. Tom bateu o lápis irritado:

— Pronto — disse ele. — É um teste idiota esse — assumiu um tom aborrecido.

— Isso não prova nada. Absolutamente nada.

— Você quer responder algumas perguntas sobre dinheiro, pai?

— São as próximas questões do teste? — Tom perguntou, esticando o pescoço para conferir por si próprio, desconfiado.

— Sim — mentiu Les, sabendo que a visão de seu pai estava fraca demais, embora Tom sempre se recusasse a admitir que precisasse de óculos.

— Oh, espere um momento, há outra antes — ele acrescentou, julgando que seria mais fácil para o seu pai. — Eles vão lhe pedir para dizer as horas.

— Que pergunta estúpida — murmurou Tom. — Que diabos...

Estendeu a mão sobre a mesa, apanhou o relógio e o consultou.

— Dez e quinze — disse com ar de desdém. Les deixou escapar antes que pudesse se conter:

— Mas são onze e quinze, pai.

Seu pai o olhou por um instante como se tivesse sido golpeado. Então, apanhou o relógio novamente e o olhou, torcendo os lábios, e Les teve a terrível premonição de que Tom ia insistir que eram realmente dez e quinze.

— Bem, foi o que eu quis dizer — disse Tom, abruptamente. — Eu me enganei. É claro que são onze e quinze, qualquer idiota saberia disso. Onze e quinze. Esse relógio não vale nada. Os números são muito próximos. Deve ser jogado fora. Agora...

Tom mexeu no bolso e puxou um relógio de ouro.

— Isto é um relógio! — disse ele, orgulhoso. — Vem marcando as horas perfeitamente há 60 anos! Isso sim é um relógio. Não isso aí.

Com desprezo, atirou longe o relógio de Les, que caiu com o mostrador para baixo, quebrando o vidro.

— Veja só — disse Tom rapidamente, para esconder o seu

embaraço. Esse relógio não aguenta nada.

Ele evitava o olhar de Les concentrando-se em seu próprio relógio de ouro. Seus lábios se apertaram quando ele abriu a parte de trás do relógio e viu a fotografia de Mary.

Ela, na casa dos 30 anos, com os cabelos louros, encantadora.

Graças a Deus ela não tinha de se submeter a esses testes, pensou. Pelo menos foi poupada disso. Tom nunca pensou que pudesse considerar a morte acidental de Mary, aos 57 anos, uma sorte, mas isso foi antes dos testes.

Ele fechou o relógio e o pôs de lado.

— É só deixar o relógio comigo esta noite — disse ele, num tom mal-humorado. — Vou providenciar um... um vidro decente amanhã.

— Está tudo bem, pai. É só um relógio velho.

— Está tudo bem — disse Tom. — Está tudo bem, é só deixá-lo comigo. Vou providenciar um vidro... decente. Vou conseguir um para você que não quebre, um que não vá quebrar. É só deixá-lo comigo.

Então, Tom respondeu às questões relativas a dinheiro, do tipo: Quantos quartos têm numa nota de cinco dólares? e Se eu tirar 36 centavos de um dólar, quanto de troco você receberá? Havia questões discursivas e Les ficou ali marcando tempo para o pai.

A casa estava aquecida e silenciosa.

O resultado parecia bastante normal e previsível. Os dois sentados à mesa e Terry costurando na sala de estar. Nisso consistia o horror.

A vida transcorria como de costume. Não se falava em morte. O governo enviava cartas e administrava os testes e aqueles que falhavam eram convocados a comparecer ao centro governamental para receber a injeção.

A lei funcionava, a taxa de mortalidade mantinha-se estável, o problema de superpopulação estava controlado: tudo oficialmente impessoal, sem gritos ou comoções. Ainda assim, eram entes queridos os que estavam sendo assassinados.

— Não se preocupe em ficar marcando o tempo — disse o pai. — Posso responder a essas questões sem que você fique consultando o tempo todo esse relógio.

— Pai, os examinadores vão consultar o relógio.

— Os examinadores são os examinadores — retrucou Tom. — Você não é um examinador.

— Pai, estou tentando ajudá-lo...

— Bem, então, ajude-me, ajude-me. Não fique aí sentado olhando para esse relógio.

— Esse teste é seu, pai, e não meu — começou Les, sentindo as faces queimarem de raiva.

— Se...

— Meu teste, sim, meu teste! — disse o pai de repente, furioso. — Vocês todos esperam por isso, não é? Esperam... que...

As palavras lhe faltaram novamente, pensamentos raivosos se atropelavam em sua mente.

— Você não precisa gritar, pai.

— Eu não estou gritando!

— Pai, os meninos estão dormindo! — Terry subitamente interveio.

— Não me importo se... — Tom interrompeu no meio a frase e recostou-se em sua cadeira, deixando o lápis cair de sua mão, sem perceber, e rolar sobre a toalha de mesa. Ficou ali sentado, tremendo, o peito magro subindo e descendo convulso e as mãos se torcendo descontroladamente sobre o seu colo.

— Você quer continuar, pai? — perguntou Les, contendo sua raiva e nervosismo.

— Eu não peço muito — Tom balbuciou. — Não peço muito da vida.

— Pai, podemos continuar?

O pai se retesou.

— Se você dispuser de tempo — disse ele, com um tom de orgulho, indignado. — Se você dispuser de tempo.

Les olhou o questionário, seus dedos apertando firme as folhas de papel grampeadas. Questões psicológicas? Não, não podia fazê-las. Como você pode perguntar a um pai de 80 anos o que ele pensa sobre sexo? Um pai carrancudo, para quem o comentário mais inocente é "obsceno"?

— E então? — perguntou o pai, elevando a voz.

— Parece que não tem mais nada — disse Les. — Já estamos nisso quase quatro horas.

— E todas essas páginas que você pulou?

— A maioria delas é relativa à parte física...

Ele viu o pai apertar os lábios e sentiu medo de que Tom dissesse ai sobre isso de novo. Mas tudo o que ele disse foi:

— Que belo amigo.

— Pai, você...

Les não pôde continuar a frase. Era inútil discutir. Tom sabia perfeitamente que o Dr. Trask não poderia emitir outro atestado médico para ele evitar esse teste, como acontecera com os três anteriores.

Les sabia o quão assustado e ultrajado o velho homem se sentia porque teria de tirar as roupas e se expor aos médicos, que lhe fariam perguntas ofensivas, além de sondá-lo e auscultá-lo. Sabia como Tom tinha receio do fato de que, ao vestir novamente as roupas, estaria sendo observado secretamente e alguém marcaria numa tabela como ele se vestia sozinho. Sabia como seu pai estava assustado por saber que, quando fosse comer na cafeteria governamental, no intervalo de um dia inteiro de exames, estaria sendo observado novamente na expectativa de deixar cair um garfo ou uma colher, ou derrubar um copo de água, ou deixar respingar molho em sua camisa.

— Pedirão que você assine seu nome e escreva seu endereço — disse Les, desejando que o pai se esquecesse da parte física e sabendo como Tom se sentia orgulhoso de sua caligrafia. Fingindo ainda estar irritado, o velho homem pegou o lápis e começou a escrever. Eu os enganarei a todos, pensou, enquanto o lápis se movia pela página com movimentos fortes e seguros.

"Sr. Thomas Parker", escreveu, "Brighton Street, 2.719, Blairtown, Nova York".

— E a data — disse Les.

O pai escreveu "17 de janeiro de 2003" e sentiu um calafrio. O teste estava marcado para o dia seguinte.

Estavam deitados lado a lado, ambos despertos. Mal haviam falado um com o outro, enquanto se despiam, quando Les havia se inclinado sobre ela para lhe dar um beijo de boa-noite e ela havia murmurado algo que ele não havia conseguido escutar.

Agora, ele se virou para o lado dela com um suspiro profundo e a encarou. No escuro, ela abriu os olhos e o olhou.

— Está dormindo? — ela perguntou baixinho.

— Não.

Ele nada mais disse. Esperou que ela começasse.

Mas ela não começou e, após alguns instantes, ele disse:

— Bem, eu acho que é... o fim - concluiu debilmente porque não gostara da frase; soara ridiculamente melodramática.

Terry não respondeu de pronto. Então, como se pensasse alto, disse:

— Você acha que há alguma chance de...

Les se encolheu ao escutar tais palavras, porque sabia o que ela ia dizer.

— Não — disse ele. — Ele não tem chance alguma de passar.

Escutou-a engolir em seco. Não diga isso, pensou ele implorando. Não me fale que vem dizendo a mesma coisa há quinze anos. Sei

disso. Disse porque achava que era verdade. De repente, desejou que houvesse assinado anos antes o "Pedido de Remoção". Precisavam se ver livres de Tom desesperadamente, pelo bem dos filhos e de si próprios, mas como verbalizar essa necessidade sem se sentir um assassino? Não se pode dizer: espero que o velho homem fracasse, espero que o matem. Embora qualquer outra coisa que se diga seja apenas um substituto hipócrita para aquelas palavras, porque é assim que você se sente exatamente.

Termos médicos, pensou ele — gráficos sobre o declínio de produção de alimentos e diminuição de condições de vida, a fome no mundo e o nível de deterioração da saúde —, usaram todos esses argumentos para fazerem com que a lei fosse aprovada. Bem, eram mentiras, mentiras óbvias e sem fundamento. A lei foi aprovada porque as pessoas desejavam ficar livres de problemas e viver suas próprias vidas.

— Les, e se ele passar? — Terry disse. Ele sentiu suas mãos se apertarem contra o colchão. — Les.

— Não sei, querida — respondeu ele.

A voz dela soou firme na escuridão. Era uma voz no limite da paciência!

— Você tem de saber disse ela.

Ele revolveu a cabeça no travesseiro.

— Querida, não me pressione — ele implorou, — por favor.

— Les, se ele passar no teste, serão mais cinco anos. Mais cinco, Les. Já pensou o que isso significa?

— Querida, ele não tem condições de passar no teste.

— Mas... e se passar?

— Terry, ele errou três quartos das perguntas que lhe fiz hoje à noite, quase não escuta, sua vista é ruim, seu coração é fraco, tem artrite...

Les bateu o punho impotente na cama:

— Ele não passa sequer pelo teste físico — disse ele, odiando-se por dentro por assegurar a esposa que Tom estava condenado.

Se ao menos ele pudesse esquecer o passado e levar em conta apenas o que o pai era agora: um velho inútil com a mente cansada, que estava arruinando suas vidas.

Mas era difícil esquecer como havia amado e respeitado seu pai, as caminhadas pelo campo, as pescarias, as longas conversas à noite e todas as coisas que seu pai e ele haviam compartilhado.

Por tudo isso, nunca tivera força para assinar o "Pedido de Remoção".

Era um simples formulário a ser preenchido. Muito mais simples do que esperar pelos testes a cada cinco anos. Mas isso significava descartar a vida do próprio pai com uma simples assinatura, requisitando ao governo dispor dele como se fosse lixo a ser removido.

No entanto, agora seu pai tinha 80 anos e, apesar de toda a sua criação moral a despeito de seus princípios cristãos de toda uma vida, Terry e ele estavam terrivelmente receosos de que o velho Tom pudesse passar no teste, e viver mais cinco anos com eles... mais cinco anos zanzando pela casa, contradizendo as ordens dadas aos garotos, quebrando coisas, querendo ajudar, mas só atrapalhando, e transformando a vida numa agonia enervante.

— É melhor você dormir — disse Terry.

Ele tentou, mas não conseguiu. Ficou deitado com os olhos fixos no teto escuro, tentando descobrir uma solução, mas em vão.

O despertador tocou às seis da manhã. Les não precisava se levantar até as oito, mas desejava ver o pai sair. Saiu da cama e se vestiu silenciosamente para não despertar Terry.

Ela acordou mesmo assim e olhou para ele do seu travesseiro. Após um instante, ergueu-se sobre o cotovelo e olhou-o sonolenta.

— Vou levantar e lhe preparar um café da manhã.

— Não há necessidade — disse Les. — Fique na cama.

— Você não quer que eu me levante?

— Não se incomode, querida — disse ele. — Quero que você descanse.

Ela voltou a se deitar e virou-se para que Les não visse seu rosto. Não sabia o motivo, mas começara a chorar silenciosamente, se era por Les não querer que ela visse seu pai ou por causa do teste. Mas ela não conseguia parar.

Tudo que podia fazer era se segurar até ouvir a porta do quarto se fechar.

Então, seus ombros estremeceram e um soluço transpôs a barreira que ela havia imposto a si mesma.

A porta do quarto de seu pai estava aberta e Les entrou. Deu uma espiada lá dentro e viu Tom sentado na cama inclinado, amarrando os sapatos escuros. Observou os dedos enrugados e trêmulos lidarem com os cadarços.

— Tudo bem, pai? — perguntou Les. O pai levantou os olhos,

surpreso:

— O que está fazendo acordado a esta hora? — perguntou.

— Pensei em tomar o café da manhã com você — Les disse a ele.

Por um instante, olharam-se em silêncio. Então, o pai inclinou-se sobre os sapatos novamente.

— Não há necessidade — ouviu a voz do velho homem lhe dizer.

— Bem, de qualquer maneira, vou preparar — disse ele e virou-se para que seu pai não pudesse contestá-lo.

— Oh... Leslie.

Les se virou.

— Espero que você não tenha se esquecido de deixar o relógio — disse seu pai. — Pretendo levá-lo à joalheria hoje e mandar colocar um... vidro decente nele, um que não quebre.

— Pai, é apenas um relógio velho — disse Les. — Não vale a pena.

O pai assentiu lentamente, gesticulando com a mão como se estivesse encerrando a discussão:

— Mesmo assim — ele afirmou, calmamente — pretendo...

— Está bem, pai. Está bem. Vou deixá-lo sobre a mesa da cozinha.

O pai parou de falar e olhou para ele por um instante, com o rosto sem expressão. Então, como por impulso e não por um desejo adiado, ele se inclinou para os sapatos novamente.

Les ficou parado um instante olhando para os cabelos grisalhos do

pai, seus dedos magros e trêmulos. Então, virou-se e foi embora.

O relógio ainda estava sobre a mesa de jantar. Les o apanhou e o levou para a mesa da cozinha. O velho homem deve ter ficado a noite toda se forçando a lembrar do relógio, pensou ele. De outro modo, não teria conseguido se lembrar.

Encheu a cafeteira de água e pôs no fogo duas porções de bacon e ovos. Então, encheu dois copos com suco de laranja e sentou-se à mesa.

Cerca de quinze minutos mais tarde, seu pai desceu trajando seu terno azul-marinho, os sapatos cuidadosamente polidos, as unhas impecáveis, o cabelo gomalinado e penteado. Parecia bem asseado e bastante velho, enquanto caminhava até a cafeteira.

— Sente-se, pai — disse Les. — Deixe que eu sirvo o senhor.

— Não sou imprestável — disse o pai. — Fique onde está.

Les tentou sorrir.

— Estou preparando bacon e ovos para nós -disse ele.

— Não estou com fome — respondeu o pai.

— E melhor você tomar um bom café da manhã, pai.

— Nunca fui de comer muito no café da manhã — disse o pai, ereto, ainda parado na frente do fogão. — Acho que não faz bem para o estômago.

Les fechou os olhos um instante, por seu rosto passou uma expressão de desamparo e desespero. Por que me dei ao trabalho de sair da cama?, ele se perguntou, desanimado. Tudo que fazemos é discutir. Não. Endureceu. Não, não vou lhe dar esse

gostinho.

— Dormiu bem, pai? — perguntou.

— Claro que dormi bem — respondeu o pai. — Sempre durmo bem.

— Muito bem.

— Você acha que eu não dormiria bem por causa de um... — interrompeu-se de repente e se virou com ar acusador para Les. — Onde está o relógio? — quis saber.

Les suspirou cansado e lhe entregou o relógio. Seu pai deslocou-se desajeitadamente pelo piso de linóleo, tirou-o das mãos dele e o examinou um instante, com os velhos lábios franzidos.

— Péssima qualidade — disse ele. — Péssima — meteu cuidadosamente no bolso lateral.

— Vou conseguir um vidro decente — murmurou. — Um que não quebre.

Les concordou.

— Será ótimo, pai.

Então, o café ficou pronto e Tom encheu as duas xícaras. Les se levantou e desligou o fogão. Já não tinha vontade de comer bacon e ovos. Sentou-se diante da face severa de seu pai e sentiu o café quente descer queimando sua garganta. Tinha um gosto horrível, mas sabia que nada no mundo teria um bom sabor para ele naquela manhã.

— A que horas você tem de estar lá, pai? — perguntou para quebrar o silêncio.

— Às nove horas — disse Tom.

— Tem certeza de que não quer que eu o leve de carro?

— Não precisa. Não precisa — disse o pai como se estivesse falando pacientemente com uma criança insistente e irritante. — O metro é ótimo. Vou chegar lá mais do que a tempo.

— Está certo, pai — disse Les, e ficou ali sentado olhando para o seu café.

Devia haver algo que pudesse dizer, mas não conseguiu atinar nada.

O silêncio pairou sobre eles por longos minutos, enquanto Tom bebia o seu café preto em goles vagarosos e metódicos.

Les molhou os lábios nervosamente e, percebendo que tremiam, escondeu-os por trás da xícara. Conversa, conversa, pensou ele, sobre idas de carro e metro, e horário do teste, ambos sabiam que Tom poderia ser condenado à morte naquele mesmo dia.

Lamentou-se por ter se levantado. Teria sido melhor acordar e descobrir que seu pai já havia saído. Desejou que tivesse sido assim -para sempre.

Desejou que pudesse acordar certa manhã e encontrar o quarto de seu pai vazio; descobrir que os dois ternos haviam desaparecido, bem como os sapatos escuros, as roupas de trabalho, os lenços, as meias, os suspensórios, os apetrechos de barbear...todas essas evidências silenciosas de uma vida.

Mas não seria assim. Depois que Tom fracassasse no teste, levaria várias semanas antes que a carta com a convocação derradeira chegasse e, após isso, outra semana, mais ou menos, para a execução propriamente dita.

Seria um processo terrivelmente longo de preparativos, de encaixotar as coisas dele e escolher o que conservar e o que jogar fora, uma série infundável de refeições juntos, de conversas, o último jantar com ele, a longa viagem até o centro governamental, a subida silenciosa pelo elevador onde só se ouviria o ruído do mecanismo em ação...

Meu Deus!

Pôs-se a tremer, incapaz de se conter e, por um momento, temeu cair em prantos. Então, olhou para cima, chocado, quando seu pai se levantou.

— Devo ir agora — disse Tom.

Os olhos de Les buscaram o relógio na parede.

— Mas ainda são quinze para as sete — observou ele, tenso. — Não demora todo esse tempo para...

— Gosto de fazer as coisas sem pressa — disse o pai, decidido. — Nunca gostei de chegar atrasado aos compromissos.

— Mas, meu Deus, pai, só leva uma hora para chegar à cidade — disse ele, sentindo um terrível aperto no estômago.

Seu pai balançou a cabeça e Les sabia que não tinha ouvido.

— É cedo, pai — disse mais alto, a voz ligeiramente trêmula.

— Não faz mal — disse o pai.

— Mas você não comeu nada.

— Nunca como muito no café da manhã — Tom começou. — Não

me faz, bem...

Les não ouviu o resto da frase, as palavras sobre os hábitos de toda uma vida, sua dificuldade em digerir e tudo o que seu pai sempre repetia.

Sentiu que era castigado por ondas implacáveis de terror, e quis saltar e envolver o velho nos braços, dizendo-lhe para não se preocupar com o exame porque não importava, porque o amavam e cuidariam dele.

Mas não foi capaz. Ficou ali sentado, paralisado pelo medo, olhando para o pai. Sequer conseguiu falar quando Tom se virou na porta da cozinha e disse, com a voz desprovida de emoção, porque lhe custava toda a energia restante para fazê-lo:

— Vejo você à noite, Leslie.

A porta vaivém se fechou e a brisa que atingiu o rosto de Les lhe congelou a alma. De repente, levantou-se com um gemido de terror e correu pelo piso de linóleo. Ao empurrar a porta, viu que o pai estava quase chegando à porta da frente.

— Pai!

Tom parou e olhou para trás, surpreso, enquanto Les atravessava a sala de estar contando mentalmente os passos: um, dois, três, quatro, cinco.

Parou diante do pai e esforçou-se por sorrir.

— Boa sorte, pai — disse ele. — Eu... o vejo à noite.

Esteve prestes a dizer: Vou torcer por você, mas não conseguiu. Seu pai assentiu com a cabeça uma vez, apenas um aceno rápido, como um cavalheiro reconhecendo outro.

— Obrigado — disse ele, e se virou.

Quando a porta se fechou, era como se, de repente, ela houvesse se transformado em um muro impenetrável que seu pai nunca mais poderia atravessar.

Les foi até a janela e acompanhou o velho homem com os olhos, enquanto atravessava o jardim lentamente até chegar à calçada e virar à esquerda. Viu-o seguir pela rua, endireitar o corpo, colocar os ombros para trás e caminhar ereto e vigorosamente na névoa da manhã. A princípio, Les achou que estava chovendo, mas percebeu que a umidade que lhe atrapalhava a vista não era da vidraça.

Não teve coragem de ir trabalhar. Telefonou avisando que estava doente e ficou em casa. Terry acordou os filhos para a escola e, depois que terminaram de tomar o café da manhã, Les a ajudou a limpar os pratos e colocá-los na máquina. Terry não se pronunciou sobre o fato de ele não ter ido trabalhar.

Comportou-se como se fosse normal ele ficar em casa em um dia de semana.

Les passou a manhã e a tarde na garagem, começando sete projetos diferentes e logo perdendo o interesse por todos.

Por volta das cinco da tarde, foi até a cozinha e abriu uma lata de cerveja enquanto Terry preparava o jantar. Nada disse. Ficou andando de um lado para o outro na sala de estar, parando ocasionalmente para olhar o céu nublado pela janela e, então, começar de novo.

— Gostaria de saber onde ele está que ainda não voltou — falou, finalmente, voltando para a cozinha.

— Ele vai voltar — disse a esposa, e Les retesou-se por um instante, julgando ter percebido um tom de desgosto na voz de

Terry. Então, relaxou, ao perceber que fora apenas sua imaginação.

Quando se vestia, após tomar um banho, eram cinco e quarenta da tarde. Os meninos já haviam voltado para casa depois de brincar lá fora, e estavam sentados à mesa para jantar. Les reparou que Terry havia colocado a mesa para o seu pai e se perguntou se fizera aquilo apenas em consideração ao marido.

Não conseguiu comer nada. Continuava a cortar a carne em partes cada vez menores e a passar manteiga na batata assada, sem provar nenhuma das duas.

— O quê? — perguntou quando percebeu que Jim falara com ele.

— Papai, se o vovô não passar no exame, ele terá ainda um mês, certo?

— Les sentiu os músculos do estômago se contraírem, enquanto olhava fixamente para o filho mais velho. Terá ainda um mês, certo? — o final da pergunta de Jim continuava ecoando em seu cérebro.

— Do que você está falando? — disse Les.

— No meu livro de educação cívica, está escrito que dão às pessoas velhas que não passaram no exame um mês de vida. E verdade, não é?

— Não, não é verdade — interveio Tommy. — A avó de Harry Senker recebeu a carta após duas semanas apenas.

— E como você sabe? — perguntou Jim ao irmão de nove anos. — Você viu?

— Basta — disse Les.

— Não precisava ver — contestou Tommy. — Harry me disse que...

— Basta!

Na mesma hora, os dois filhos olharam para o pai, brancos como papel.

— Não falemos mais sobre isso — disse ele.

— Mas o que...

— Jimmy — disse Terry, com severidade.

Jimmy olhou para a mãe e, depois de um momento, voltou a se concentrar em seu prato, e todos comeram em silêncio.

A morte do avô não significava nada para eles, pensou amargamente Les... nada. Engoliu em seco e tentou relaxar a tensão do corpo. Bem, por que deveria significar alguma coisa?, perguntou para si mesmo. Para eles, ainda não chegara o momento de se preocupar. Por que forçá-los a fazer isso agora? Em breve, chegaria a hora.

Quando a porta da frente abriu e fechou às seis e dez, Les se levantou tão abruptamente, que derrubou um copo vazio.

— Les, não! — Terry disse, de repente, e ele soube imediatamente que tinha razão. Seu pai não gostaria de vê-lo sair correndo da cozinha e enchê-lo de perguntas.

Sentou-se e olhou para a comida que mal tocara, com o coração acelerado.

Ao erguer o garfo com os dedos rígidos, ouviu o velho atravessar o tapete da sala e subir as escadas. Olhou para Terry, que se limitou a engolir.

Não conseguia comer. Sentou-se ofegante, remexendo a comida. Ouviu a porta do quarto do pai se fechar lá em cima.

Quando Terry colocou a torta na mesa, Les balbuciou uma desculpa e se levantou.

No começo da escada, escutou a porta da cozinha se abrir. Ouviu-a chamar seu nome, com urgência.

Parou e permaneceu em silêncio enquanto a mulher se aproximava.

— Não é melhor deixá-lo sozinho? — perguntou ela.

— Mas, querida, eu...

— Les, se ele tivesse sido aprovado no exame, teria entrado na cozinha para nos dizer.

— Querida, não é possível saber se...

— Ele saberia se houvesse passado, você sabe disso. Ele nos disse isso das duas últimas vezes. Se tivesse passado, já teria...

Não terminou a frase. Estremeceu com a maneira com que Les a olhou. No silêncio opressivo, tudo o que ouviu foi o estrondo repentino da chuva, que começou a bater nas vidraças.

Encararam-se um longo tempo. Então, Les disse:

— Vou subir.

— Les — murmurou Terry.

— Não direi coisa alguma que possa perturbá-lo — disse. — Eu vou...

Ficaram se encarando um tempo ainda maior. Então, Les se virou e subiu a escada ruidosamente. Terry o observou com ar triste e desanimado.

Les parou por um minuto diante da porta fechada, tentando criar coragem. *Não quero incomodá-lo*, disse a si mesmo, *Não quero...*

Bateu na porta suavemente, perguntando-se, no mesmo segundo, se estaria cometendo um engano.

Talvez devesse deixá-lo sozinho, pensou deprimido.

Lá de dentro, percebeu um movimento vindo da cama e, em seguida, o som dos pés de seu pai no chão.

— Quem é? — ouviu Tom perguntar. Les engasgou.

— Sou eu, pai — disse ele.

— O que você quer?

— Posso vê-lo?

Silêncio do outro lado.

— Bem... — ouviu e, em seguida, a voz se calou.

Les o escutou se levantando novamente, colocando os pés no chão. Ouviu o som de uma folha de papel sendo amassada e uma gaveta que se fechava com cuidado.

Afinal, a porta se abriu.

Tom vestira o velho roupão vermelho por cima de suas roupas, tirara os sapatos e calçara os chinelos.

— Posso entrar, pai? — Les perguntou baixinho.

O pai hesitou um instante e, então, disse "entre", mas não foi um convite. Era mais como se dissesse: "Esta é a sua casa, não posso impedi-lo de entrar neste quarto".

Les estava prestes a lhe dizer que não queria incomodá-lo, mas não conseguiu. Foi até o centro do aposento e esperou.

— Sente-se — disse o pai, e Les se sentou na cadeira de encosto reto na qual o pai pendurava as roupas durante a noite. Tom esperou até que Les estivesse acomodado e, depois, afundou-se na cama com um grunhido.

Por um longo tempo, olharam um para o outro sem dizerem nada, como dois estranhos, cada qual esperando que o outro começasse a falar. Como foi o teste? A questão continuava girando na mente de Les. Como foi o teste? Como foi o teste? Não podia formulá-la. Como foi...

— Suponho que você queira saber o que... aconteceu — disse, então, o pai, visivelmente tentando se controlar.

— Sim — disse Les. — Eu... — tomou fôlego. — Sim — repetiu e esperou.

O velho Tom baixou os olhos para o chão, por um momento. Então, levantou-se bruscamente e olhou para o filho com um ar de desafio.

— Não fui até lá — disse ele.

Les sentiu como se, de repente, toda sua energia tivesse sido sugada pelo chão. Ficou sentado ali, imóvel, olhando fixamente para o pai.

— Não tinha intenção alguma de ir lá — apressou-se em acrescentar Tom. — Nenhuma intenção de me submeter a todo esse absurdo. Testes físicos, testes m-mentais, empilhar c-c-cubos de madeira em um tabuleiro e... sabe Deus mais o quê! Não tinha a menor intenção de ir.

Parou e olhou para o filho com fúria nos olhos, como se a desafiá-lo a dizer que estava errado.

Mas Les não conseguia dizer coisa alguma.

Passou-se um longo tempo. Les engoliu em seco e conseguiu organizar as palavras:

— O que você vai... fazer?

— Não se preocupe, não se preocupe — disse Tom, quase grato pela pergunta. — Não se preocupe com o seu pai. Seu pai sabe se cuidar.

E, de repente, Les ouviu novamente a gaveta da escrivaninha se fechar e o farfalhar de um saco de papel. Ele quase olhou para o móvel, para ver se o saco ainda estava lá.

Entretanto, conseguiu controlar o impulso.

— B-bem — balbuciou, sem se dar conta de como a expressão em seu rosto deixava transparecer quão assustado e desorientado estava.

— Agora, não se preocupe com isso — disse o pai, baixinho, quase gentilmente. — Não é problema seu. Não é mesmo.

Mas, Les se ouviu gritar por dentro, mas nada disse. Algo em seu pai o deteve; uma espécie de orgulho, de energia, uma dignidade firme com a qual sabia que não devia interferir.

— Gostaria de descansar agora — ouviu Tom dizer.

Teve a sensação de ter acabado de receber um soco no estômago. Gostaria de descansar agora... as palavras ecoaram pelo labirinto do seu cérebro, enquanto se levantava. Descansar agora, descansar agora...

Viu-se caminhando para a porta e, lá, virou-se e olhou para o pai. Adeus. A palavra doeu nele.

Então, Tom sorriu e disse:

— Boa noite, Leslie.

— Pai.

Sentiu a mão do velho homem na sua, mais forte que a sua, mais firme, acalmando-o, tranquilizando-o. Sentiu a mão esquerda do pai apertar seu ombro.

— Boa noite, filho — disse o pai.

Quando ainda estavam próximos, Les viu, por cima do ombro do pai, o saco da farmácia amassado no canto do quarto, como se houvesse sido jogado lá para que ninguém o visse.

Em seguida, estava no corredor, em pânico, incapaz de pronunciar uma palavra, ouvindo o clique da porta se fechando e percebendo que, mesmo que seu pai não houvesse trancado a porta, não poderia entrar em seu quarto.

Permaneceu um longo tempo olhando para a porta fechada, tremendo incontrolavelmente. Em seguida, virou-se e foi embora.

Terry estava à sua espera ao pé da escada, rosto esgotado.

Questionou-o com os olhos, enquanto Les descia em sua direção.

— Ele... não foi — disse apenas isso.

Terry deixou escapar um débil som de surpresa.

— Mas...

— Ele foi à farmácia — acrescentou Les. — Eu... vi o saco num canto do quarto. Ele o jogou ali para que eu não o visse, mas... eu vi.

Por um instante, parecia que ela estava prestes a subir as escadas, mas foi apenas um reflexo momentâneo.

— Deve ter mostrado ao farmacêutico a carta de convocação para o exame — disse Les.

— E, provavelmente, o... farmacêutico lhe deu... pílulas. Como todos fazem.

Ficaram em silêncio na sala de estar, enquanto a chuva tamborilava nas janelas.

— O que devemos fazer? — perguntou Terry, de forma quase inaudível.

— Nada — murmurou ele. Sua garganta movia-se convulsivamente, a respiração era difícil. — Nada.

Depois, ele voltou para a cozinha atordoado e sentiu o braço de sua esposa o envolvendo bem apertado, como se para transmitir o seu amor através do toque, pois não conseguiria falar em amor.

Ficaram sentados na cozinha. Depois que Terry colocou as crianças na cama, voltou e ficaram ali tomando café e falando num tom de

voz baixo e sem ânimo.

Por volta da meia-noite, deixaram a cozinha e, pouco antes de subirem, Les parou ao lado da mesa da sala de jantar e lá encontrou o seu relógio, com um vidro reluzente, novinho em folha. Sequer conseguiu tocá-lo.

Subiram as escadas, passando pelo quarto de Tom. Não ouviram som algum. Despiram-se e foram para a cama juntos, Terry ajustou o despertador como fazia todas as noites. Após algumas horas, conseguiram adormecer.

E, durante toda a noite, houve silêncio no quarto do velho. E no dia seguinte.

BOCATORTA – Monteiro Lobato

A um quarto de légua do arraial do Atoleiro começam as terras da fazenda de igual nome, pertencente ao major Zé Lucas. A meio entre o povoado e o estirão das matas virgens dormia de papo acima um famoso pântano. Pego de insidiosa argila negra fraldejado de velhos guaiambés nodosos, a taboa esbelta cresce-lhe à tona, viçosa na folhagem erétil que as brisas tremelicam. Pela inflorescência, longas varas soerguem-se a prumo, sustendo no ápice um chouriço cor de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batuíra de longo bico, e saltita pelas hastes a corruíra-do-brejo, cujo ninho bojudo se ouriça nos espinheiros marginais. Fora disso, rãs, mimbuias pensativas e, a rabear nas poças verdinhas de algas, a traíra, esse voraz esqualozinho do lodo. Um brejo, enfim, como cem outros.

Notabiliza-o, porém, a profundidade. Ninguém ao vê-lo tão calmo sonha o abismo traidor oculto sob a verdura.

Dois, três bambus emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se na lama sem alçar pé.

Além de vários animais sumidos nele, conta-se o caso do Simas, português teimoso que, na birra de salvar um burro já atolado a meio, se viu engolido lentamente pelo barro maldito. Desd'aí ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das bocas do próprio inferno.

Transposto o abismo, a vegetação encorpa, até formar a mata por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda.

Na manhã daquele dia passara por ali o trole do fazendeiro, de volta da cidade. Além do velho, de sua mulher Don'Ana e de Cristina a

filha única, vinha a passeio o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. Chegaram e agora ouviam na varanda, da boca do Vargas, fiscal, a notícia do sucedido durante a ausência. Já contara Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

- Porcos têm sumido alguns. Uma leitoa rabricó e um capadete malhado dos "Polancham", há duas semanas que moita. Para mim - ninguém me tira da cabeça - o ladrão foi o negro, ainda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquilo, Deus me perdoe, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar...

O major sorriu àquele "querem". Vargas, com ojeriza velha ao mísero Bocatorta, não perdia ensanchas de lhe atribuir malefícios e de estumar o patrão a corrê-lo das terras que aquilo, Nossa Senhora! até enguiçava uma fazenda...

Interessado, o moço indagou da estranha criatura.

- Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda, respondeu o major. Filho duma escrava de meu pai, nasceu, o mísero, disforme e horripilante como não há memória de outro. Um monstro, de tão feio. Há anos que vive sozinho, escondido no mato, donde raro sai e sempre de noite, O povo diz dele horrores - que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o demo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm-lhe por conta. Para mim, é um pobre-diabo cujo crime único é ser feio demais. Como perdeu a medida, está a pagar o crime que não cometeu...

Vargas interveio, cuspilhando com cara de asco: - Se o doutorzinho o visse!... É a coisa mais nojenta deste mundo.

- Feio como o Quasímodo? - Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui jurando que o negro passa diante do... - como é? Eduardo apaixonava-se pelo caso.

- Mas, amigo Vargas, feio como? Por que feio? Explique-me lá essa feiura.

Grande palavra quando lhe davam trela, Vargas entreparou um bocado e disse: - O doutor quer saber como é o negro? Venha cá.

Vossa Senhoria 'garre um juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando; meta a faca nos beiços e saque fora os dois; 'ranque os dentes e só deixe um toco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdoe.

Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse.

Corra o mundo campeando feiura braba e aplique o pior no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente de Bocatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!...

Eduardo desferiu uma gargalhada.

- Você exagera, Vargas. Nem o diabo é tão feio assim, criatura de Deus! - Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquilo é feiura que só vendo! - Nesse caso quero vê-la. Um horror desse naipe merece uma pernada.

Nesse momento surgiu Cristina à porta, anunciando café na mesa.

- Sabe? - disse-lhe o noivo. - Temos um belo passeio em perspectiva: desentocar um gorila que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

- Bocatorta? - exclamou Cristina com um revérbero de asco no rosto. - Não me fale. Só o nome dessa criatura já me põe arrepios no corpo.

E contou o que dele sabia.

Bocatorta representara papel saliente em sua imaginação. Pequenita, amedrontavam-na as mucamas com a cuca, e a cuca era o horrendo negro. Mais tarde, com ouvir às crioulinhas todos os horrores correntes à conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicável pavor ao notâmbulo. Houve tempo no colégio em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou. Bocatorta a tentar beijá-la, e ela, em transes, a fugir. Gritava por socorro, mas a voz lhe morria na garganta. Despertava arquejante, lavada em suores frios.

Curou-a o tempo, mas a obsessão vincara fundos vestígios em su'alma.

Eduardo, não obstante, insistia.

- É o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto cru da realidade para desmanchar exageros de imaginação.

Vamos todos, em farrancho - e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez dum monstro, um simples desgraçado digno do teu dó.

Cristina consultou-se por uns momentos e: - Pode ser - disse. - Talvez vá. Mas não prometo! Na hora verei se tenho coragem...

A maturação do espírito em Cristina desbotara a vivacidade nevrótica dos terrores infantis. Inda assim vacilava.

Renascia o medo antigo, como renasce a encarquilhada rosa de Jericó ao contato de uma gota d'água. Mas vexada de aparecer aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria; desde esse instante, porém, uma imperceptível sombra anuviou-lhe o rosto.

Ao jantar foram o assunto as novidades do arraial - eternas novidades de aldeias, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casara um boticário e morrera uma menina de quatorze anos, muito chegada à gente do major. Particularmente condoída, Don'Ana não a tirava da ideia.

- Pobre da Luizinha! Não me sai dos olhos o jeito dela, tão galante, quando vinha aqui pelo tempo das jabuticabas.

Ali, naquela porta - "Dá licença, Don'Ana!" - tão cheia de vida, vermelhinha do sol... Quem diria...

- E ainda por cima a tal história de cemitério... interveio Cristina. Papai soube? Corriam no arraial rumores macabros. No dia seguinte ao enterramento o coveiro topou a sepultura remexida, como se fora violada durante a noite; e viu na terra fresca pegadas misteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo. Já duma feita sucedera caso idêntico por ocasião da morte da Sinhazinha Esteves; mas todos duvidaram da integridade dos miolos do pobre coveiro sarapantado. Esses incréus não mofavam agora do visionário, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o fato, confirmavam-no.

Imbuído do ceticismo fácil dos moços da cidade, Eduardo meteu a riso a coisa muita fortidão de espírito.

- A gente da roça duma folha de embauva pendurada no barranco faz logo, pelo menos, um lobisomem e três mulas-sem-cabeça. Esse caso do cemitério: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Aí está todo o grande mistério! Cristina objetou: - E os rastos?
- Os rastos! Estou a apostar como tais rastos são os do próprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

- E o padre Lisandro? - acudiu Don'Ana, para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e, trincando um rabanete, expectorou: - Ora, o padre Lisandro! Pelo amor de Deus, Don'Ana! O padre Lisandro é o próprio coveiro de batina e coroa! A propósito...

E contou a propósito vários casos daquele tipo, os quais no correr do tempo vieram a explicar-se naturalmente, com grande cara d'asno dos coveiros e lisandros respectivos.

Cristina ouviu, com o espírito absorto em cismas, a bela demonstração geométrica. Don'Ana concordou da boca para fora, por delicadeza. Mas o major, esse não piou sim nem não. A experiência da vida ensinara-lhe a não afirmar com despotismo, nem negar com "oras - Há muita coisa estranha neste mundo... - disse, traduzindo involuntariamente a safada réplica de Hamlet ao cabeça forte do Horacio.

Zangara o tempo quando à tarde o rancho se pôs de rumo ao casebre de Bocatorta.

Ventava. Rebojos de nuvens prenhes sorviam as últimas nesgas do azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos que, a passos tardos, seguiam comentando a boa composição do futuro casal. Não havia nisso exagero de pais. Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessária para ouvir sem favor o encômio de rapagão, e Cristina era um ramalhete completo das graças que os dezoito anos sabem compor.

Donaire, elegância, distinção... pintam lá vocábulos esbeijados pelo uso esse punhado de quês particularíssimos cuja soma a palavra "linda" totaliza? Lábios de pitanga, a magnólia da pele acesa em rosas nas faces, olhos sombrios como a noite, dentes de pérola...

As velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o "linda!" dito sem mais enfeites além do ponto de admiração.

Vê-la mordiscando o hastil duma flor de catingueiro colhida à beira do caminho, ora risonha, ora séria, a cor das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas têmporas, vê-la assim formosa no quadro agreste duma tarde de junho, era compreender a expressão dos roceiros: Linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo, tinha-os Cristina de alta beleza. Naquela tarde, porém, as sombras de sua alma coavam neles penumbras de estranha melancolia. Melancolia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo esfriava amiúde ante suas repentinas fugas. Ele a percebia distante, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticência que o amor não vê de boa cara. E à medida que caminhavam recrescia aquela esquisitice. Um como intáctil morcego diabólico riscava-lhe a alma de voejos pressagos. Nem o estimulante das brisas ásperas, nem a ternura do noivo, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra, eram de molde a esgarçar a misteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpelou-a: - Que tens hoje, Cristina? Tão sombria...

E ela, num sorriso triste: - Nada!.. Por quê? Nada... É sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como sutilíssimos zigue-zagues de sismógrafo em prenúncio de remota comoção telúrica. Mas esses nadas são tudo!...

- À esquerda, pelo trilho! A voz do major chamou-os à realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se coleante até a beira dum córrego, onde se reuniram de novo.

O major tomou a frente, e guiou-os floresta adentro pelos meandros duma picada. Era ali o mato sinistro onde se alapavam Bocatorta e

o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do povilêu.

Às sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobisomem e se punha de ronda ao cemitério, com lamentosos uivos à lua e abocamentos às pobres almas penadas - coisa muito de arrepiar.

O sombrio da mata enoiteceu de vez o coração de Cristina.

- Mas, afinal, para onde vamos, meu pai? Afundar no atoleiro, como o Simas? Meu pai já fez o testamento? - Já, minha filha - chasqueou o major -, e deixo o Bocatorta para você...

Cristina emudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outrora, e foi com um estremecimento arrepiado que ouviu o ladrido próximo de um cão.

- É Merimbico - disse o velho. - Estamos quase.

Mais cem passos e a mata rasgou-se em clareira, na qual Cristina entreviu a biboca do negro. Fez-se toda pequenina e achegou-se a Don'Ana, apertando-lhe nervosamente as mãos.

- Bobinha! Tudo isso é medo? - Pior que medo, mamãe; é... não sei quê! Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. À laia de paredes, pau a pique mal juntos, entressachados de ramadas secas. Por cobertura, presos, com pedras chatas, molhos de sapê no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrugentas, trapos e cacaria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem agachado.

- Olá, caramujo! Sai da toca que estão cá o sinhô moço e mais visitas! - gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradável

som, Cristina sentiu correr na pele o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercível movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastos, com a lentidão de monstruosa lesma. A princípio surgiu uma gaforinha arrugada, depois o tronco e os braços e a traparia imunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando nos rasgões o negror da pele craquenta.

Cristina escondeu o rosto no ombro de Don'Ana - não queria, não podia ver.

Bocatorta excedeu a toda pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca. Não tinha beijos, e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E torta, posta de viés na cara, num esgar diabólico, resumindo o que o feio pode compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer daquela criatura a culminância da ascosidade, a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humano. E olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. Tudo nele quebrava o equilíbrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra-prima.

À porta do casebre, Merimbico, cachorro à toa, todo ossos, pele e bernas, rosnava contra os importunos.

Don'Ana e a filha afastaram-se, engulhadas. Só os homens resistiram à nauseante vista, embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jamais experimentada, misto de asco, piedade e horror. Aquele quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as ideias. Estarrecido como em face da Górgona, não lhe vinha palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava língua com o monstro, que em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho, arregaçou na cara um riso. Eduardo não teve mão de si. Aquele riso naquela cara sobre-excedia a sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto e se foi para onde as mulheres, murmurando: - É demais! É de fazer mal a nervos de aço...

Seus olhos encontraram os de Cristina e neles viram a expressão de pavor da preá engrifada nas puas da suindara - o pavor da morte...

Quando deixaram a floresta, morria a tarde sob o chicote dum vento precursor de chuva.

- Foi imprudência, Cristina, vires sem um xalezinho de cabeça ao menos!... Queira Deus...

A moça não respondeu. D'olhos baixos, retransida, respirava a largos haustos, para desaforo dum aperto de coração nunca sentido fora dos pesadelos.

Generalizara-se o silêncio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha, ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho também pelo mal-estar geral.

Triste anoitecer o daquele dia, picado a espaços pelo surdo revoo dos curiangos. O vento zunia, e numa lufada mais forte trouxe da mata o uivo plangente de Merimbico.

Ao ouvi-lo, um comentário apenas escapou da boca do major: - Diabo! Fechara-se a noite e vinham as primeiras gotas de chuva quando pisaram no alpendre do casarão.

Cristina sentiu pelo corpo inteiro um calafrio, como se a sacudisse a corrente elétrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração opressa.

O rebuliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz, tentando atinar com a doença de Cristina; mas perdia-se sem bússola no báratro das moléstias. Nesse em meio, Don'Ana esgotava o arsenal da medicina anódina dos símplices caseiros.

O mal, entretanto, recalcitrava às chasadas e sudoríferos. Chamou-se o boticário da vila. Veio a galope o Eusébio Macário e diagnosticou pneumonia.

Quem já não assistiu a uma dessas subitâneas desgraças que de golpe se abatem, qual negro avejão de presa, sobre uma família feliz, e estraçoam tudo quanto nela representa a alegria, e esperança, o futuro? Noites em claro, o rumor dos passos abafados... E o doente a piorar... O médico da casa apreensivo, cheio de vincos na testa... Dias e dias de duelo mudo contra a moléstia incoercível... A desesperança, afinal, o irremediável antolhado iminente; a morte pressentida de ronda ao quarto...

Ao oitavo dia Cristina foi desenganada; no décimo o sino do arraial anunciou o seu prematuro fim.

- Morta!...

Eduardo escondia as lágrimas entre as almofadas do leito, repetindo cem vezes a mesma palavra.

Alcançava-lhe o significado tremendo e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som oco de sentido! A imagem de Cristina morta, a esfervilhar na dissolução dentro da terra gelada,

contrapunha-se às visões da Cristina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnara sua alma. Cerrando os olhos, revia-se durante o passeio fatal, envolta nas brumas de vagos pressentimentos. Vinham-lhe à memória as suas palavras dúbias, a sua vacilação. E arrebelava-se por não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa secreta que tenazmente a defendia. Tais pensamentos, enxameantes como moscas em torno à carne viva da dor de Eduardo, coavam nele venenos cruéis.

Fora, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Cristina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das árvores, nem se recobria de cinzas a terra...

Espezinhado pela fria indiferença das coisas, fechou-se na clausura de si próprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfancar pela pata cega do destino.

Correram horas. Noite alta, acudiu-lhe a ideia de ir ao cemiterinho beijar num último adeus o túmulo da noiva.

Por sobre a vegetação adormecida coava-se o palor cinéreo da minguante. Raras estrelas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão - Merimbico talvez - a escandir o concerto das untanhas que coaxavam glu-glus nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemitério. Estava encadeado o portão. Apoiou a testa nos frios varões ferrugentos e mergulhou os olhos queimados de lágrimas por entre os carneiros humildes, em busca do que recebera Cristina.

No ar, um silêncio de eternidade.

Brisas intermitentes carreavam o olor acre dos cravos-de-defunto floridos na tristeza daquele cemitério da roça.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar com o sítio onde Cristina dormia o grande sono, quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Direis um arranhar de chão em raspões cautelosos, ao qual se casava o resfolego duma criatura viva.

Pulsou-lhe violento o sangue. Os cabelos cresceram-lhe na cabeça. Alucinação? Apurou os ouvidos: o rumor estranho lá continuava, vindo de um ponto sombreado de ciprestes. Firmou a vista: qualquer coisa agachava-se na terra.

Súbito, num relâmpago, fulgurou em sua memória a cena do jantar, o caso de Luízinha, as palavras de Cristina.

Eduardo sentiu arrepiarem-se-lhe os cabelos e, ganho dum pânico desvairado, deitou a correr como um louco rumo à fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem fôlego, lavado em suor frio, despertando de sobressalto a família.

Com gritos de espanto, que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam, exclamou entre arquejos: - Estão desenterrando Cristina... Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

- Que loucura é essa, moço? - Eu vi... - continuava Eduardo com os olhos desmesuradamente abertos. - Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

O major apertou entre as mãos a testa. Esteve assim imóvel uns instantes. Depois sacudiu a cabeça num gesto de decisão e, horrivelmente calmo, murmurou entre dentes, como em resposta a si próprio: - Será possível, meu Deus? Vestiu-se de golpe, meteu no bolso o revólver e atirando três palavras enigmáticas à estarrecida

Don'Ana, gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz: - Vamos! Magnetizado pela energia do velho, o moço acompanhou-o qual sonâmbulo.

No terreiro apareceu-lhes o capataz.

- Venha conosco. A "coisa" está no cemitério.

Vargas passou mão de uma foice.

- Vai ver que é ele, patrão, até juro! O major não respondeu - e os três homens partiram a correr pelos campos a fora.

A meio caminho, Eduardo, exausto de tantas emoções, atrasou-se. Seus músculos recusaram-lhe obediência. Ao defrontar com o atoleiro, as pernas lhe fraquearam de vez e ele caiu, ofegante.

Entrementes, o major e o feitor alcançavam o cemitério, galgavam o muro e aproximavam-se como gatos do túmulo de Cristina.

Um quadro hediondo antolhou-se-lhes de golpe: um corpo branco jazia fora do túmulo - abraçado por um vulto vivo, negro e coleante como o polvo.

O pai de Cristina desferiu um rugido de fera, e qual fera mal ferida arrojou-se para cima do monstro. A hiena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E, coxeando, cambaio, seminu, de tropeços nas cruces, a galgar túmulos com agilidade inconcebível em semelhante criatura, Bocatorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo, que concentrara todas as forças para seguir de longe o desfecho do drama, viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrófilo, para em seguida desaparecer mergulhando na massa escura dos guaiambés.

Voando-lhe no encalço, viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa, em que só lhe feriu o ouvido o rumor da correria. Depois, gritos de cólera, d'envolta a um grunhir de queixada caído em mundéu - e tudo se misturou ao barulho da luta que o uivo de Merimbico dominava lugubrememente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria nas unhas dum pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lho a voz alterada do feitor, esboçando o epílogo da tragédia: - Não atire, major, ele não merece bala. Para que serve o atoleiro? E logo após Eduardo sentiu recrudescer a luta, entre imprecações de cólera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro. E ouviu farfalhar o mato, como se por ele arrastassem um corpo manietado, a debater-se em convulsões violentas. E ouviu um rugido cavo de supremo desespero. E após, o baque fofo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista; seus ouvidos cessaram de ouvir; seu pensamento adormeceu...

Quando voltou a si, dois homens borrifavam-lhe o rosto com água gelada. Encarou-os, marasmado. Ergueu-se, mal firme, apoiado a um deles. E reconheceu a voz do major, que entre arquejos de cansaço lhe dizia: - Seja homem, moço. Cristina já está enterrada, e o negro...

- ... está beijando o barro, concluiu sinistramente o Vargas.

Ao raiar do dia, Merimbico ainda lá estava, sentado nas patas traseiras, a uivar saudosamente com os olhos postos no sítio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragédia noturna nem denunciava o túmulo de lodo açaimador da boca hedionda que babujara nos lábios de Cristina o beijo único de sua vida.

FIM

O FANTASMA DE CANTERVILLE – Oscar Wilde

Dublin-16/19/1854 - Paris 30/11/1900

Quando Mister Hiram B. Otis, o Ministro Americano, adquiriu Canterville Chase, não faltou quem o advertisse de que fazia um péssimo negócio, pois sem dúvida o lugar era mal-assombrado. Na verdade, o próprio Lord Canterville, cujo caráter era escrupuloso e da mais absoluta honestidade, julgara seu dever mencionar o fato a Mr Otis, quando chegara o momento de discutirem as condições do contrato.

"Nós mesmos tratamos de não morar mais aqui," disse Lord Canterville " desde que a minha tia-avó, a Duquesa Viuva de Bolton, teve um acesso de terror, (do qual jamais recobrou-se integralmente) quando duas mãos de esqueleto pousaram sobre seus ombros ao vestir-se para o jantar. Sinto-me obrigado a dizer-lhe, Mr Otis, que o fantasma tem sido visto por vários membros ainda vivos da minha família, bem como pelo pároco, o Reverendo Augustus Dampier, membro do King's College, em Cambridge. Após o infeliz incidente sucedido à duquesa, nenhum dos nossos criados mais jovens quis permanecer conosco, e Lady Canterville dificilmente dormia bem à noite, por causa dos misteriosos ruídos vindos do corredor e da biblioteca".

"Milorde", respondeu o Ministro " Vamos incluir o fantasma no preço da mobília. Venho de um país moderno, onde temos tudo quanto o dinheiro pode comprar, e com todos os nossos dinâmicos jovens compatriotas pintando o sete no Velho Mundo, arrebatando seus melhores atores e prima-donas, concluo que se existisse algo parecido com um fantasma na Europa, certamente já estaria em nosso país, sendo exibido em um dos nossos museus, ou nos espetáculos ambulantes".

"Temo que o fantasma exista", respondeu sorrindo, Lord Canterville, "embora tenha resistido às propostas dos seus arrojados

empresários. É bem conhecido há três séculos, precisamente a partir do ano de 1584, e nunca deixa de aparecer na véspera do falecimento de qualquer membro da nossa família".

"Bem, em todas as famílias o médico faz o mesmo, Lord Canterville. Fantasmas não existem, e não creio que as leis da natureza sejam suspensas em favor da aristocracia inglesa."

"Os americanos certamente são bem naturais", comentou Lord Canterville, sem compreender inteiramente a última observação de Mr. Otis, "e se não se incomoda em ter um fantasma em casa, está tudo certo. Mas não deve esquecer-se de que eu o avisei".

Poucas semanas depois o negócio foi concluído, e ao fim da temporada o Ministro e sua família mudaram-se para Canterville Chase. Mrs Otis, que como Miss Lucrécia R. Tappan, da rua West 53, fora célebre em New York por sua beleza, era agora uma elegantíssima mulher de meia-idade, com lindos olhos e soberbo perfil. Muitas damas americanas ao deixarem o país natal afetam um ar de indisposição crônica, que imaginam corresponder ao modelo de refinamento europeu, mas Mrs. Otis jamais caíra em semelhante erro. Possuía magnífica constituição e uma energia espantosa. Na verdade, e sob vários aspectos ela era quase inglesa, e um excelente exemplo de que hoje em dia temos tudo em comum com a América, exceto, naturalmente, o idioma. Seu filho mais velho, a quem os pais deram o nome de Washington num momento de patriotismo que ele jamais deixara de lamentar, era um rapaz de cabelos louros e feições agradáveis, que parecia perfeitamente dotado para entrar na diplomacia americana, pois liderara os alemães no Cassino de Newport por três temporadas seguidas, e mesmo em Londres era conhecido como exímio dançarino.

Gardênias e nobreza eram suas únicas fraquezas. Fora disso era extremamente ajuizado. Miss Virgínia E. Otis era uma juvenzinha de quinze anos, graciosa e esbelta como uma gazela, e cujos enormes olhos azuis refletiam agradável desembaraço. Era admirável amazona, e uma vez montada em seu potro, apostara uma corrida com o velho Lord Bilton, dando duas voltas no parque e o vencera por corpo e meio, precisamente diante da estátua de Aquiles, para

grande enlevo do jovem Duque de Cheshire, que a pediu em casamento ali mesmo, e foi mandado por seus tutores de volta a Eton nesta mesma noite, afogado em lágrimas. Depois de Virgínia, vinham os gêmeos, geralmente chamados de "estrelas e listas", pois eram frequentemente chicoteados. Eram garotos encantadores e com exceção do digno Ministro, os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como Canterville Chase ficava a sete milhas de Ascot, a estação ferroviária mais próxima, Mr. Otis telegrafara pedindo uma carruagem para esperá-los e puseram-se todos a caminho, muito animados. Era um adorável fim de tarde de julho, e o aroma dos pinheiros embalsamava o ar. De quando em quando, ouviam um pombo bravo arrulhar docemente, ou vislumbravam escondido no mato o peito brilhante de um faisão. À sua passagem, pequenos esquilos os espreitavam por entre as faias, e os coelhos fugiam em disparada através dos arbustos ou por sobre os outeiros recobertos de musgo, com suas caudas brancas para o alto. Porém, quando tomaram a alameda de Canterville Chase, o céu nublou-se subitamente, uma estranha calma pareceu envolver a atmosfera, um bando de gralhas passou silenciosamente sobre suas cabeças, e, antes que chegassem até a casa, começaram a cair grandes pingos de chuva.

De pé na escada para recebê-los estava uma mulher idosa, caprichosamente vestida de seda negra, com touca branca e avental. Era Mrs Umney, a governanta, a quem Mrs. Otis, mediante o decidido empenho de Lady Canterville, consentira em conservar na sua antiga posição. Logo que saíram do coche, ela fez uma profunda reverência a cada um deles e disse de um jeito graciosamente antiquado e fora de moda:

"Sejam bem-vindos a Canterville Chase".

Seguiram-na, e depois de atravessarem um belo vestíbulo Tudor, entraram na biblioteca, comprido aposento de teto baixo, apainelado de carvalho negro, tendo ao fundo uma grande janela com vitrais. Ali fora arrumada a mesa do chá, e, após tirarem os abrigos de viagem, sentaram-se olhando em torno, enquanto Mrs. Umney os servia.

De repente Mrs. Otis atentou para uma mancha vermelho escuro no soalho perto da lareira, e inteiramente alheia quanto ao real significado daquilo, disse a Mrs Umney:

" Creio que derramaram alguma coisa ali".

" Sim, minha senhora", respondeu em voz baixa, a velha governanta, "derramaram sangue naquele lugar".

" Mas é horrível", exclamou Mrs. Otis. "Não gosto nada de ver manchas de sangue nos salões. É preciso remove-la imediatamente".

A velhota sorriu e respondeu, na mesma voz baixa e misteriosa:

"É o sangue de Lady Eleanor de Canterville, assassinada exatamente neste local por seu próprio marido, Sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos, e um dia desapareceu misteriosamente. Seu corpo jamais foi encontrado, mas seu espírito culpado ainda assombra esta casa. A mancha de sangue sempre provocou o espanto dos visitantes e turistas e não pode ser removida".

"Que absurdo", exclamou Washington Otis, "O Campeão dos Tira-Manchas Pinkerton e o detergente Paragon, limparão isso num instante".E antes que a apavorada governanta pudesse intervir, Washington, ajoelhou-se e esfregou vigorosamente assoalho com um bastãozinho que lembrava um cosmético negro. Num instante a mancha de sangue sumiu sem deixar traços. "Eu sabia que o Pinkerton resolveria o caso", exclamou triunfante, olhando a família, que o rodeava cheia de admiração, mas mal acabara de pronunciar aquelas palavras, o clarão de um raio iluminou o sombrio aposento, um apavorante trovão ribombou, e Mrs. Umney desmaiou.

"Que clima monstruoso", disse calmamente o Ministro Americano enquanto acendia um longo charuto, "Acho que este velho país está tão super povoado que não há um clima decente que chegue para todo mundo. Fui sempre de opinião que a emigração era a única solução para a Inglaterra".

"Meu caro Hiram", disse Mrs. Otis, " que faremos com uma mulher que desmaia assim?"

"Desconte-lhe as coisas quebradas do salário", respondeu o Ministro, "ela não tornará a desmaiar depois disso". Mrs. Uniney

voltou a si em poucos instantes. Estava, porém, sem dúvida manguito abalada. Com ar grave, preveniu Mrs. Otis de que não tardariam a registrar-se acontecimentos perturbadores na casa. "Tenho visto com os meus próprios olhos, Senhor", disse ela, "coisas que fariam qualquer Cristão ficar com os cabelos em pé, e noite após noite não pego os olhos por causa dos fatos terríveis que se passam aqui". Mr. Otis e sua esposa afirmaram calorosamente à boa mulher que não tinham medo de fantasmas, e depois de invocar as bênçãos da Providência sobre seus novos patrões e procedido de jeito a obter aumento de salário, a velha governanta recolheu-se ao seu quarto, um tanto trôpega.

II

A violenta tempestade desabou com selvageria durante toda aquela noite, mas nada de especial aconteceu. Na manhã seguinte, porém, ao descer para o desjejum, os Otis verificaram que a horrível mancha de sangue reaparecera no assoalho. "Não acho que a culpa seja do Detergente Paragon", disse Washington, "pois já o experimentei num monte de coisas. Isto deve ser o fantasma". Ele conseguiu apagar a mancha pela segunda vez, mas na segunda manhã ela apareceu de novo. Na manhã do terceiro dia também lá estava, embora a biblioteca tivesse sido trancada à noite por Mr. Otis em pessoa, que ainda tomara o cuidado de levar a chave consigo ao subir. Toda a família encontrava-se agora interessadíssima e Mr. Otis começou a suspeitar de que havia sido dogmático demais ao negar a existência de fantasmas, Mrs. Otis manifestou sua intenção de inscrever-se na Sociedade de Estudos Psíquicos, e Washington enviou uma extensa carta aos senhores Myers e Podmore, acerca da Persistência das Manchas Sanguíneas relacionadas aos Crimes de Morte. Nessa noite, todas as dúvidas a respeito da existência objetiva dos fantasmas dissiparam-se para sempre.

O dia havia sido quente e ensolarado e ao frescor do anoitecer, toda a família saiu para dar uma volta. Não regressaram senão lá pelas nove horas, quando fizeram uma ceia leve. De modo algum, a

conversa incluiu qualquer alusão aos fantasmas, de maneira que não se poderiam pôr em causa essas preliminares condições de expectativa e autossugestão que tantas vezes precedem a aparição dos fenômenos psíquicos. Como Mr. Otis contou-me mais tarde, a discussão girou em torno de assuntos triviais que constituem a conversação entre americanos cultos da melhor sociedade, como a imensa superioridade de Miss Fanny Davenport, como atriz, sobre Sarah Bernhardt; a dificuldade de obter milho verde, bolos de trigo mouro, mesmo nos melhores estabelecimentos ingleses; a importância de Boston no desenvolvimento da espiritualidade mundial; as vantagens do sistema de registro das bagagens nas estradas de ferro; a suavidade do sotaque nova-iorquino, comparada com a pronúncia arrastada de Londres. Nenhuma menção foi feita às coisas sobrenaturais, ou muito menos a Sir Simon de Canterville.

Às onze horas a família recolheu-se, e às onze e meia todas as luzes já estavam apagadas. Algum tempo depois, Mr. Otis foi despertado por um ruído singular que vinha do corredor, em frente à porta do seu quarto. Soava como um canglor de metal, e aproximava-se cada vez mais. Levantou-se imediatamente, riscou um fósforo e olhou o relógio. Era uma hora em ponto. Razoavelmente calmo, Mr. Otis tomou o próprio pulso e verificou que as pulsações não estavam exageradas, logo, não era febre. O ruído estranho continuava, e dentro em pouco Mr. Otis percebeu distintamente passos. Enfiou os chinelos, tirou do seu estojo de toalete uma garrafinha oblonga e abriu a porta. Bem diante de si, ao pálido luar ele viu um velho de terrível aspecto. Seus olhos, pareciam carvões em brasa e lançavam clarões vermelhos. Os cabelos longos e grisalhos caíam-lhe sobre os ombros em madeixas emaranhadas. O traje, de corte antiquado estava manchado e em farrapos. Pesados grilhões enferrujados pendiam-lhe dos pulsos e dos tornozelos. "Meu caro senhor, disse Mr. Otis, "devo realmente insistir para que lubrifique esses grilhões, e pensando no senhor, trouxe-lhe esta garrafinha do Lubrificante Tammany Sol Levante. Dizem ser inteiramente eficaz logo à primeira aplicação. Na embalagem há vários testemunhos assinados por teólogos

eminentes do meu país. Deixarei o frasco aqui, junto dos candelabros, e sentir-me-ei deveras feliz em arranjar-lhe outro, se o senhor assim o desejar". Ao dizer isto, o Ministro dos Estados Unidos colocou o frasco sobre o tampo de mármore de uma mesa e, fechando a porta, voltou a meter-se na cama.

O Fantasma de Canterville ficou uns instantes imóvel, cheio de uma indignação bem natural; depois, arremessando violentamente o frasco ao soalho encerado, sumiu-se ao longo do corredor a soltar grunhidos cavernosos e projetando terrificantes clarões verdes ao redor. Porém, ao atingir o alto da grande escadaria de carvalho, uma porta abriu-se bruscamente, apareceram duas figurinhas vestidas de branco, e um enorme travesseiro passou-lhe, zumbindo, rente à cabeça! Decididamente, não havia tempo a perder e, adotando a Quarta Dimensão como rápido meio de salvação, esgueirou-se através da parede, e casa voltou ao sossego.

Tendo alcançado a pequena câmara secreta situada da ala esquerda, apoiou-se para retomar fôlego, e pôs-se a refletir no que lhe acabara de suceder. Em toda a sua carreira de trezentos anos, brilhante e ininterrupta, nunca havia sido tão grosseiramente insultado. Recordou o paroxismo de terror que infundira na Duquesa Viúva, levando-a a ter um ataque, quando se contemplava no espelho, enfeitada de diamantes e rendas; as quatro criadinhas que haviam tido uma crise de nervos, muito simplesmente porque ele, rindo com escárnio, as espreitara através dos cortinados de um dos quartos de hóspedes; o cura da paróquia, cuja vela apagara com um sopro quando saía tarde da noite da biblioteca, e de como este ficara sob os cuidados de Sir William Gul, desde então um perfeito Mártir dos distúrbios nervosos; a velha senhora de Tremouillac, a qual tendo acordado de manhã cedo e visto um esqueleto sentado numa poltrona junto da lareira, imerso na leitura do seu diário, ficara presa ao leito por seis semanas com febre cerebral. Ao convalescer, reconciliara-se com a Igreja, cortando todas as relações com Monsier de Voltaire, esse cético notório Lembrou-se também da terrível noite em que o patife do Lord Canterville fora encontrado no seu quarto de vestir meio sufocado, com o valete de ouros no fundo da garganta; e de como este confessara antes de

morrer, ter trapaceado no jogo por meio dessa carta, e roubado de Charles James Fox, em Crockford's, cinquenta mil libras esterlinas, e jurava que o fantasma obrigara-o a engolir a carta. Rememorou todas estas grandes façanhas e evocou ainda o caso do mordomo que atirara em si mesmo na dispensa, após ter visto uma mão verde bater nos vidros; depois, o da bela Lady Stutfield, que fora obrigada a usar sempre uma fita de veludo negro em volta do pescoço, para ocultar a marca que cinco dedos de fogo haviam impresso na sua pele branca, e que acabara por se matar, afogando-se no lago das carpas, no fim da Alameda do Rei. Com o egoísmo entusiástico do verdadeiro artista, o Fantasma passou em revista as suas realizações mais famosas. E com um sorriso cheio de azedume, recordou-se da sua última aparição como "Red Ruben ou o Bebê Estrangulado", da sua estreia em "O Magro Gibeon ou O Vampiro de Bexley Moor", e da agitação que provocara, numa encantadora tarde de junho, brincando muito simplesmente com a sua própria ossada, em cima da relva do campo de tênis. E ao fim de estes feitos, eis que uns miseráveis americanos modernos lhe vinham oferecer Lubrificantes Sol Levante e arremessar-lhe travesseiros à cabeça! Era verdadeiramente intolerável. Nunca fantasma algum fora tratado daquela maneira. Decidiu que teria sua vingança, e até romper a aurora, permaneceu em atitude de profunda meditação.

III

Na manhã seguinte, quando a família Otis reuniu-se durante o café da manhã, conversou-se um pouco sobre o fantasma, mas o Ministro dos Estados Unidos, estava, como é natural, um pouco aborrecido por ver que sua dádiva não fora aceita.

"De forma alguma eu tive a intenção de infligir ao fantasma qualquer dano pessoal e, sendo certo que ele reside na casa há tanto tempo, vocês devem admitir que é muito pouco delicado atirar-lhe travesseiros à cabeça."

Lamento declarar, que perante esta justa advertência, os gêmeos desataram em galhadas.

"Por outro lado", prosseguiu o embaixador, "se ele se recusa, teimosamente, a usar o lubrificante Sol Levante, teremos que confiscar-lhe os grilhões. É impossível dormir com um barulho assim no corredor!"

Mas, durante todo o resto da semana, não foram incomodados de forma alguma, e a única coisa a excitar a atenção era o reaparecimento contínuo da mancha de sangue no soalho da biblioteca. E isso era muito estranho, porque Mr. Otis fechava a porta a chave todas as tardes e mandava trancar bem as janelas. O fato da mancha mudar tantas vezes de cor como se fosse um camaleão, provocava igualmente numerosos comentários.

Em determinadas manhãs, ela aparecia em vermelho escuro (quase indiano), numa outra, em vermelhão francês, em seguida, púrpura, até que uma vez, quando os Otis desceram para as orações familiares, conforme os ritos cheios de simplicidade da Igreja Livre Americana Reformada e Episcopal, eles a encontraram em verde-esmeralda resplandecente. Naturalmente, estas mutações caleidoscópicas muito divertiam a família, e todas as noites, estabeleciam-se apostas a seu respeito. A única pessoa que não tomava parte na brincadeira era a pequena Virgínia, que, por qualquer razão ignorada, parecia sempre consternada ao ver a mancha de sangue e esteve perto de desatar a chorar na manhã em que a nódoa apareceu no tom verde-esmeralda.

A segunda aparição do fantasma aconteceu num domingo, à noite. Pouco tempo depois de se haverem recolhido, foram de súbito alarmados por um medonho estrondo vindo do vestíbulo. Descendo precipitadamente as escadas, verificaram que uma grande e antiga armadura fora despregada de seu pedestal e atirada no lajedo, enquanto o Fantasma de Canterville, sentado numa cadeira de espaldar alto e com uma expressão de intensa agonia, esfregava os joelhos. Os gêmeos, que se tinham munido das suas atiradeiras, descarregaram imediatamente dois pequenos projéteis sobre o fantasma, com essa precisão de pontaria que só longos e sérios exercícios, tendo por mestre um professor exímio, podem dar, enquanto o Ministro dos Estados Unidos, mantendo-o sob a ameaça do seu revólver, intimava-o, segundo a etiqueta californiana, a que

pusesse as mãos ao alto. O Fantasma levantou-se bruscamente, com um medonho grito de raiva e deslizou por entre eles todos tal qual um nevoeiro, apagando na sua passagem a vela de Washington Otis e deixando-os na completa escuridão. Ao alcançar o cimo da escadaria, o Fantasma recobrou ânimo e decidiu soar o famoso carrilhão de risos demoníacos, cuja utilidade mais de uma vez havia experimentado.

Contava-se que aquilo fizera embranquecer, durante o espaço de uma só noite, a cabeça de Lorde Raker, e fizera com que três governantas francesas de Lady Canterville se despedissem antes do fim do mês. Riu portanto com seu riso mais horripilante fazendo tremer o teto abobadado. Mal porém se extinguiu o medonho eco, abriu-se uma porta e Mrs. Otis surgiu trajando um leve roupão azul." Temo que o senhor não esteja se sentindo bem, disse ela," e trouxe-lhe um vidro do Elixir do Dr. Dobell, e se por ventura tratar-se de indigestão, o senhor verá que é um excelente remédio."

O Fantasma olhou-a furioso e começou a fazer preparativos para transformar-se num grande cão negro, proeza pela qual era justamente renomado e que motivara, segundo o médico da família, a permanente idiotia do tio de Lorde Canterville, o Hon. Thomas Horton. O som de passos aproximando-se fê-lo, porém, hesitar. Limitou-se a tornar-se ligeiramente fosforescente e desapareceu com um tétrico gemido, exatamente quando os gêmeos acabavam de chegar.

Entrou em seu quarto inteiramente aniquilado, tomado de violenta agitação.

A vulgaridade dos gêmeos e o crasso materialismo de Mrs Otis eram extremamente desagradáveis, contudo, o que realmente o perturbava era o fato de não ter podido usar a armadura. Tivera a esperança de que mesmo americanos modernos, se emocionassem à vista do Espectro de Armadura, se não por um motivo razoável, pelo menos por respeito ao poeta nacional Longfellow, cuja graciosa e atraente poesia, a ele mesmo entretivera quando os Cantervilles estavam na cidade. Além disso tratava-se de sua própria armadura. Usara-a com êxito no torneio de Kenilworth e fora muito

cumprimentado pela Rainha Virgem em pessoa. Todavia, ao vesti-la, sentira-se completamente abatido pelo peso da enorme couraça e do capacete de aço, caindo pesadamente no chão de pedra e ferindo os joelhos e os dedos da mão direita.

Durante alguns dias sentiu-se muito doente e não se afastou do quarto, exceto para manter em ordem a mancha de sangue. Porém, acreditando-se restabelecido resolveu fazer uma terceira tentativa de assustar o Ministro dos Estados Unidos e sua família.

Escolheu sexta-feira, 17 de agosto, para a aparição e gastou a maior parte do dia examinando seu guarda-roupa. Decidiu-se por fim a favor de um grande chapéu de penacho vermelho e um enferrujado punhal. À tarde desabou um violento temporal e o vento era tão forte que fazia estremecer todas as janelas e portas da velha casa. Era exatamente a espécie de tempo que lhe agradava. Seu plano de ação era o seguinte: caminhará sem ruído até o quarto de Washington Otis, gemeria aos pés da cama e se apunhalaria três vezes no pescoço, ao som de música lenta.

Nutria por Washington um especial rancor, estando ciente do fato de que era ele o responsável pela remoção da mancha de Canterville com o Detergente Paragon, de Pinkerton. Depois de reduzir o desabrido e tolo jovem à condição de abjeto terror, avançaria pelo quarto ocupado pelo Ministro dos Estados Unidos e sua esposa, colocaria mão pegajosa sobre a testa de Mrs. Otis, ao mesmo tempo que murmuraria aos ouvidos de seu trêmulo marido segredos medonhos de necrotério. Com respeito a Virgínia ainda não tomara uma decisão. Ela jamais o insultara de modo algum, e era bonita e tranquila. Alguns gemidos cavos dentro do armário seriam mais que suficientes ou, se isso não a despertasse, poderia segurar a colcha com os dedos trêmulos. Quanto aos gêmeos estava decidido a dar-lhes uma lição. A primeira coisa a fazer, naturalmente sentar-se sobre o peito deles, de maneira a produzir a sufocante sensação de asfixia e pesadelo. Depois, como suas camas ficassem bem juntas, surgiria de pé entre elas sob a forma de um cadáver verde e gelado, até que os meninos ficassem paralisados de medo. Por último, despojando-se da mortalha, arrastar-se-ia em volta de todo o aposento com a sua ossada embranquecida, fazendo ao mesmo

tempo os olhos girarem, numa imitação de "Daniel, o Mudo, ou o Esqueleto do Suicida", papel no qual produzira grande efeito em muitas ocasiões e ao qual atribuía a mesma importância da sua famosa personagem "Martin, o Louco, ou O Mistério Mascarado".

Às dez e meia, ouviu a família recolher-se. Durante um bocado de tempo foi perturbado pelas selvagens risadas dos gêmeos, os quais, com a descuidada alegria de estudantes, certamente se divertiam antes de se meterem na cama. Todavia, às onze horas e um quarto, tudo estava quieto, e ao soar a meia-noite, ele partiu para a sua expedição. O mocho vinha roçar as asas nos vidros das janelas, o corvo crocitava no cimo do velho teto e o vento vagueava em volta da casa, gemendo como alma penada. Mas, a família Otis dormia, inconsciente do seu destino, e o cadenciado ressonar do Ministro dos Estados Unidos cobria o ruído do temporal. O fantasma esgueirou-se para fora da madeira das paredes sem dar sinal de si. Sobre a sua boca murcha e cruel desenhava-se um aflitivo sorriso, e a lua escondeu-se por detrás de uma nuvem, quando ele passou junto da grande janela ogival, ornada de um brasão azul e ouro, que representava as suas próprias armas e as da sua esposa assassinada. Deslizava como uma sombra funesta e até as trevas pareciam odiá-lo. De súbito, supôs ouvir alguém a chamá-lo. Deteve-se; mas apenas o latido de um cão subia da Granja Vermelha. Prosseguiu resmungando estranhas pragas do século dezesseis e brandindo de quando em quando a adaga cheia de ferrugem.

O fantasma atingiu, por fim, o recanto do corredor que conduzia ao quarto do infortunado Washington. Parou um instante. O vento sacudia-lhe as madeixas compridas e cinzentas, fazendo ondular, de maneira grotesca e fantástica, o sudário de morto. O quadro inspirava indizível horror. O relógio soou então o quarto de hora. Compreendeu que chegara o momento. Solto, baixinho, uma risadinha de escárnio e contornou a esquina do corredor. Mas, mal tinha dado um passo, logo recuou com um lamentoso gemido de terror, ocultando a face macilenta nas mãos ossudas. Diante de si, erguia-se um horrível espectro, tão imóvel como uma figura de pedra, tão monstruoso como o sonho de um louco. A cabeça dele

era calva e lúzida, a face redonda, gorda e branca. Um riso ignóbil parecia ter-lhe contorcido as feições numa expressão eterna de zombaria. Dos olhos, escorriam clarões escarlates. A boca era um largo poço de fogo e uma horrenda vestimenta, semelhante à sua, envolvia de longas pregas brancas o vulto titânico. Um letreiro, contendo uma inscrição em caracteres estranhos e antigos, ornava-lhe o peito: sem dúvida, um pergaminho de infâmia, a narrativa de medonhas faltas, uma lista de crimes espantosos. Com a mão direita, brandia um gládio de aço lúzido.

Nunca tendo visto um fantasma antes, sentiu naturalmente um grande pavor.

Relanceou os olhos sobre o outro fantasma uma segunda vez e desatou a fugir para o seu quarto, tropeçando, ao seguir pelo corredor, no longo sudário que trazia. Por último, deixou cair a adaga enferrujada dentro das grossas botas do embaixador, onde o mordomo foi encontrá-la no dia seguinte de manhã. Uma vez no refúgio da sua alcova, atirou-se para cima da estreita enxerga e enterrou o rosto nos lençóis. Porém, transcorrido um pedaço de tempo, a antiga coragem dos Cantervilles recuperou os seus direitos. Decidiu ir falar com o outro fantasma logo que nascesse o dia. E apenas a aurora prateou as colinas, voltou ao local onde havia, visto pela primeira vez o formidável espectro, raciocinando que, no final das contas, dois fantasmas valiam mais do que um e que, com a ajuda do seu novo colega, talvez vencesse melhor os gêmeos. Mas quando ali chegou, no mesmo lugar, um horrível espetáculo feriu seus olhos: Era de todo evidente que acontecera qualquer coisa ao fantasma, porque a luz lhe desaparecera completamente das órbitas, o gládio lúzido escorregara-lhe da mão e o corpo encostava-se à parede numa atitude de constrangimento e incômodo. Precipitou-se para ele e tornou-o nos braços. Mas, com assombro seu, a cabeça do outro rolou para o chão, o corpo foi-se abaixo e ele percebeu que estreitava apenas um cortinado de cama, de fustão branco, ao mesmo tempo que uma escova de cabo, um machado de cozinha e um nabo oco lhe jaziam aos pés. Incapaz de compreender esta curiosa transformação, pegou o letreiro com pressa febril e, à luz fosca da aurora, leu estas palavras

abomináveis:

"O FANTASMA OTIS é o único, autêntico e original espantalho. DESCONFIEM DAS Imitações."

Como num relâmpago, compreendeu tudo. Tinham-lhe pregado uma peça! A característica expressão dos Cantervilles perpassou-lhe nos olhos; cerrou as maxilas sem dentes, levantando muito alto, acima da cabeça, as mãos descamadas, jurou, segundo a fraseologia pitoresca da escola antiga, que, quando Chantecler entoasse seu canto pela segunda vez, dar-se-iam ali acontecimentos sangrentos e a Morte deslizaria por aqueles lugares em passos silenciosos.

Mal formulara este temível juramento, subiu, a distância, do galinheiro coberto de telhas vermelhas, o canto alegre de um galo. O Fantasma soltou um prolongado e amargo riso e esperou. Hora após hora, esteve à espera; mas, por qualquer razão contratestemunhar não repetiu o canto. Por fim, às sete horas e meia, a chegada dos criados obrigou-o a abandonar o seu horrível posto de sentinela. Regressou ao quarto a passos lentos, a meditar na sua vã esperança e no seu abortado plano. Consultou, então, muitas obras a que dedicava particular apreço e que tratavam dos antigos tempos da cavalaria. Aí verificou que, em todas as vezes que tal juramento havia sido formulado, sempre o galo cantara uma segunda vez. "Que a perdição recaia sobre esta maldita ave!", resmungou ele, " Pena não me encontrar no tempo em que, com minha intrépida lança, lhe trespassaria a garganta e em que o teria obrigado a cantar só para mim até perder o sopro!" Depois, estendeu-se num confortável ataúde de chumbo, onde permaneceu até o anoitecer.

IV

No dia seguinte, o Fantasma estava muito fraco e cansadíssimo. Começava a ressentir-se dos efeitos da medonha agitação das quatro últimas semanas. Seus nervos estavam abalados e até o menor ruído o sobressaltava. Não saiu do quarto durante cinco dias e decidiu por fim renunciar à nódoa de sangue no chão da

biblioteca. Se a família Otis não queria aquilo, estava claro que, sem sombra de dúvida, não era digna do caso. Era evidente que essas pessoas viviam num plano de existência de baixo materialismo e eram incapazes de apreciar o valor simbólico dos fenômenos sobrenaturais. O assunto das aparições espectrais e o desenvolvimento dos corpos astrais eram, bem entendido, coisas diferentes e alheias à atenção dessa gente. Ele, Fantasma, tinha como missão, missão solene, aparecer no corredor uma vez por semana e ulular através de um janelão ogival na primeira e na terceira quartas-feiras do mês e não via maneira de poder subtrair-se honrosamente às suas ocupações. A sua vida, é certo, fora culposa, mas por outro lado, ele era rigidamente escrupuloso em tudo quanto se relacionava com o sobrenatural.

Portanto, três sábados a fio, o Fantasma atravessou o corredor como de costume, entre a meia-noite e as três horas da manhã, tomando mil precauções para não ser visto, nem ouvido. Tirou os sapatos, pisou tão levemente quanto possível as faixas do assoalho roídas pelo caruncho, enrolou-se no manto de veludo negro e pensou empregar o Lubrificante Sol Levante para untar os seus grilhões. Devo ressaltar que reconheço não ter sido sem dificuldade que veio a adotar este radical meio de proteção, contudo, certa noite na hora em que a família se preparava para o jantar, introduziu-se nos aposentos de Mr. Otis e levou a tal garrafinha. Inicialmente sentiu-se um tanto humilhado, mas logo teve o bom senso de reconhecer que a invenção estava longe de ser má, e até certo ponto, lhe favorecia os planos.

Apesar de tudo, não deixaram de molestá-lo. Constantemente, estendiam barbantes no corredor que o faziam tropeçar no escuro, e uma vez, em que se encontrava vestido para desempenhar o papel de "Isaac Negro ou O Caçador de Hogley Woods", sofreu uma queda muito grave sobre um declive que os gêmeos haviam armado, e que ia da sala das tapeçarias até o cimo da escada de carvalho. Esta última afronta pô-lo em tamanha fúria que resolveu fazer um derradeiro esforço a fim de restabelecer a sua dignidade e a sua posição social. Decidiu, pois, uma visita, na noite seguinte, aos juvenis e insolentes colegiais de Eton, no seu famoso disfarce

de "Rupert, o Despreocupado Tudo, ou o Conde-sem-Cabeça". O Fantasma já não fazia aparição alguma mascarado desta maneira há mais de setenta anos, precisamente desde que, assim vestido, aterrorizara a gentil Lady Bárbara Modish, a ponto de ela ter rompido bruscamente as promessas de noivado com o avô do atual Lord Canterville e fugido para Gretna Green com o belo Jack Castleton, declarando que nada neste mundo a faria entrar numa família que deixava um tão horrível fantasma percorrer o terraço, ao crepúsculo. Mais tarde, o pobre Jack foi morto em duelo por Lord Canterville em Wandsworth Common, e Lady Bárbara, com o coração despedaçado, morreu em Tunbridge Wells. E morrera antes de findar aquele mesmo ano, de sorte que, sob todos os aspectos, fora um esplêndido sucesso.

Todavia, tratava-se de uma caracterização extremamente difícil, se me é permitido usar esta expressão de teatro, a propósito de um dos maiores mistérios do sobrenatural, ou, para empregar um termo mais científico, do mundo natural supranormal. Foram gastas precisamente três horas para executar os preparativos, mas finalmente tudo ficou pronto. Estava muitíssimo satisfeito com sua aparência. As altas botas de montar que condiziam com o traje eram um tanto largas demais para ele, e não tinha podido achar senão uma de suas pistolas. Ainda assim, estava muito contente, e à uma hora e um quarto, deslizou através do forro de madeira e desceu suavemente para o corredor. Chegando ao quarto ocupado pelos gêmeos, (chamavam-no " Camara do Leito Azul", por causa de cor de seus cortinados) encontrou a porta entreaberta. Querendo fazer uma entrada de pleno efeito, empurrou bruscamente a porta, mas o conteúdo de um grande jarro entornou-se em cima dele e o próprio jarro, ao cair, roçou-lhe pela espádua esquerda.

No mesmo instante, risadas que alguém procurava reprimir subiram dos leitos de colunas. O abalo nervoso que experimentou foi tamanho que desatou a fugir para o seu esconderijo com a maior rapidez. No dia seguinte, muitíssimo resfriado, teve de conservar-se na cama. A consolação única que lhe restava era a de não ter levado a sua própria cabeça nesta expedição; do contrário, a

imprudência poder-lhe-ia ter acarretado as mais graves consequências.

O Fantasma abandonou, então, toda a esperança de assustar aquela grosseira família americana e contentou-se, afinal, em percorrer os corredores com chinelos de solas de feltro, o pescoço envolto num espesso cachênê vermelho, em virtude das correntes de ar, e empunhando um bacamarte com receio de ser atacado pelos gêmeos.

Foi a 19 de setembro que ele recebeu o golpe final. Descera ao vasto hall de entrada, certo de que ali ninguém o molestaria, e divertia-se agora alvejando com observações satíricas, as grandes fotografias do Ministro dos Estados Unidos e sua mulher, assinadas por Saroni, que haviam substituído os retratos da família dos Cantervilles. Encontrava-se vestido com uma longa mortalha, muito simples, mas decente, salpicada de manchas de lama vinda do cemitério. Prendera o queixo com uma atadura e segurava uma pequena lanterna e uma enxada de coveiro. Numa palavra, estava disfarçado para o papel de "Jonas, o Morto sem Sepultura, ou o Ladrão de Cadáveres de Chestsey Barn", uma das suas mais notáveis caracterizações, da qual os Cantervilles tinham excelentes razões para se lamentar, porque fora essa a verdadeira origem da desavença com o seu vizinho, Lord Rufford. Eram aproximadamente duas horas e um quarto da manhã e ele poderia afirmar que todos os moradores da casa repousavam, mas ao dirigir-se, calmamente, para a biblioteca, a fim de ver se ainda restava qualquer vestígio da mancha de sangue, saltaram de súbito sobre ele, de um recanto escuro, dois vultos que agitavam ferozmente os braços por cima da cabeça e lhe berravam "BU-u! BU-u!" aos ouvidos.

Tomado de pânico, o que em tais circunstâncias era muitíssimo natural, ele precipitou-se para a escadaria; porém, aí esperava-o Washington com o grande esguicho do jardim.

Cercado de todos os lados pelos inimigos, literalmente encurralado, desapareceu no interior da enorme lareira, eloquentemente para ele, não estava acesa. Teve de abrir caminho através dos canos e das chaminés e alcançou o seu quarto num terrível estado de

sujeira, desarranjo e desespero.

Após esta aventura renunciou às expedições noturnas. Os gêmeos muitas vezes se ocultaram à espera dele e, todas as noites, juncavam os corredores de cascas de nozes, coisa que aborrecia bastante os pais e os criados; mas foi tudo inútil. Era manifesto que o Fantasma, ferido nos seus sentimentos, se recusava a aparecer. Em consequência, Mr. Otis retomou a sua grande obra sobre a "História do Partido Democrático", em que trabalhava havia uma porção de anos. Mrs. Otis organizou um maravilhoso clambake, prato feito de moluscos de todas as espécies, cozidos entre camadas de algas sobre pedras em basbaqueira surpreendeu toda a região. Os rapazes dedicaram-se ao cross, ao écarté, ao poquer e a outros jogos nacionais americanos. Virgínia percorreu no seu potro todas as alamedas em companhia do jovem Duque de Cheshire, que viera passar a última semana de férias em Canterville Chase. Acreditou-se, naturalmente, que o fantasma desaparecera dali e Mr. Otis escreveu a Lord Canterville para informá-lo do caso. Este respondeu que a notícia lhe dava grande prazer e enviou os seus cumprimentos à digna esposa do embaixador.

Entretanto, os Otis enganavam-se, pois o fantasma permanecia ainda na casa e, embora estivesse agora quase inválido. Não tinha, aliás, de forma alguma a intenção de ficar quieto, sobretudo ao saber que, entre os convidados, se encontrava o jovem Duque de Cheshire, cujo tio-avô, Lord Francis Stilton, apostara um dia cem guinéus em como jogaria dados com o fantasma de Canterville, vindo a ser encontrado, na manhã seguinte, estendido no chão da sala de jogo e completamente parálítico. Não obstante ter vivido até avançada idade, nunca pôde dizer senão isto: "Duplo-seis!" A história fora bem conhecida na altura, mas, para poupar os sentimentos de duas famílias nobres, tudo fora tentado para ocultar o fato.

Todavia, encontrar-se-á uma narrativa pormenorizada a respeito do caso no terceiro volume da obra de Lord Tattle: "Memórias Relativas ao Príncipe Regente e seus Amigos". Por isso era mais que natural o desejo do Fantasma de provar que não tinha perdido a influência sobre os Stilton, aos quais estava unido por um parentesco

afastado, por conta de uma sua prima irmã haver se casado em segundas núpcias com o Senhor de Bulkeley, de quem os Duques de Cheshire, como se sabe, descendem em linha direta. Assim, tomou as suas disposições para aparecer ao jovem enamorado de Virgínia na sua célebre criação do "Monge Vampiro, ou o Beneditino Exangue", espetáculo tão horrível que quando a velha Lady Startup o viu, coisa que lhe sucedeu nessa fatal véspera do ano de 1764, desatou nos mais dilacerantes gritos, que terminaram por um ataque de apoplexia. Morreu três dias depois, não sem antes deserdar os parentes, os quais aliás, eram seus parentes mais próximos, deixando todo o dinheiro que possuía ao seu boticário de Londres.

Entretanto, à última hora, o terror que lhe infundiam os gêmeos impediu de abandonar o seu quarto. Assim, na câmara real, o duquezinho pode dormir em paz, no vasto leito de baldaquino ornado de plumas, a sonhar com Virgínia.

V

Alguns dias depois, quando Virgínia e o seu apaixonado de cabelos encaracolados percorriam a cavalo as pradarias de Brockley, juvenzinha prendeu-se numa sebe e rasgou o vestido de amazona tão desastrosamente, que ao voltar para casa, decidiu usar a escada dos fundos para que ninguém a visse. Porém, ao passar correndo diante da sala das tapeçarias, cuja porta, precisamente estava aberta, percebeu que havia alguém lá dentro e imaginou que seria a criada de quarto da mãe, a qual, às vezes, levava para lá a costura. Assim, entrou no aposento decidida a pedir à criada que lhe consertasse a saia.

Entretanto, para sua imensa surpresa, Virgínia deparou-se com o Fantasma de Canterville em pessoa! Estava sentado junto da janela, contemplando o ouro das árvores amarelentas e as folhas rubras que rodopiavam como loucas na grande alameda. Tinha a cabeça apoiada na mão e toda a sua atitude traía uma depressão extrema. Na verdade, ele apresentava um ar tão desolado e tão lamentável, que a pequena Virgínia, cuja primeira ideia fora fugir

para seu quarto, compadeceu-se e tentou reconfortá-lo. Contudo, os passos de Virgínia eram tão leves e a melancolia do Fantasma tão profunda que este não teve consciência da presença da jovem senão quando ela lhe dirigiu a palavra.

“Sinto muito pelo senhor, disse Virgínia, “mas os meus irmãos voltam amanhã para Eton, e se o senhor se comportar bem, ninguém o atormentará”.

Comportar-me bem? Mas que absurdo! respondeu ele, olhando em volta espantado, à vista daquela gentil juvenzinha que ousava dirigir-se a ele. “Um completo absurdo! É imprescindível que eu faça ranger os meus grilhões e que ulule pelos buracos das fechaduras e que passeie por aí de noite, se é a isto que você se refere. Essa é a minha única razão de existir.”

“Isso não é uma razão de existência, e o senhor bem sabe que tem sido muito mau. Mrs. Urnney contou-nos, no dia da nossa chegada aqui, que o senhor matou a sua mulher.”

“Bem, eu admito,” respondeu ele com petulância, “mas trata-se de um assunto de família, e ninguém tem nada a ver com isso.”

“É muito malfeito matar alguém”, insistiu Virgínia, que, às vezes, mostrava uma encantadora expressão de gravidade puritana, herdada de algum antepassado da Nova Inglaterra.

“Oh, eu odeio a severidade barata da ética abstrata!, respondeu ele, “Minha mulher era feia, nunca engomava convenientemente a minha gola de pregas e não conhecia nada de cozinha. Olhe, eu tinha matado um gamo nos bosques de Hogley, um animal magnífico.

Quer saber como ela mandou prepara-lo? Mas que importa este caso agora!?

Tudo isso acabou. Não creio, porém, que fosse muito bonito da parte de seus irmãos fazerem-me morrer de fome, embora eu a tenha matado.”

“Fazê-lo morrer de fome? Oh, senhor Fantasma, quero dizer, Sir Simon, o senhor tem fome? Tenho um sanduíche na minha bolsa. Quer?”

“Não, obrigado, já não como agora. Mas apesar de tudo, é muita

amabilidade da sua parte. A senhorita é muito mais gentil do que o resto daquela sua família horrível, grosseira, indigna!”

“Pare!”- exclamou Virgínia, batendo com o pé no chão. “Quem é grosseiro, horrível e vulgar, é o senhor; e, quanto à indignidade, sabe perfeitamente que foi o senhor quem roubou os tubos de tinta da minha caixa de pintura para tentar avivar essa ridícula mancha de sangue na biblioteca. Primeiro pegou todos os meus vermelhos, sem esquecer o vermelhão, e eu tive de deixar de pintar o pôr do sol. Depois, arrebatou o verde e o amarelo cromado, e por fim só havia o índigo e o branco da China, de modo que eu só podia pintar paisagens à luz do luar, que deprimem tanto quando a gente as olha e são tão pouco fáceis de fazer. Eu nunca disse nada contra o senhor; ainda assim estava muito aborrecida, e tudo aquilo era bastante ridículo. Onde já se viu sangue verde-esmeralda?”

“Bem,” disse o Fantasma um tanto embaraçado, “o que posso fazer? Nestes nossos dias, é muito difícil encontrar sangue verdadeiro e como foi o seu irmão a começar tudo isso com a história do Pargon, não vejo razão para não lançar mão dos seus tubos de tinta. Quanto à cor, isso é simples questão de gosto: os Cantervilles, por exemplo, têm sangue azul, o mais azul da Inglaterra, mas sei que vocês, os americanos, zombam de tudo isto.”

“O senhor não sabe nada a esse respeito, e o melhor que tem a fazer é emigrar, para cultivar o espírito. Meu pai não deixará de sentir-se muitíssimo feliz em lhe conseguir uma passagem gratuita. O senhor não encontrará dificuldade alguma, na alfândega, onde todos os funcionários são democratas. Uma, vez em Nova Iorque, o senhor alcançará o maior dos êxitos. Conheço uma porção de gente que daria cem mil dólares para ter um antepassado, e ainda mais para ter um fantasma na família.”

“Estou convicto de que não gostaria da América.”

“Por que, suponho, não temos lá ruínas, nem curiosidades” disse Virgínia ironicamente.

“Nem ruínas! Nem curiosidades!” - replicou o fantasma. “Mas vocês têm a sua Marinha e as boas maneiras americana!”

“Tenha uma boa noite”, disse Virginia, “pedirei ao meu pai que

conceda aos gêmeos uma semana suplementar de férias”.

“Por favor, não se vá, Miss Virgínia!” exclamou o Fantasma. “Estou tão só e tão desgraçado que não sei verdadeiramente o que fazer. Quero dormir e não posso”

- Mas isso é absurdo! Basta deitar-se e soprar a vela. Às vezes, é difícil a gente se manter acordada, principalmente na igreja, mas a coisa mais fácil do mundo é dormir. Até os próprios bebês sabem disso, e nem ao menos são tão inteligentes”

“Há trezentos anos que não durmo”, disse ele com tristeza, enquanto Virginia arregalava os belos olhos azuis,” Há trezentos anos que não durmo, e estou tão cansado!”

O rosto de Virgínia tornou-se grave e seus lábios puseram-se a tremer como pétalas de rosa. Aproximou-se do espectro e, ajoelhando-se junto dele, ergueu os olhos para a velha face enrugada.

“Pobre, pobre Fantasma!”, murmurou, “ Não há então local onde possa dormir?”

“Lá embaixo, para lá do pinheiral”, respondeu ele numa voz lenta e sonhadora, “há um jardimzinho. A erva ali é espessa e alta, salpicada por grandes estrelas brancas de cicuta, e o rouxinol canta lá toda noite... Por toda a noite ele canta, a fria lua de cristal olha para baixo e o teixo estende seus braços gigantescos sobre aqueles que dormem.”

Os olhos de Virgínia velaram-se de lágrimas e ela escondeu o rosto nas mãos.

“Fala do Jardim da Morte”, murmurou.

“Sim, da Morte! A Morte deve ser tão bela! Repousar na terra doce e escura, tendo as ervas a ondular por cima de nós, e escutar o silêncio! Não ter ontem, nem amanhã!

Esquecer o tempo! Esquecer a vida, estar em paz! Pode ajudar-me e abrir para mim os Portas da Morte, porque traz o Amor consigo, e o Amor é mais forte do que a Morte”.

Virgínia estremeceu e um frêmito percorreu-a. Durante alguns momentos, fez-se silêncio. Tinha a impressão de estar mergulhada num terrível sonho.

Então, o Fantasma voltou a falar e sua voz ressoava um suspiro do

vento.

“Alguma vez leu a velha profecia inscrita nos vitrais da biblioteca?”

“Oh, muitas vezes! - exclamou a mocinha, erguendo a cabeça.

“Conheço-a muito bem. Está pintada em curiosas letras negras e é difícil de ler-se. São apenas seis versos”

Quando uma menina loura de coração puro conseguir

Tirar dos lábios pecaminosos uma prece,

Quando a estéril amendoeira florescer,

Quando dos olhos inocentes brotar uma lágrima,

Esta casa ficará para todo o sempre tranquila,

E a Graça voltará a Canterville.

“Mas não sei o que isto quer dizer...”

“Isto quer dizer”, respondeu ele tristemente, “que você deve chorar por mim os meus pecados, porque eu já não tenho lágrimas, e rezar comigo pela minha alma, pois nada me resta de fé. Então, se tiver sido sempre meiga e boa, o Anjo da Morte terá piedade de mim.” Verá na escuridão”, continuou ele, “vultos horríveis, e vozes maldosas falarão no seu ouvido, mas não há de sofrer mal algum, pois o inferno nada pode contra a pureza de uma criança.”

Virgínia não respondeu e o Fantasma torceu as mãos com desespero, baixando o olhar sobre a cabeça coroada de cabelos de ouro reclinada perto dele. A jovem ergueu-se de súbito, muito pálida. Um estranho clarão perpassou pelo seu olhar.

“Não tenho medo,” disse ela com firmeza., e rogarei ao Anjo que tenha piedade.

O Fantasma aprumou-se emitindo um débil grito de alegria. Então, inclinando-se, com uma gentileza já há muito fora de moda, pegou na mão dela e beijou-a. Os dedos de Sir Simon tinham a frieza do gelo e os seus lábios queimavam como fogo, mas Virgínia não sentiu o menor desfalecimento, enquanto ele a fazia atravessar o aposento cheio de sombras.

Bordadas nas tapeçarias, cujo verde já se desbotara, viam-se figurinhas de caçadores. Estes sopraram nas suas trompas enfeitadas de grandes e, com as minúsculas mãos, fizeram-lhe sinal

para que fugisse.

“Volte, pequena Virgínia”, gritavam eles, “vá embora!”

Mas o fantasma apertava-lhe a mão com mais força e Virgínia fechou os olhos.

Horrorosos animais de caudas semelhantes às dos lagartos e olhos salientes, pestanejaram-lhe repetidamente, de cima da chaminé esculpida, e murmuravam:

“Tome cuidado, Virgíniazinha, tome cuidado, talvez jamais tornemos a vê-la”

Mas, o fantasma deslizou mais depressa e Virgínia não lhes deu ouvidos. Ao atingirem a extremidade da sala, o fantasma parou e murmurou umas palavras que Virgínia não podia compreender. Ela abriu os olhos e viu a parede desaparecer lentamente como um nevoeiro, após o que se encontrou diante de uma grande caverna negra. Envolveu-os um vento áspero e frio e a jovem sentiu que a puxavam pela saia.

“Depressa! Depressa!” gritou o fantasma. “Senão será demasiadamente tarde.”

Num instante, o forro de madeira tomou a cerrar-se por detrás deles. A sala das tapeçarias ficara vazia.

VI

Dez minutos mais tarde, a sineta tocou para o chá e, como Virgínia não descesse, Mrs. Otis mandou um dos criados chamá-la. Passado um momento, este voltou para dizer que não tinha encontrado Miss Virgínia em parte alguma. Como a menina adquirira o costume de todas as tardes colher flores para o jantar, Mrs. Otis não se inquietou; mas ao soarem as seis horas, sem que a filha houvesse reaparecido, começou a alarmar-se e mandou os rapazes à sua procura, ao mesmo tempo em que ela própria e Mr. Otis percorriam a casa. Aposento por aposento.

As seis e meia, os meninos voltaram, mas sem qualquer notícia irmã. Agora estavam todos na maior ansiedade e não sabiam o que fazer, quando Mr. Otis lembrou-se de repente, que dias antes, havia dado licença a um bando de ciganos para acamparem no parque.

Imediatamente, ele partiu para Blackfell Hollow, onde imaginava que os ciganos pudessem estar, acompanhado pelo filho mais velho e dois empregados.

O pequeno Duque de Cheshire, louco de ansiedade, insistira veementemente em juntar-se a eles. Mr. Otis, entretanto, opusera-se terminantemente, temendo alguma escaramuça por parte dos ciganos. Lá chegando, porém, descobriu que estes haviam desaparecido. Contudo, o fogo ainda aceso, e alguns pratos dispersos pelo chão, denunciavam claramente uma retirada repentina. Depois de ter ordenado a Washington e aos dois homens que explorassem a vizinhança, Mr. Otis regressou a toda pressa e expediu telegramas para todos os inspetores de polícia do condado, pedindo-lhes que procurassem uma menina que fora raptada por vagabundos ou ciganos. Em seguida, mandou que lhe selassem o cavalo, recomendou à família e ao hóspede que não deixassem de jantar, e acompanhado de um laçao, dirigiu-se a Ascot. Porém, mal percorrera duas milhas, ouviu atrás de si um galope. Voltando-se, avistou o jovem Duque, que vinha montado no seu potro, com o rosto afogueado e os cabelos ao estouvamento muito, Mr. Otis”, disse o rapazinho ofegante, “mas não poderei jantar enquanto Virgínia não for encontrada. Peço-lhe que não se zangue, mas se o senhor houvesse permitido nosso noivado, ano passado, nada disto teria acontecido. Não me fará voltar, não é verdade?! Eu não quero ir. E não irei!”

O Ministro não pôde evitar um sorriso ante o arroubo juvenil e encantador, mas sentiu-se muito comovido com sua devoção por Virgínia. Inclinando-se sobre o cavalo, deu uma palmada no ombro do rapaz e disse: Bem, Cecil, se você não quer ir para casa, suponho ter que levá-lo comigo, mas devo comprar-lhe um chapéu em Ascot.”.

“Ora, dane-se o chapéu, preciso é de Virgínia!”, exclamou, rindo, o Duquezinho.

Galoparam até a estação da estrada de ferro, onde Mr. Otis perguntou se não havia sido vista ali, na plataforma, qualquer pessoa correspondendo aos sinais de Virgínia, mas não pôde obter

qualquer indicação. Contudo, o chefe da estação telegrafou para todas as outras estações da linha e prometeu severa vigilância. Depois de ter comprado um chapéu para o Duque de um comerciante de novidades, que ia precisamente naquele momento fechar a loja, Mr. Otis dirigiu-se para Brockley, aldeia a quatro milhas dali, a qual, segundo lhe haviam dito, era local de encontro dos ciganos, por lá haver uma comunidade deles. Lá chegando, Mr. Otis e o seu companheiro acordaram o guarda rural, mas não puderam extrair dele a menor informação e, após terem percorrido o prado inteiro, retomaram o caminho de casa. Alcançaram Canterville Chase por volta das onze horas da noite, completamente esgotados e desesperados. Washington e os gêmeos esperavam por eles no portão da propriedade, com lanternas, pois a alameda estava muito escura.

Não se conseguira descobrir a mais leve pista de Virgínia. Os ciganos haviam-se concentrado nas pradarias de Brockley, mas a menina não se encontrava entre eles.

Uma confusão de datas explicava sua brusca partida: a feira de Chorton, que se realizava mais cedo do que eles pensavam, obrigara-os a se mover a toda pressa.

Na verdade eles ficaram consternados ao saber do desaparecimento de Virgínia, porque tinham grande reconhecimento a Mr. Otis pela permissão de acampar no seu parque. Por isso, quatro deles ficaram para trás a fim de colaborar nas pesquisas. O tanque das carpas fora esvaziado, e toda a propriedade vasculhada de ponta a ponta sem qualquer resultado. Era forçoso renderem-se à evidência de que pelo menos, naquela noite, Virgínia estava perdida para eles. Profundamente abatidos, Mr. Otis e os rapazes dirigiram-se para casa seguidos do lacaio, o qual conduzia pelas rédeas, os dois cavalos e o potro.

Encontraram no vestíbulo um grupo de criados cheios de medo. A pobre Mrs. Otis estava estendida num divã da biblioteca, semi louca de inquietação e pavor. A velha governanta banhava-lhe a fronte com água-de-colônia, Mr. Otis insistiu imediatamente com ela para que comesse alguma coisa e mandou servir o jantar para todos.

Foi uma refeição bem triste, em que quase não se proferiu palavra.

Os próprios gêmeos estavam aterrados, chocados, porque adoravam a irmã. No fim do jantar, Mr. Otis, não obstante as súplicas do pequeno Duque, ordenou que todos se deitassem, dizendo que nenhuma outra coisa poderia ser feita naquela noite, e no dia seguinte de manhã, telegrafaria à Scotland Yard para que enviassem imediatamente alguns agentes.

Precisamente no instante em que saíam da sala de jantar, soava a meia-noite no relógio da torre e ao bater a décima segunda badalada, todos ouviram um enorme estrondo, seguido de um grito penetrante. Um formidável trovão abalou a casa, os acordes de uma harmonia irreal flutuaram no espaço, uma das almofadas da parede abriu-se no alto da escadaria, e Virgínia, apareceu muito pálida, trazendo um pequeno cofre nas mãos. Numa fração de segundo todos se precipitaram sobre ela. Mrs. Otis abraçou-a apaixonadamente, o Duque afagou-a com a violência dos seus beijos, e os gêmeos executaram envolta do grupo uma dança guerreira.

“Santo Deus, de onde vem você?”, perguntou Mr. Otis numa voz bastante irritada, ao pensar que a filha lhes tinha pregado uma peça e eu cavalgamos toda a região à sua procura e sua mãe esteve prestes a morrer de angústia. Aconselho-a a não voltar entregar-se a farsas tão estúpidas como esta”.

“Exceto contra o fantasma! Exceto contra o fantasma!”, bradaram os gêmeos entre mil piruetas.

“Minha querida, graças a Deus você foi encontrada! É preciso que nunca mais me deixe,” murmurou Mrs. Otis, enlaçando a criança que tremia, tremia, e alisando seus cachos dourados, agora emaranhados.

“Papai”, disse Virgínia num tom calmo, “eu estava com o Fantasma. Ele morreu e você deve ir vê-lo. Era muito mau, mas arrependeu-se verdadeiramente do que fez, e antes de morrer, deu-me este cofrezinho com lindas joias.”

Toda a família a fitava, tomada de assombro, mas ela permanecia grave e séria. Desviando-se, guiou-os através de uma abertura na parede, por um estreito corredor secreto.

Washington seguia-os empunhando uma vela que havia tirado de

cima da mesa.

Chegaram, por fim, a uma grande porta de carvalho trabalhada com pregos, já enferrujados. Quando Virgínia a tocou, esta girou sobre os pesados gonzos e abriu-se.

Encontraram-se todos numa salinha baixa, de teto abobadado, onde a ventilação era garantida apenas por uma minúscula janela gradeada.

Uma enorme argola de ferro estava chumbada na parede e, preso a ela via-se um grande esqueleto estendido de comprido no chão de pedra, parecendo tentar agarrar com seus dedos descarnados um prato antigo e uma bilha colocada fora do seu alcance. A bilha devia ter contido outrora água, pois mostrava-se embolorada por dentro, no velho prato, contudo, não havia senão uma camada de pó. Virgínia ajoelhou-se junto do esqueleto e, juntando as delicadas mãos, pôs-se a rezar em silêncio, enquanto o resto da família contemplava com espanto a horrível tragédia, cujo segredo lhes era assim revelado.

“Olhem!” gritou de repente um dos gêmeos, o qual se dependurara na janela para observar em que ala da mansão situava-se aquele quarto.

“Olhem! A velha amendoeira toda sequinha está em florida. Veem-se muito bem as flores, ao luar”.

“Deus perdoou-o” disse gravemente Virgínia, erguendo-se, e uma luz maravilhosa parecia banhar-lhe o rosto.

“Você é um anjo!” exclamou o jovem Duque, passando os braços em torno dos ombros dela e beijando-a.

VII

Quatro dias após estes curiosos acontecimentos, um cortejo fúnebre deixava Canterville Chase por volta das onze horas da noite. Oito cavalos negros puxavam o carro morro acima e sobre suas cabeças agitavam-se grandes penachos de plumas de avestruz. Um suntuoso tecido cor de púrpura, com as armas dos Cantervilles, bordadas em ouro cobria o caixão de chumbo. Junto do carro, marchavam os criados empunhando tochas, e todo o

séquito assumia singular imponência. Lord Canterville dirigia o funeral. Tinha vindo expressamente do País de Gales para assistir à cerimônia e ocupava a primeira carruagem, acompanhado da jovem Virgínia. A seguir iam o Ministro dos Estados Unidos e a esposa, depois Washington e os três rapazes, e, por fim, na carruagem da cauda, Mrs. Uniney. Partiu-se da convicção que a governanta, apoquentada durante mais de cinquenta anos pelo fantasma, tinha todo o direito de vê-lo desaparecer para sempre.

Fora escavada num canto do cemitério uma profunda sepultura, precisamente sob o galho do velho teixo, e o Reverendo Augustus Dampier proferiu as preces da maneira mais impressionante. Ao término da cerimônia, os criados, conforme um costume tradicional na família Canterville, apagaram as suas tochas e, no momento de se fazer descer o caixão à sepultura, Virgínia avançou e depôs sobre ele uma grande cruz tecida de rosas e flores de amendoeira. Simultaneamente, a lua surgiu de trás de uma nuvem e inundou o pequeno cemitério com sua luz prateada. De uma moita, à distância, subiu o canto de um rouxinol. A jovem recordou a descrição que o fantasma fizera do Jardim da Morte. Lágrimas velaram-lhe os olhos e mal articulou palavra durante o caminho de volta.

No dia seguinte de manhã, antes que Lord Canterville partisse para Londres, Mr. Otis conferenciou com ele a respeito das joias dadas a Virgínia pelo fantasma. Era de notável magnificência, em especial certo colar de rubis com um engaste veneziano, admirável trabalho do século dezesseis, e o valor delas todas era tal que Mr. Otis sentia grandes escrúpulos em consentir que a filha as aceitasse.

“Milorde”, disse o Ministro, “eu sei que o regime de heranças, chamado de “alienação de bens”, é aplicável neste país tanto às joias como às terras, e está claro que estas joias de família lhe pertencem. Portanto, devo pedir-lhe que as leve consigo para Londres, as considere simplesmente como uma parte da sua herança, agora restituída em inesperadas circunstâncias. Quanto à minha filha, ela é ainda uma criança e ,sinto-me feliz em dizê-lo, tem pouco interesse por estes acessórios de luxo. Além disso, Mrs. Otis (embora isso não signifique que ela seja uma autoridade no

assunto) que teve o privilégio de passar muitos invernos em Boston quando solteira, avisou-me que essas joias são extremamente valiosas e se postas a venda, atingiriam um altíssimo preço. Nestas condições, Lord Canterville, estou certo de que compreenderá que não posso permitir a nenhum membro da minha família conservá-las em poder. E a bem da verdade, por mais necessários e convenientes que estes frívolos adornos sejam à aristocracia inglesa, ficariam deslocados entre pessoas educadas nos severos e, suponho, imortais princípios da simplicidade republicana. Talvez me seja lícito acrescentar que Virgínia deseja vivamente que o senhor a autorize aguardar para cofrezinho, como lembrança dos desvãos e dos infortúnios desse seu antepassado.

Visto que o cofre se acha muito velho e muito estragado, talvez o senhor julgue razoável deferir este pedido. Da minha parte, confesso estar bastante surpreso ao ver um dos meus filhos exprimir simpatia por medievalismos, seja sob qual aspecto for, e não posso explicar isto a mim próprio, senão pelo fato de Virgínia haver nascido num subúrbio de Londres pouco tempo depois Mrs Otis regressar de Atenas.”

Lord Canterville escutou com muita gravidade o discurso do digno Embaixador, repuxando de quando em quando as pontas do seu bigode grisalho para dissimular um sorriso involuntário. Quando Mr. Otis acabou de falar, apertou-lhe a mão cordialmente e respondeu: “Meu caro senhor, a sua encantadora filhinha prestou a Sir Simon, meu infeliz antepassado, um serviço de grande importância. Minha família e eu devemos muito à maravilhosa coragem dela, e está claro que as joias lhe pertencem e se eu fosse mesquinho o bastante para as tirar dela, estou certo de em duas semanas o malvado velho sairia do seu túmulo e causar-me-ia uma vida infernal.

Quanto ao fato de serem joias de família, tal só seria possível provar, se figurassem num testamento ou em algum documento legal. Asseguro-lhe que a existência dessas joias me era completamente desconhecida, e que não possuo mais direitos sobre elas do que, por exemplo, seu mordomo. Ouso dizer-lhe ainda, que

quando Miss Virgínia for crescida ficará encantada em usar estes lindos objetos. Por outro lado, Mr. Otis, o senhor se esquece que comprou em conjunto a propriedade e o Fantasma, e assim sendo, tudo o que pertencia a ele passou, implícita e imediatamente, para a sua posse. Afinal, por maior atividade de que Sir Simon tenha dado sinal durante a noite, pelos corredores da casa, sob o ponto de vista jurídico, ele estava verdadeiramente morto, e a compra feita pelo senhor tornou-o possuidor dos bens dele.

Mr. Otis, muito perturbado com a recusa de Lord Canterville, suplicou-lhe que reconsiderasse a sua decisão, mas o nobre par do Reino, permaneceu firme e acabou por persuadir o embaixador de que consentisse à filha guardar o presente do Fantasma. E quando na primavera de 1890 a jovem Duquesa de Cheshire foi, por ocasião do seu casamento, foi apresentada pela primeira vez numa recepção da Rainha, as joias que ostentava tornaram-se tema de admiração geral. Virgínia recebeu a coroa, que é a recompensa de todas as boas meninas americanas, e desposou aquele que a amava desde a infância, logo que ele atingiu a idade conveniente.

Eram ambos tão sedutores e amavam-se tanto que esta união encantava todo mundo, salvo a velha Marquesa de Dumbleton, que havia tentado apoderar-se do duque para uma das suas sete filhas ainda solteiras e que, com esse desígnio, dera nada menos do que três dispendiosos jantares, se bem que isto possa parecer estranho. Pessoalmente o Ministro nutria pelo jovem Duque uma grande afeição em teoria, não era partidário de títulos de nobreza. Usando suas próprias palavras, “temia que sob a influência deletéria de uma aristocracia amante dos prazeres mundanos, fossem esquecidos os verdadeiros princípios da simplicidade republicana.

Contudo, suas observações foram inteiramente rejeitadas, e creio bem que, ao avançar, com a filha pelo braço, ao longo da nave da Igreja de S. Jorge, não houve, nesse instante, homem mais orgulhoso do que ele em toda a Inglaterra.

Após a sua lua de mel, o Duque e a Duquesa voltaram a Canterville Chase, e na tarde do dia seguinte, foram a passeio até o cemitério solitário, ao lado do pinheiral.

A escolha da inscrição para a lápide de Sir Simon havia encontrado

muitas dificuldades, mas fora finalmente decidido mandar-se gravar nela as simples iniciais do velho aristocrata e os versos existentes na biblioteca. A Duquesa havia levado consigo umas rosas adoráveis, que espalhou sobre a sepultura, e depois de se conservarem em recolhimento algum tempo, os jovens dirigiram-se, sempre passeando, até o santuário em ruínas da velha abadia. Sentou-se, então, a Duquesa numa pilastra mutilada do templo, enquanto o marido, estendido a seus pés, fumava um cigarro, tendo o olhar fixo nos belos olhos da jovem. De súbito, arremessando para longe o cigarro, pegou-lhe na mão e disse: “Virgínia, uma mulher não deve ter segredos para seu marido”.

“Querido Cecil, não tenho segredos para você”.

“Tem sim,” replicou ele sorrindo, “nunca me disse o que aconteceu quando estive sozinha com o fantasma.”

“Nunca o disse a ninguém”, respondeu Virgínia com ar grave.

“Sei disso, mas podia dizê-lo a mim.”

“Não me peça tal coisa, Cecil, eu não posso dizer-lhe. Pobre Sir Simon! Devo-lhe muito. É verdade; não ria, Cecil. Mostrou-me o que é a vida, o que significa a morte e por que razão o amor é mais forte do que a vida e a morte.”

O Duque, pondo-se de pé, abraçou com ternura sua mulher.

“Pode preservar o seu segredo por tanto tempo, quanto eu guardarei o seu coração” murmurou.

“Ele sempre lhe pertenceu, Cecil.”

“E dirá um dia aos nossos filhos, não é verdade?”

As faces de Virgínia cobriram-se de rubor.

O POÇO E O PÊNDULO – Edgar Allan Poe

Estava exausto, mortalmente exausto com aquela longa agonia e, quando por fim me desamarraram e pude sentar-me, senti que perdia os sentidos. A sentença - a terrível sentença de morte - foi a última frase que chegou, claramente, aos meus ouvidos.

Depois, o som das vozes dos inquisidores pareceu apagar-se naquele zumbido indefinido de sonho. O ruído despertava em minha alma a ideia de rotação, talvez devido à sua associação, em minha mente, com o ruído característico de uma roda de moinho. Mas isso durou pouco, pois, logo depois, nada mais ouvi. Não obstante, durante alguns momentos, pude ver, mas com que terrível exagero! Via os lábios dos juízes vestidos de preto. Pareciam-me brancos, mais brancos do que a folha de papel em que traço estas palavras, e grotescamente finos - finos pela intensidade de sua expressão de firmeza, pela sua inflexível resolução, pelo severo desprezo ao sofrimento humano. Via que os decretos daquilo que para mim representava o destino saíam ainda daqueles lábios. Vi-os contorcerem-se numa frase mortal; vi-os pronunciarem as sílabas de meu nome - e estremei, pois nenhum som lhes acompanhava os movimentos. Vi, também, durante alguns momentos de delírio e terror, a suave e quase imperceptível ondulação das negras tapeçarias que cobriam as paredes da sala, e o meu olhar caiu então sobre as sete grandes velas que estavam em cima da mesa. A princípio, tiveram para mim o aspecto de uma claridade, e pareceram-me anjos brancos e esguios que deveriam salvar-me.

Mas, de repente, uma náusea mortal invadiu-me a alma, e senti que cada fibra de meu corpo estremeia como se houvesse tocado os fios de uma bateria galvânica. As formas angélicas se converteram em inexpressivos espectros com cabeças de chama, e vi que não poderia esperar delas auxílio algum. Então, como magnífica nota musical, insinuou-se em minha imaginação a ideia do doce repouso

que me aguardava no túmulo. Chegou suave, furtivamente - e penso que precisei de muito tempo para apreciá-la devidamente. Mas, no instante preciso em que meu espírito começava a sentir e alimentar essa ideia, as figuras dos juízes se dissiparam, como por arte de mágica, ante os meus olhos. As grandes velas reduziram-se a nada; suas chamas se apagaram por completo e sobreveio o negror das trevas; todas as sensações pareceram desaparecer como numa queda louca da alma até o Hades. E o universo transformou-se em noite, silêncio, imobilidade.

Eu desmaicara; mas, não obstante, não posso dizer que houvesse perdido de todo a consciência. Não procurarei definir, nem descrever sequer, o que dela me restava. Nem tudo, porém, estava perdido. Em meio do mais profundo sono... não! Em meio do delírio... não! Em meio do desfalecimento... não! Em meio da morte... não! Nem mesmo na morte tudo está perdido. Do contrário, não haveria imortalidade para o homem. Quando despertamos do mais profundo sono, desfazemos as teias de aranha de algum sonho. E, não obstante, um segundo depois não nos lembramos de haver sonhado, por mais delicada que tenha sido a teia. Na volta a vida, depois do desmaio, há duas fases: o sentimento da existência moral ou espiritual e o da existência física.

Parece provável que, se ao chegar à segunda fase tivéssemos de evocar as impressões da primeira, tornaríamos a encontrar todas as lembranças eloquentes do abismo do outro mundo. E qual é esse abismo? Como, ao menos, poderemos distinguir suas sombras das do túmulo? Mas, se as impressões do que chamamos primeira fase não nos acodem de novo ao chamado da vontade, acaso não nos aparecem depois de longo intervalo, sem ser solicitadas, enquanto, maravilhados, perguntamos a nós mesmos de onde provêm? Quem nunca perdeu os sentidos não descobrirá jamais estranhos palácios e rostos singularmente familiares entre as chamas ardentes; não contemplará, flutuante no ar, as melancólicas visões que muitos talvez jamais contemplem; não meditará nunca sobre o perfume de alguma flor desconhecida, nem mergulhará no mistério de alguma melodia que jamais lhe chamou antes a atenção.

Em meio de meus frequentes e profundos esforços para recordar, em meio de minha luta tenaz para apreender algum vestígio desse estado de vácuo aparente em que minha alma mergulhara, houve breves, brevíssimos instantes em que julguei triunfar, momentos fugidios em que cheguei a reunir lembranças que, em ocasiões posteriores, meu raciocínio, lúcido, me afirmou não poderem referir-se senão a esse estado em que a consciência parece aniquilada. Essas sombras de lembranças apresentavam, indistintamente, grandes figuras que me carregavam, transportando-me, silenciosamente, para baixo... para baixo... ainda mais para baixo... até que uma vertigem horrível me oprimia, ante a ideia de que não tinha mais fim tal descida.

Também me lembro de que despertavam um vago horror no fundo de meu coração, devido precisamente à tranquilidade sobrenatural desse mesmo coração. Depois, o sentimento de uma súbita imobilidade em tudo o que me cercava, como se aqueles que me carregavam (espantosa comitiva!) ultrapassassem, em sua descida, os limites do ilimitado, e fizessem uma pausa, vencidos pelo cansaço de seu esforço. Depois disso, lembro-me de uma sensação de monotonia e de umidade. Depois, tudo é loucura - a loucura da memória que se agita entre coisas proibidas.

Súbito, voltam à minha alma o movimento e o som - o movimento tumultuoso do coração e, em meus ouvidos, o som de suas batidas. Em seguida, uma pausa, em que tudo é vazio. Depois, de novo, o som, o movimento e o tato, como uma sensação vibrante que penetra em meu ser. Logo após, a simples consciência da minha existência, sem pensamento - estado que durou muito tempo. Depois, de maneira extremamente súbita, o pensamento, e um trêmulo terror - o esforço enorme para compreender o meu verdadeiro estado. Logo após, vivo desejo de mergulhar na insensibilidade. Depois, um brusco renascer da alma e um esforço bem-sucedido para mover-me. E, então, a lembrança completa do que acontecera, dos juízes, das tapeçarias negras, da sentença, da fraqueza, do desmaio. Esquecimento completo de tudo o que

acontecera - e que somente mais tarde, graças aos mais vivos esforços, consegui recordar vagamente.

Até então, não abrira ainda os olhos. Sentia que me achava deitado de costas, sem que estivesse atado. Estendi a mão e ela caiu pesadamente sobre alguma coisa úmida e dura. Deixei que ela lá ficasse durante muitos minutos, enquanto me esforçava por imaginar onde é que eu estava e o que é que poderia ter acontecido comigo. Desejava, mas não me atrevia a fazer uso dos olhos. Receava o primeiro olhar sobre as coisas que me cercavam. Não que me aterrorizasse contemplar coisas terríveis, mas tinha medo de que não houvesse nada para ver. Por fim, experimentando horrível desespero em meu coração, abri rapidamente os olhos. Meus piores pensamentos foram, então, confirmados. Envolviam-me as trevas da noite eterna. Esforcei-me por respirar. A intensidade da escuridão parecia oprimir-me, asfixiar-me. O ar era intoleravelmente pesado. Continuei ainda imóvel, e esforcei-me por fazer uso da razão. Lembrei-me dos procedimentos inquisitoriais e, partindo daí, procurei deduzir qual a minha situação real. A sentença fora proferida, e parecia-me que, desde então, transcorreria longo espaço de tempo. Não obstante, não imaginei um momento sequer que estivesse realmente morto.

Tal suposição, pese o que lemos nos livros de ficção, é absolutamente incompatível com a existência real. Mas onde me encontrava e qual era o meu estado? Sabia que os condenados à morte pereciam, com frequência, nos autos-de-fé e um desses autos havia-se realizado na noite do dia em que eu fora julgado. Teria eu permanecido em meu calabouço, à espera do sacrifício seguinte, que não se realizaria senão dentro de muitos meses? Vi, imediatamente, que isso não poderia ser. As vítimas eram exigidas sem cessar. Além disso, meu calabouço, bem como as celas de todos os condenados, em Toledo, tinha piso de pedra e a luz não era inteiramente excluída.

De repente, uma ideia terrível acelerou violentamente o sangue em meu coração e, durante breve espaço, mergulhei de novo na

insensibilidade. Ao recobrar os sentidos, pus-me logo de pé, a tremer convulsivamente. Alucinado, estendi os braços para o alto e em torno de mim, em todas as direções. Não senti nada. Não obstante, receava dar um passo, com medo de ver os meus movimentos impedidos pelos muros de um túmulo. O suor brotava-me de todos os poros e grossas gotas frias me salpicavam a testa. A angústia da incerteza tornou-se, por fim, insuportável e avancei com cautela, os braços estendidos, os olhos a saltar-me das órbitas, na esperança de descobrir algum tênue raio de luz. Dei muitos passos, mas, não obstante, tudo era treva e vácuo. Sentia a respiração mais livre. Parecia-me evidente que o meu destino não era, afinal de contas, o mais espantoso de todos.

Continuei a avançar cautelosamente e, enquanto isso, me vieram à memória mil vagos rumores dos horrores de Toledo. Sobre calabouços, contavam-se coisas estranhas - fábulas, como eu sempre as considerara; coisas, contudo, estranhas, e demasiado horríveis para que a gente as narrasse a não ser num sussurro. Acaso fora eu ali deixado para morrer de fome naquele subterrâneo mundo de trevas, ou quem sabe um destino ainda mais terrível me aguardava? Conhecia demasiado bem o caráter de meus juízes para duvidar de que o resultado de tudo aquilo seria a morte, e uma morte mais amarga do que a habitual. Como seria ela e a hora de sua execução eram os únicos pensamentos que me ocupavam o espírito, causando-me angústia.

Minhas mãos estendidas encontraram, afinal, um obstáculo sólido. Era uma parede que parecia de pedra, muito lisa, úmida e fria. Segui junto a ela, caminhando com a cautelosa desconfiança que certas narrações antigas me haviam inspirado. Porém, essa operação não me proporcionava meio algum de averiguar as dimensões de meu calabouço; podia dar a volta e tornar ao ponto de partida sem perceber exatamente o lugar em que me encontrava, pois a parede me parecia perfeitamente uniforme. Por isso, procurei um canivete que tinha num dos bolsos quando fui levado ao tribunal, mas havia desaparecido. Minhas roupas tinham

sido substituídas por uma vestimenta de sarja grosseira. A fim de identificar o ponto de partida, pensara em enfiar a lâmina em alguma minúscula fenda da parede. A dificuldade, apesar de tudo, não era insuperável, embora, em meio à desordem de meus pensamentos, me parecesse, a princípio, uma coisa insuperável. Rasguei uma tira da barra de minha roupa e coloquei-a ao comprimento no chão. Formando um ângulo reto com a parede. Percorrendo as palpadelas o caminho em torno de meu calabouço, ao terminar o circuito teria de encontrar o pedaço de fazenda. Foi, pelo menos, o que pensei; mas não levava em conta as dimensões do calabouço, nem a minha fraqueza. O chão era úmido e escorregadio. Cambaleante, dei alguns passos, quando, de repente, tropecei e caí. Meu grande cansaço fez com que permanecesse caído e, naquela posição, o sono não tardou em apoderar-se de mim. Ao acordar e estender o braço, encontrei ao meu lado um pedaço de pão e um púcaro com água. Estava demasiado exausto para pensar em tais circunstâncias, e bebi e comi avidamente. Pouco depois, reiniciei minha viagem em torno do calabouço e, com muito esforço, consegui chegar ao pedaço de sarja.

Até o momento em que caí, já havia contado cinquenta e dois passos e, ao recomeçar a andar até chegar ao pedaço de pano, mais quarenta e oito. Portanto, havia ao todo cem passos e, supondo que dois deles fossem uma jarda, calculei em cerca de cinquenta jardas a circunferência de meu calabouço. No entanto, deparara com numerosos ângulos na parede, e isso me impedia de conjecturar qual a forma da caverna, pois não havia dúvida alguma de que se tratava de uma caverna.

Tais pesquisas não tinham objetivo algum e, certamente, eu não alimentava nenhuma esperança; mas uma vaga curiosidade me levava a continuá-las. Deixando a parede, resolvi atravessar a área de minha prisão. A princípio, procedi com extrema cautela, pois o chão, embora aparentemente revestido de material sólido, era traiçoeiro, devido ao limo. Por fim, ganhei coragem e não hesitei em pisar com firmeza, procurando seguir uma linha tão reta quanto possível. Avancei, dessa maneira, uns dez ou doze passos, quando o que restava da barra de minhas vestes se emaranhou em minhas

pernas. Pisei num pedaço da fazenda e caí violentamente de bruços.

Na confusão causada pela minha queda, não reparei imediatamente numa circunstância um tanto surpreendente, a qual, no entanto, decorridos alguns instantes, enquanto me encontrava ainda estirado, me chamou a atenção. Era que o meu queixo estava apoiado sobre o chão da prisão, mas os meus lábios e a parte superior de minha cabeça, embora me parecessem colocados numa posição menos elevada do que o queixo, não tocavam em nada. Por outro lado, minha testa parecia banhada por um vapor pegajoso, e um cheiro característico de cogumelos em decomposição me chegou às narinas. Estendi o braço para a frente e tive um estremecimento, ao verificar que caíra bem junto às bordas de um poço circular cuja circunferência, naturalmente, não me era possível verificar no momento. Apalpando os tijolos, pouco abaixo da boca do poço, consegui deslocar um pequeno fragmento e deixei-o cair no abismo.

Durante alguns segundos, fiquei atento aos seus ruídos, enquanto, na queda, batia de encontro às paredes do poço; por fim, ouvi um mergulho surdo na água, seguido de ecos fortes. No mesmo momento, ouvi um som que se assemelhava a um abrir e fechar de porta, acima de minha cabeça, enquanto um débil raio de luz irrompeu subitamente através da escuridão e se extinguiu de pronto. Percebi claramente a armadilha que me estava preparada, e congratulei-me comigo mesmo pelo oportuno acidente que me fizera escapar de tal destino. Outro passo antes de minha queda, e o mundo jamais me veria de novo. E a morte de que escapara por pouco era daquelas que eu sempre considerara como fabulosas e frívolas nas narrações que diziam respeito à Inquisição. Para as vítimas de sua tirania, havia a escolha entre a morte com as suas angústias físicas imediatas e a morte com os seus espantosos horrores morais. Eu estava destinado a esta última. Devido aos longos sofrimentos, meus nervos estavam à flor da pele, a ponto de tremer ao som de minha própria voz, de modo que era, sob todos os aspectos, uma vítima adequada para a espécie de tortura que

me aguardava.

Tremendo dos pés à cabeça, voltei, às apalpadelas, até a parede, resolvido antes a ali perecer do que a arrostar os terrores dos poços, que a minha imaginação agora pintava em vários lugares do calabouço. Em outras condições de espírito, poderia ter tido a coragem de acabar de vez com a minha miséria, mergulhando num daqueles poços; mas eu era, então, o maior dos covardes. Tampouco podia esquecer o que lera a respeito daqueles poços: que a súbita extinção da vida não fazia parte dos planos de meus algozes.

A agitação em que se debatia o meu espírito fez-me permanecer acordado durante longas horas; contudo, acabei por adormecer de novo. Ao acordar, encontrei ao meu lado, como antes, um pão e um púcaro com água. Consumia-me uma sede abrasadora, e esvaziei o recipiente de um gole só. A água devia conter alguma droga, pois, mal acabara de beber, tornei-me irresistivelmente sonolento. Invadiu-me profundo sono - um sono como o da morte. Quanto tempo aquilo durou, certamente, não posso dizer; mas, quando tornei a abrir os olhos, os objetos em torno eram visíveis. Um forte clarão cor de enxofre, cuja origem não pude a princípio determinar, permitia-me ver a extensão e o aspecto da prisão.

Quanto ao seu tamanho, enganara-me completamente. A extensão das paredes, em toda a sua volta, não passava de vinte e cinco jardas. Durante alguns minutos, tal fato me causou um mundo de preocupações inúteis. Inúteis, de fato, pois o que poderia ser menos importante, nas circunstâncias em que me encontrava, do que as simples dimensões de minha cela? Mas minha alma se interessava vivamente por coisas insignificantes, e eu me empenhava em explicar a mim mesmo o erro cometido em meus cálculos. Por fim, a verdade fez-se-me subitamente clara. Em minha primeira tentativa de exploração, eu contara cinquenta e dois passos até o momento em que cáí; devia estar, então, a um ou dois passos do pedaço de sarja; na verdade, havia quase completado toda a volta do calabouço. Nessa altura, adormeci e, ao despertar, devo ter

voltado sobre meus próprios passos - supondo, assim, que o circuito do calabouço era quase o dobro do que realmente era. A confusão de espírito em que me encontrava impediu-me de notar que começara a volta seguindo a parede pela esquerda, e que a terminara seguindo-a para a direita.

Enganara-me, também, quanto ao formato da cela. Ao seguir o meu caminho, deparara com muitos ângulos, o que me deu ideia de grande irregularidade, tão poderoso é o efeito da escuridão total sobre alguém que desperta do sono ou de um estado de torpor! Os ângulos não passavam de umas poucas reentrâncias, ou nichos, situadas em intervalos iguais. A forma geral da prisão era retangular. O que me parecera alvenaria, parecia-me, agora, ferro, ou algum outro metal, disposto em enormes pranchas, cujas suturas ou juntas produziam as depressões. Toda a superfície daquela construção metálica era revestida grosseiramente de vários emblemas horrorosos e repulsivos nascidos das superstições sepulcrais dos monges. Figuras de demônios de aspectos ameaçadores, com formas de esqueleto, bem como outras imagens ainda mais terríveis, enchiam e desfiguravam as paredes. Observei que os contornos de tais monstruosidades eram bastante nítidos, mas que as cores pareciam desbotadas e apagadas, como por efeito da umidade. Notei, então, que o piso era de pedra.

Ao centro, abria-se o poço circular de cujas faces eu escapara - mas era o único existente no calabouço.

Vi tudo isso confusamente e com muito esforço, pois minha condição física mudara bastante durante o sono. Estava agora estendido de costas numa espécie de andaime de madeira muito baixo, ao qual me achava fortemente atado por uma longa tira de couro.

Esta dava muitas voltas em torno de meus membros e de meu corpo, deixando apenas livre a minha cabeça e o meu braço esquerdo, de modo a permitir que eu, com muito esforço, me servisse do aumento que se achava sobre um prato de barro, colocado no chão. Vi, horrorizado, que o púcaro havia sido retirado, pois uma sede intolerável me consumia. Pareceu-me que a intenção

de meus verdugos era exasperar essa sede, já que o alimento que o prato continha consistia de carne muita salgada.

Levantei os olhos e examinei o teto de minha prisão. Tinha de nove a doze metros de altura e o material de sua construção assemelhava-se ao das paredes laterais. Chamou-me a atenção uma de suas figuras, bastante singular. Era a figura do Tempo, tal como é comumente representado, salvo que, em lugar da foice, segurava algo que me pareceu ser, ao primeiro olhar, um imenso pêndulo, como esses que vemos nos relógios antigos.

Havia alguma coisa, porém, na aparência desse objeto, que me fez olhá-lo com mais atenção.

Enquanto a observava diretamente, olhando para cima, pois se achava colocada exatamente sobre minha cabeça, tive a impressão de que o pêndulo se movia. Um instante depois, vi que minha impressão se confirmava. Seu oscilar era curto e, por conseguinte, lento. Observei-o, durante alguns minutos, com certo receio, mas, principalmente, com espanto. Cansado, por fim, de observar o seu monótono movimento, voltei o olhar para outros objetos existentes na cela.

Um ligeiro ruído atraiu-me a atenção e, olhando para o chão, vi que enormes ratos o atravessavam. Tinham saído do poço, que ficava a direita bem diante de meus olhos. Enquanto os olhava, saíam do poço em grande número, apressadamente, com olhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne. Foi preciso muito esforço e atenção de minha parte para afugentá-los.

Talvez houvesse transcorrido meia hora, ou mesmo uma hora - pois não me era possível perceber bem a passagem do tempo -, quando levantei de novo os olhos para o teto. O que então vi me deixou atônito, perplexo. O oscilar do pêndulo havia aumentado muito, chegando quase a uma jarda. Como consequência natural, sua velocidade era também muito maior. Mas o que me perturbou, principalmente, foi a ideia de que havia, imperceptivelmente, descido. Observei, então - tomado de um horror que bem se pode imaginar -, que a sua extremidade inferior era formada de uma lua

crescente feita de aço brilhante, de cerca de um pé de comprimento de ponta a ponta. As pontas estavam voltadas para cima e o fio inferior era, evidentemente, afiado como uma navalha.

Também como uma navalha, parecia pesada e maciça, alargando-se, desde o fio, numa estrutura larga e sólida. Presa a cela havia um grosso cano de cobre, e tudo isso assobiava, ao mover-se no ar.

Já não me era possível alimentar qualquer dúvida quanto à sorte que me reservara o terrível engenho monacal de torturas. Os agentes da Inquisição tinham conhecimento de que eu descobrira o poço - o poço cujos horrores haviam sido destinados a um herege tão temerário quanto eu -, o poço, imagem do inferno, considerado como a Última Tule de todos os seus castigos. Um simples acaso me impedira de cair no poço, e eu sabia que a surpresa, ou uma armadilha que levasse ao suplício constituíam uma parte importante de tudo o que havia de grotesco naqueles calabouços de morte. Ao que parecia, tendo fracassado a minha queda no poço, não fazia parte do plano demoníaco o meu lançamento no abismo e, assim, não havendo outra alternativa, aguardava-me uma forma mais suave de destruição. Mais suave! Em minha angústia, esbocei um sorriso ao pensar no emprego dessas palavras.

Para que falar das longas, longas horas de horror mais do que mortal, durante as quais contei as rápidas oscilações do aço? Polegada a polegada, linha a linha, descia aos poucos, de um modo só perceptível a intervalos que para mim pareciam séculos. E cada vez descia mais, descia mais! Passaram-se dias, talvez muitos dias, antes que chegasse a oscilar tão perto de mim a ponto de me ser possível sentir o ar acre que deslocava.

Penetrava-me as narinas o cheiro do aço afiado. Rezei - cansando o céu com as minhas preces - para que a sua descida fosse mais rápida. Tomado de frenética loucura, esforcei-me para erguer o corpo e ir ao encontro daquela espantosa e oscilante cimitarra.

Depois, de repente, apoderou-se de mim uma grande calma e permaneci sorrindo diante daquela morte cintilante, como uma criança diante de um brinquedo raro.

Seguiu-se outro intervalo de completa insensibilidade -um intervalo muito curto, pois, ao voltar de novo à vida, não me pareceu que o pêndulo houvesse descido de maneira perceptível. Mas é possível que haja decorrido muito tempo; sabia que existiam seres infernais que tomavam nota de meus desfalecimentos e podiam deter, à vontade, o movimento do pêndulo. Ao voltar a mim, senti um mal-estar e uma fraqueza indescritíveis, como se estivesse a morrer de inanição. Mesmo entre todas as angústias por que estava passando, a natureza humana ansiava por alimento. Com penoso esforço, estendi o braço esquerdo tanto quanto me permitiam as ataduras e apanhei um resto de comida que conseguira evitar que os ratos comessem. Ao levar um bocado à boca, passou-me pelo espírito um vago pensamento de alegria... de esperança. Não obstante, que é que tinha com a ver com a esperança? Era, como digo, um pensamento vago - desses que ocorrem a todos com frequência, mas que não se completam. Mas senti que era de alegria, de esperança. Como senti, também, que se extinguiu antes de formar-se. Esforcei-me em vão por completá-lo... por reconquistá-lo. Meus longos sofrimentos haviam quase aniquilado todas as Faculdades de meu espírito. Eu era um imbecil, um idiota. A oscilação do pêndulo se processava num plano que tornava um ângulo reto com o meu corpo. Vi que a lâmina fora colocada de modo a atravessar-me a região do coração.

Rasgaria a minha roupa, voltaria e repetiria a operação... de novo, de novo. Apesar da grande extensão do espaço percorrido - uns trinta pés, mais ou menos - e da sibilante energia de sua oscilação, suficiente para partir ao meio aquelas próprias paredes de ferro, tudo o que podia fazer, durante vários minutos, seria apenas rasgar as minhas roupas. E, ao pensar nisso, detive-me. Não ousava ir além de tal reflexão. Insisti sobre ela com toda atenção, como se com essa insistência pudesse parar ali a descida da lâmina. Comecei a pensar no som que produziria ao passar pelas minhas roupas, bem como na estranha e arrepiante sensação que o rasgar de uma fazenda produz sobre os nervos. Pensei em todas essas coisas fazendo os dentes rangerem, de tão contraídos. Descia...

cada vez descia mais a lâmina. Sentia um prazer frenético ao comparar sua velocidade de cima a baixo com a sua velocidade lateral. Para a direita... para a esquerda... num amplo oscilar... com o grito agudo de uma alma penada; para o meu coração, com o passo furtivo de um tigre! Eu ora ria, ora uivava, quando esta ou aquela ideia se tornava predominante.

Sempre para baixo... certa e inevitavelmente! Movia-se, agora, a três polegadas do meu peito! Eu lutava violentamente, furiosamente para livrar o braço esquerdo. Este estava livre apenas desde o cotovelo até a mão. Podia mover a mão, com grande esforço, apenas desde o prato, que haviam colocado ao meu lado, até a boca. Nada mais. Se houvesse podido romper as ligaduras acima do cotovelo, teria apanhado o pêndulo e tentado detê-lo. Mas isso seria o mesmo que tentar deter uma avalanche!

Sempre mais baixo, incessantemente, inevitavelmente mais baixo! Arquejava e me debatia a cada vibração. Encolhia-me convulsivamente a cada oscilação. Meus olhos seguiam as subidas e descidas da lâmina com a ansiedade do mais completo desespero; fechavam-se espasmodicamente a cada descida, como se a morte houvesse sido um alívio... oh, que alívio indizível! Não obstante, todos os meus nervos tremiam à ideia de que bastaria que a máquina descesse um pouco mais para que aquele machado afiado e reluzente se precipitasse sobre o meu peito. Era a esperança que fazia com que meus nervos estremecessem, com que todo o meu corpo se encolhesse. Era a esperança - a esperança que triunfa mesmo sobre o suplício -, a que sussurrava aos ouvidos dos condenados à morte, mesmo nos calabouços da Inquisição. Vi que mais umas dez ou doze oscilações poriam o aço em contato imediato com as minhas roupas e, com essa observação, invadiu-me o espírito toda a calma condensada e viva do desespero. Pela primeira vez durante muitas horas - ou, talvez dias - consegui pensar. Ocorreu-me, então, que a tira ou correia que me envolvia o corpo era inteiriça. Não estava amarrada por meio de cordas isoladas. O primeiro golpe da lâmina em forma de meia-lua sobre qualquer lugar da correia a desataria, de modo a

permitir que minha mão a desenrolasse de meu corpo. Mas como era terrível, nesse caso, a sua proximidade. O resultado do mais leve movimento, de minha parte, seria mortal! Por outro lado, acaso os sequazes do verdugo não teriam previsto e impedido tal possibilidade? E seria provável que a correia que me atava atravessasse o meu peito justamente no lugar em que o pêndulo passaria? Temendo ver frustrada essa minha fraca e, ao que parecia, última esperança, levantei a cabeça o bastante par ver bem o meu peito. A correia envolvia-me os membros e o corpo fortemente em todas as direções, menos no lugar em que deveria passar a lâmina assassina.

Mal deixei cair a cabeça em sua posição anterior, quando senti brilhar em meu espírito algo que só poderia descrever aproximadamente, dizendo que era como que a metade não formada da ideia de liberdade a que aludi anteriormente, e da qual apenas uma parte flutuou vagamente em meu espírito quando levei o alimento aos meus lábios febris.

Agora, todo o pensamento estava ali presente - débil, quase insensato, quase indefinido -, mas, de qualquer maneira, completo. Procurei imediatamente, com toda a energia nervosa do desespero, pô-lo em execução.

Havia várias horas, um número enorme de ratos se agitava junto do catre em que me achava estendido. Eram temerários, ousados, vorazes; fitavam sobre mim os olhos vermelhos, como se esperassem apenas minha imobilidade para fazer-me sua presa. "A que espécie de alimento", pensei, "estão eles habituados no poço?" Haviam devorado, apesar de todos os meus esforços para o impedir, quase tudo o alimento que se encontrava no prato, salvo uma pequena parte. Minha mão se acostumara a um movimento oscilatório sobre o prato e, no fim, a uniformidade inconsciente de tal movimento deixou de produzir efeito. Em sua veracidade, cravavam frequentemente em meus dedos os dentes agudos. Com o resto da carne oleosa e picante que ainda sobrava esfreguei fortemente, até o ponto em que podia alcançá-la, a correia com que

me haviam atado. Depois, erguendo a mão do chão, permaneci imóvel, quase sem respirar.

A princípio, os vorazes animais ficaram surpresos e aterrorizados com a mudança verificada - com a cessação de qualquer movimento. Mas isso apenas durante um momento. Não fora em vão que eu contara com a sua voracidade. Vendo que eu permanecia imóvel, dois ou três dos mais ousados soltaram sobre o catre e puseram-se a cheirar a correia. Dir-se-ia que isso foi o sinal para a investida geral. Vindos da parede, arremeteram em novos bandos. Agarraram-se ao estrado, galgaram-no e pularam as centenas sobre o meu corpo. O movimento rítmico do pêndulo não os perturbava de maneira alguma. Evitando seus golpes, atiraram-se à correia besuntada. Apertavam-se, amontoavam-se sobre mim. Contorciam-se sobre meu pescoço; seus focinhos, frios, procuravam meus lábios. Sentia-me quase sufocado sob o seu peso. Um asco espantoso, para o qual não existe nome, enchia-me o peito e gelava-me, com pegajosa umidade, o coração. Mais um minuto, e percebia que a operação estaria terminada. Sentia claramente que a correia afrouxava. Sabia que, em mais de um lugar, já devia estar completamente partida. Com uma determinação sobre-humana continuei imóvel. Não errei em meus cálculos; todos esses sofrimentos não foram em vão. Senti, afinal, que estava livre. A correia pendia, em pedaços, de meu corpo. Mas o movimento do pêndulo já se realizava sobre o meu peito. Tanto a sarja da minha roupa, como a camisa que vestia já haviam sido cortadas. O pêndulo oscilou ainda por duas vezes, e uma dor aguda me penetrou todos os nervos. Mas chegara o momento da salvação. A um gesto de minha mão, meus libertadores fugiram tumultuosamente. Com um movimento decidido, mas cauteloso, deslizei encolhido, lentamente, para o lado, livrando-me das correias e da lâmina da cimitarra. Pelo menos naquele momento, estava livre. Livre! E nas garras da Inquisição! Mal havia escapado daquele meu leito de horror e dado uns passos pelo piso de pedra da prisão, quando cessou o movimento da máquina infernal e eu a vi subir, como que atraída por alguma força invisível, para o teto.

Aquela foi uma lição que guardei desesperadamente no coração. Não havia dúvida de que os meus menores gestos eram observados. Livre! Escapara por pouco à morte numa determinada forma de agonia, apenas para ser entregue a uma outra, pior do que a morte. Com este pensamento, volvi os olhos, nervosamente, para as paredes de ferro que me cercavam. Algo estranho - uma mudança que, a princípio, não pude apreciar claramente - havia ocorrido, evidentemente, em minha cela. Durante muitos minutos de trêmula abstração, perdi-me em conjeturas vãs e incoerentes. Pela primeira vez percebi a origem da luz sulfurosa que alumia a cela. Procedia de uma fenda, de cerca de meia polegada de largura, que se estendia em torno do calabouço, junto à base das paredes, que pareciam, assim, e, na verdade estavam, completamente separadas do solo.

Procurei, inutilmente, olhar através dessa abertura.

Ao levantar-me, depois dessa tentativa, o mistério da modificação verificada tornou-se-me, subitamente, claro. Já observara que, embora os contornos dos desenhos das paredes fossem bastante nítidos, suas cores, não obstante, pareciam apagadas e indefinidas. Essas cores, agora, haviam adquirido, e estavam ainda adquirindo, um brilho intenso e surpreendente, que dava às imagens fantásticas e diabólicas um aspecto que teria arrepiado nervos mais firmes do que os meus. Olhos demoníacos, de uma vivacidade sinistra e feroz, cravavam-se em mim de todos os lados, de lugares onde antes nenhum deles era visível, com um brilho ameaçador que eu, em vão, procurei considerar como irreal.

Irreal! Bastava-me respirar para que me chegasse às narinas o vapor de ferros em brasa! Um cheiro sufocante invadia a prisão! Um brilho cada vez mais profundo se fixava nos olhos cravados em minha agonia! Um vermelho mais vivo estendia-se sobre aquelas pinturas horrorosas e sangrentas. Eu arquejava. Respirava com dificuldade. Não poderia haver dúvida quanto à intenção de meus verdugos, os mais implacáveis, os mais demoníacos de todos os homens! Afastei-me do metal incandescente, colocando-me ao

centro da cela. Ante a perspectiva da morte pelo fogo, que me aguardava, a ideia da frescura do poço chegou à minha alma como um bálsamo. Precipitei-me para as suas bordas mortais. Lancei o olhar para o fundo. O resplendor da abóbada iluminava as suas cavidades mais profundas. Não obstante, durante um minuto de desvario, meu espírito se recusou a compreender o significado daquilo que eu via. Por fim, aquilo penetrou, à força, em minha alma, gravando-se a fogo em minha trêmula razão. Oh, indescritível! Oh, horror dos horrores! Com um grito, afastei-me do poço e afundei o rosto nas mãos, a soluçar amargamente.

O calor aumentava rapidamente e, mais uma vez, olhei para cima, sentindo um calafrio. Operara-se uma grande mudança na cela - e, dessa vez, a mudança era, evidentemente, de forma. Como acontecera antes, procurei inutilmente apreciar ou compreender o que ocorria. Mas não me deixaram muito tempo em dúvida. A vingança da Inquisição se exacerbava por eu a haver frustrado por duas vezes - e não mais permitiria que zombasse dela! A cela, antes, era quadrada. Notava, agora, que dois de seus ângulos de ferro eram agudos, sendo os dois outros, por conseguinte, obtusos. Com um ruído surdo, gemente, aumentava rapidamente o terrível contraste. Num instante, a cela adquirira a forma de um losango. Mas a modificação não parou aí - nem eu esperava ou desejava que parasse. Poderia haver apertado as paredes incandescentes de encontro ao peito, como se fossem uma vestimenta de eterna paz. "A morte", disse de mim para comigo.

"Qualquer morte, menos a do poço!" Insensato! Como não pude compreender que era para o poço que o ferro em brasa me conduzia? Resistiria eu ao seu calor? E, mesmo que resistisse, suportaria sua pressão? E cada vez o losango se aproximava mais, com uma rapidez que não me deixava tempo para pensar. Seu centro e, naturalmente, a sua parte mais larga chegaram até bem junto do abismo aberto. Recuei, mas as paredes, que avançavam, me empurravam, irresistivelmente, para a frente. Por fim, já não existia, para o meu corpo chamuscado e contorcido, senão um

exíguo lugar para firmar os pés, no solo da prisão. Deixei de lutar, mas a angústia de minha alma se extravasou em forte e prolongado grito de desespero. Senti que vacilava à boca do poço, e desviei os olhos...

Mas ouvi, então, um ruído confuso de vozes humanas! O som vibrante de muitas trombetas! E um rugido poderoso, como de mil trovões, atroou os ares! As paredes de fogo recuaram precipitadamente! Um braço estendido agarrou o meu, quando eu, já quase desfalecido, caía no abismo. Era o braço do General Lassalle. O exército francês entrara em Toledo. A Inquisição estava nas mãos de seus inimigos.

A MÃO DO MACACO – W. W. Jacob

Lá fora, a noite estava fria e úmida, mas na pequena sala de visitas de Labumum Villa os postigos estavam abaixados e o fogo queimava na lareira. Pai e filho jogavam xadrez: o primeiro tinha ideias sobre o jogo que envolviam mudanças radicais, colocando o rei em perigo tão desnecessário que até provocava comentários da velha senhora de cabelos brancos, que tricotava serenamente perto do fogo.

– Ouça o vento — disse o Sr. White, que, tendo visto tarde demais um erro fatal, queria evitar que o filho o visse.

– Estou escutando — disse o último, estudando o tabuleiro ao esticar a mão.

– Xeque.

– Eu duvido que ele venha hoje à noite — disse o pai, com a mão parada em cima do tabuleiro.

– Mate — replicou o filho.

– Essa é a desvantagem de se viver tão afastado — vociferou o Sr. White, com uma violência súbita e inesperada. — De todos os lugares desertos e lamacentos para se viver, este é o pior. O caminho é um atoleiro, e a estrada uma torrente. Não sei o que as pessoas têm na cabeça. Acho que, como só sobraram duas casas na estrada, elas acham que não faz mal.

– Não se preocupe, querido — disse a esposa em tom apaziguador. — Talvez você ganhe a próxima partida.

O Sr. White levantou os olhos bruscamente a tempo de perceber

uma troca de olhares entre mãe e filho. As palavras morreram em seus lábios, e ele escondeu um sorriso de culpa atrás da barba fina e grisalha.

— Aí vem ele — disse Herbert White, quando o portão bateu ruidosamente e passos pesados se aproximaram da porta.

O velho levantou-se com uma pressa hospitaleira e, ao abrir a porta, foi ouvido cumprimentando o recém-chegado. Este também o cumprimentou, e a Sra. White tossiu ligeiramente quando o marido entrou na sala, seguido por um homem alto e corpulento, com olhos pequenos e nariz vermelho.

— Sargento Morris — disse ele, apresentando-o.

O sargento apertou as mãos e, sentando-se no lugar que lhe ofereceram perto do fogo, observou satisfeito o anfitrião pegar uísque e copos, e colocar uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Depois do terceiro copo, seus olhos ficaram mais brilhantes, e ele começou a falar, o pequeno círculo familiar olhando com interesse este visitante de lugares distantes, quando ele empertigou os ombros largos na cadeira e falou de cenários selvagens e feitos intrépidos: de guerras, pragas e povos estranhos.

— Vinte e um anos nessa vida — disse o Sr. White, olhando para a esposa e o filho. — Quando ele foi embora era um rapazinho no armazém. Agora olhem só para ele.

— Ele não parece ter sofrido muitos reveses — disse a Sra. White amavelmente.

— Eu gostaria de ir à Índia — disse o velho — só para conhecer, compreende?

— Você está bem melhor aqui — disse o sargento, sacudindo a cabeça. Pôs o copo vazio na mesa e, suspirando baixinho, sacudiu a cabeça novamente.

— Eu gostaria de ver aqueles velhos templos, os faquires e os nativos — disse o velho. — O que foi que você começou a me contar outro dia sobre uma pata de macaco ou algo assim Morris?

— Nada — disse o soldado rapidamente. — Não é nada de importante.

— Pata de macaco? — perguntou a Sra. White, curiosa.

— Bem, é só um pouco do que se poderia chamar de magia, talvez — disse o sargento com falso ar distraído.

Os três ouvintes debruçaram-se nas cadeiras interessados. O visitante levou o copo vazio à boca distraidamente e depois recolocou-o onde estava. O dono da casa tornou a enchê-lo.

— Aparentemente — disse o sargento, mexendo no bolso — é só uma patinha comum dissecada.

Tirou uma coisa do bolso e mostrou-a. A Sra. White recuou com uma careta, mas o filho, pegando-a, examinou-a com curiosidade.

— E o que há de especial nela? — perguntou o Sr. White ao pegá-la da mão do filho e, depois de examiná-la, colocá-la sobre a mesa.

— Foi encantada por um velho faquir — disse o sargento —, um homem muito santo. Ele queria provar que o destino regia a vida das pessoas, e que aqueles que interferissem nele seriam castigados. Fez um encantamento pelo qual três homens distintos poderiam fazer, cada um, três pedidos a ela.

A maneira dele ao dizer isso foi tão solene que os ouvintes perceberam que suas risadas estavam um pouco fora de propósito.

— Bem, por que não faz os seus três pedidos, senhor? — disse Herbert White astutamente.

O soldado olhou para ele como olham as pessoas de meia-idade para um jovem presunçoso.

– Eu fiz — disse ele calmamente, e seu rosto marcado empalideceu.

– E teve mesmo os três desejos satisfeitos? — perguntou a Sra. White.

– Tive — disse o sargento, e o copo bateu nos dentes fortes.

– E alguém mais fez os pedidos? — insistiu a senhora.

– O primeiro homem realizou os três desejos — foi a resposta. — Eu não sei quais foram os dois primeiros, mas o terceiro foi para morrer. Por isso é que consegui a pata.

Seu tom de voz era tão grave que o grupo ficou em silêncio.

– Se você conseguiu realizar os três desejos, ela não serve mais para você, Morris — disse o velho finalmente. — Para que você guarda essa pata?

O soldado meneou a cabeça.

– Por capricho, suponho — disse lentamente. — Cheguei a pensar em vendê-la, mas acho que não o farei. Ela já causou muitas desgraças. Além disso, as pessoas não vão comprar. Acham que é um conto de fadas, algumas delas; e as que acreditam querem tentar primeiro para pagar depois.

– Se você pudesse fazer mais três pedidos — disse o velho, olhando para ele atentamente —, você os faria?

– Eu não sei — disse o outro. — Eu não sei.

Pegou a pata e, balançando-a entre os dedos, de repente jogou-a no fogo.

White, com um ligeiro grito, abaixou-se e tirou-a de lá.

— É melhor deixar que ela se queime — disse o soldado solenemente.

— Se você não quer mais, Morris — disse o outro —, me dá.

— Não — disse o amigo obstinadamente. — Eu a joguei no fogo. Se você ficar com ela, não me culpe pelo que acontecer. Jogue isso no fogo outra vez, como um homem sensato.

O outro sacudiu a cabeça e examinou sua nova aquisição atentamente.

— Como você faz para pedir? — perguntou.

— Segure a pata na mão direita e faça o pedido em voz alta — disse o sargento —, mas eu o advirto sobre as consequências.

— Parece um conto das Mil e uma noites — disse a Sra. White, ao se levantar e começar a pôr o jantar na mesa. — Você não acha que deveria pedir quatro pares de mão para mim?

— Se quer fazer um pedido — disse ele asperamente —, peça algo sensato. O Sr. White colocou a pata no bolso novamente e, arrumando as cadeiras acenou para que o amigo fosse para a mesa. Durante o jantar o talismã foi parcialmente esquecido, e depois os três ficaram escutando, fascinados, um segundo capítulo das aventuras do soldado na Índia.

— Se a história sobre a pata de macaco não for mais verdadeira do que as que nos contou — disse Herbert, quando a porta se fechou

atrás do convidado, que partiu a tempo de pegar o último trem—, nós não devemos dar muito crédito a ela.

— Você deu alguma coisa a ele por ela, papai? — perguntou a Sra. White, olhando para o marido atentamente.

— Pouca coisa — disse ele, corando ligeiramente. — Ele não queria aceitar, mas eu o fiz aceitar. E ele tornou a insistir que eu jogasse fora.

— É claro — disse Herbert, fingindo estar horrorizado. — Ora, nós vamos ser ricos, famosos e felizes. Peça para ser um imperador, papai, para começar, então você não vai ser mais dominado pela mulher.

Ele correu em volta da mesa, perseguido pela Sra. White armada com uma capa de poltrona.

O Sr. White tirou a pata do bolso e olhou para ela dubiamente.

— Eu não sei o que pedir, é um fato — disse lentamente. — Eu acho que tenho tudo o que quero.

— Se você acabasse de pagar a casa ficaria bem feliz, não ficaria? — disse Herbert, com a mão no ombro dele. — Bem, peça 200 libras, então, isso dá.

O pai, sorrindo envergonhado pela própria ingenuidade, segurou o talismã, quando o filho, com uma cara solene, um tanto franzida por uma piscadela de olhos para a mãe, sentou-se no piano e tocou alguns acordes para fazer fundo.

— Eu desejo 200 libras — disse o velho distintamente.

Um rangido do piano seguiu-se às palavras, interrompido por um grito estridente do velho. A mulher e o filho correram até ele.

— Ela se mexeu — gritou ele, com um olhar de nojo para o objeto caído no chão. — Quando eu fiz o pedido, ela se contorceu na

minha mão como uma cobra.

— Bem, eu não vejo o dinheiro — disse o filho ao pegá-la e colocá-la em cima da mesa — e aposto que nunca vou ver.

— Deve ter sido imaginação sua, papai — disse a esposa, olhando para ele ansiosamente.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não faz mal, não aconteceu nada, mas a coisa me deu um susto assim mesmo.

Eles se sentaram perto do fogo novamente enquanto os dois homens acabavam de fumar cachimbos. Lá fora, o vento zunia mais do que nunca, e o velho teve um sobressalto com o barulho de uma porta batendo no andar de cima. Um silêncio estranho e opressivo abateu-se sobre todos os três, e perdurou até o velho casal se levantar e ir dormir.

— Eu espero que vocês encontrem o dinheiro dentro de um grande saco no meio da cama — disse Herbert, ao lhes desejar boa noite — e algo terrível agachado em cima do armário observando vocês guardarem seu dinheiro maldito.

Ficou sentado sozinho na escuridão, olhando para o fogo baixo e vendo caras nele. A última cara foi tão feia e tão simiesca que ele olhou para ela assombrado. A cara ficou tão vivida que, com uma risada inquieta, ele procurou um copo na mesa que tivesse um pouco de água para jogar no fogo. Sua mão pegou na pata de macaco, e com um ligeiro estremecimento ele limpou a mão no casaco e foi dormir.

II

— Eu creio que todos os velhos soldados são iguais — disse a Sra.

White. — Essa ideia de dar ouvidos a tal tolice! Como é que se pode realizar desejos hoje em dia? E se fosse possível, como é que iam aparecer 200 libras, papaia claridade do sol de inverno, na manhã seguinte, quando este banhou a mesa do café, ele riu de seus temores. Havia um ar de naturalidade na sala que não existia na noite anterior, e a pequena pata suja estava jogada na mesa de canto com um descuido que não atribuía grande crença a suas virtudes.

— Morris disse que as coisas aconteciam com tanta naturalidade — disse o pai — que a gente podia até achar que era coincidência, caindo do céu, talvez — disse Herbert, com ar brincalhão.

— Bem, não gaste o dinheiro antes de eu voltar — disse Herbert, ao se levantar da mesa. — Estou com medo de que você se torne um homem mesquinho e avarento, e vamos ter de renegá-lo.

A mãe riu e, acompanhando-o até a porta, viu-o descer a rua. Voltando à mesa do café, divertiu-se à custa da credulidade do marido. O que não a impediu de correr até a porta com a batida do carteiro, nem de se referir a sargentos da reserva com vício de beber, quando descobriu que o correio trouxera uma conta do alfaiate.

— Herbert vai dizer uma das suas gracinhas quando chegar em casa — disse ela, quando se sentaram para jantar.

— Com certeza — disse o Sr. White, servindo-se de cerveja —, mas, apesar de tudo, a coisa se mexeu na minha mão; eu posso jurar.

— Foi impressão — disse a senhora apaziguadoramente.

— Estou dizendo que se mexeu — replicou o outro. — Não há dúvida; eu tinha acabado... O que houve?

A mulher não respondeu. Estava observando os movimentos

misteriosos de um homem do lado de fora, que, espiando com indecisão para a casa, parecia estar tentando tomar a decisão de entrar. Lembrando-se das 200 libras, ela reparou que o estranho estava bem-vestido e usava um chapéu de seda novo.

Por três vezes ele parou no portão, e depois caminhou novamente. Da quarta vez ficou com a mão parada sobre ele, e depois com uma súbita resolução abriu-o e entrou. A Sra. White no mesmo momento desamarrou o avental rapidamente, colocando-o debaixo da almofada da cadeira. Convidou o estranho, que parecia deslocado, a entrar. Ele olhou para ela furtivamente, e ouviu preocupado, a senhora desculpar-se pela aparência da sala, e pelo casaco do marido, uma roupa que ele geralmente reservava para o jardim. Então ela esperou, com paciência, que ele falasse do que se tratava, mas, a princípio, ele ficou estranhamente calado.

— Eu... pediram-me para vir aqui — disse ele finalmente, e abaixando-se tirou um pedaço de algodão das calças. — Eu venho representando “Maw&Meggins”.

A senhora sobressaltou-se.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ela, ofegante — Acontecem alguma coisa a Herbert? O que é? O que é?

O marido interveio.

— Calma, calma, mamãe — disse ele rapidamente. — Sente-se e não tire conclusões precipitadas. O senhor certamente não trouxe más notícias, não é, senhor — e olhou para o outro ansiosamente.

— Eu lamento... — começou o visitante.

— Ele está ferido? — perguntou a mãe desesperada.

O visitante assentiu com a cabeça.

— Muito ferido — disse. — Mas não está sofrendo.

— Ah, graças a Deus! — disse a senhora, apertando as mãos. —
Graças a Deus! Graças...

Parou de falar de repente quando o significado sinistro da afirmativa se abateu sobre ela, e ela viu a terrível confirmação de seus temores no rosto desviado do outro. Prendeu a respiração e, virando-se para o marido, menos perspicaz, pôs a mão trêmula sobre a dele. Seguiu-se um demorado silêncio.

— Ele foi apanhado pela máquina — repetiu o Sr. White, estonteado.
— Ah! sim.

Ficou sentado olhando para a janela e, tomando a mão da esposa entra as suas, apertou-a como tinha vontade de fazer nos velhos tempos de namoro há quase 40 anos.

— Ele era o único que nos restava — disse ele, voltando-se amavelmente para o visitante. — É difícil. O outro tossiu e, levantando-se, caminhou lentamente até a janela.

— A firma me pediu para transmitir os nossos sinceros pêsames a vocês por sua grande perda — disse ele, sem olhar para trás. — Eu peço que compreendam que sou apenas um empregado da firma e estou apenas obedecendo ordens.

Não houve resposta; o rosto da senhora estava branco, os olhos parados e a respiração inaudível; no rosto do marido havia um olhar que o amigo sargento talvez tivesse na primeira batalha.

— Devo dizer que “Maw&Meggins” estão isentos de toda responsabilidade — continuou o outro. — Eles não têm nenhuma dívida com a família, mas, em consideração aos serviços de seu filho, desejam presenteá-los com uma certa soma como compensação.

O Sr. White largou a mão da esposa e, pondo-se de pé, olhou para o visitante horrorizado. Seus lábios secos pronunciaram as palavras:

– Quanto?

– Duzentas libras — foi a resposta.

Indiferente ao grito da esposa, o velho sorriu fracamente, estendeu as mãos como um homem cego e caiu, desfalecido, no chão.

III

No enorme cemitério novo, a alguns quilômetros de distância, os velhos enterraram seu morto e voltaram para casa mergulhada em sombras e silêncio. Tudo terminara tão rápido que a princípio nem se davam conta do que acontecera, e ficaram num estado de expectativa como se fosse acontecer mais alguma coisa — algo mais que aliviasse esse fardo, pesado demais para corações velhos.

Mas os dias se passaram, e a expectativa deu lugar à resignação — a resignação desesperançada dos velhos, às vezes chamada erradamente de apatia. Algumas vezes nem trocavam uma palavra, pois agora não tinham nada do que falar e os dias eram compridos e desanimados.

Foi por volta de uma semana depois que o velho, acordando subitamente de noite, estendeu o braço e viu-se sozinho. O quarto estava no escuro e o ruído de soluços baixinhos vinha da janela. Ele se levantou na cama e ficou ouvindo.

– Volte para a cama — disse ele ternamente. — Você vai ficar gelada.

– Está mais frio para ele — disse a senhora, e chorou novamente.

O som de seus soluços apagou-se nos ouvidos dele. A cama estava quente, e seus olhos pesados de sono. Ele cochilava a todo instante e acabou pegando no sono, quando um súbito grito histérico da esposa o despertou com um sobressalto.

– A pata! — gritou histericamente. — A pata de macaco!

Ele se levantou, alarmado.

– Onde? Onde está? O que houve?

Ela correu agitada até ele.

– Eu quero a pata — disse ela calmamente. — Você não a destruiu?

– Está na sala, em cima da prateleira — replicou ele atônito. — Por quê?

Ela chorou e riu ao mesmo tempo e, debruçando-se, beijou-o no rosto.

– Só tive essa ideia agora — disse ela histericamente. — Por que não pensei nisso antes? Por que você não pensou nisso antes?

– Pensar em quê? — perguntou ele.

– Nos outros dois desejos — replicou ela rapidamente. — Nós só fizemos um pedido.

– Não foi suficiente? — perguntou ele, irado.

– Não — gritou ela, triunfante; — ainda vamos fazer um.

Desça, apanhe a pata rapidamente, e deseje que o nosso filho viva novamente.

O homem sentou-se na cama e arrancou as cobertas de cima do corpo trêmulo.

– Meu bom Deus, você está louca! Gritou ele, horrorizado.

– Pegue aquela coisa — disse ela, ofegante —, pegue depressa, e faça o pedido... Ah, meu filho, meu filho!

O Marido riscou um fósforo e acendeu a vela.

– Volte para a cama — disse ele, incerto. — Você não sabe o que está dizendo.

– Nós conseguimos satisfazer o primeiro pedido — disse a senhora, febrilmente. — Por que não o segundo?

– Foi uma coincidência — gaguejou o velho.

– Vá buscar a pata e faça o pedido — gritou a esposa, tremendo de excitação.

O velho virou-se, olhou para ela, e sua voz tremeu.

– Ele já está morto há 10 dias e, além disso, ele... — eu não queria lhe dizer isso, mas... só consegui reconhecê-lo pela roupa. Se já estava tão horrível para você ver, imagine agora?

– Traga-o de volta — gritou a senhora, e o arrastou para a porta. — Você acha que tenho medo do filho que criei?

Ele desceu na escuridão, foi tateando até a sala e depois até a lareira. O talismã estava no lugar, e um medo horrível de que o desejo ainda não expresso pudesse trazer o filho mutilado apossou-se dele, e ficou sem ar ao perceber que perdera a direção da porta. Com a testa fria de suor, ele deu volta na mesa, tateando, e foi-se amparando na parede até se achar no corredor com a coisa nociva

na mão.

Até o rosto da esposa parecia mudado quando ele entrou no quarto. Estava branco e ansioso, e para seu temor parecia ter um olhar estranho. Ele sentiu medo dela.

- Peça! — gritou ela, com voz forte.
- Isso é loucura — disse ele, com voz trêmula.
- Peça! — repetiu a esposa.

Ele levantou a mão.

- Eu desejo que meu filho viva novamente.

O talismã caiu no chão, e ele olhou para a coisa com medo. Então afundou numa cadeira, trêmulo, quando a esposa, com os olhos ardentes, foi até a janela e levantou a persiana.

Ficou sentado até ficar arrepiado de frio, olhando ocasionalmente para a figura da velha senhora espiando pela janela.

O cotoco de vela, que queimara até a beirada do castiçal de porcelana, jogava sombras sobre o teto e as paredes, até que, com um bruxulear maior do que os outros, se apagou. O velho, com uma imensa sensação de alívio pelo fracasso do talismã, voltou para a cama, e um ou dois minutos depois a senhora veio silenciosamente para o seu lado.

Nenhum dos dois disse nada, mas permaneceram deitados em silêncio, ouvindo o tique-taque do relógio. Um degrau rangeu, e um rato correu guinchando através do muro. A escuridão era opressiva e, depois de ficar deitado por algum tempo, criando coragem, ele pegou a caixa de fósforos e, acendendo um, foi até embaixo para pegar uma vela.

Nos pés da escada o fósforo se apagou, e ele parou para riscar outro; no mesmo momento ouviu-se uma batida na porta da frente,

tão baixa e furtiva que quase não se fazia ouvir. Os fósforos caíram-lhe da mão e espalharam-se no corredor. Ele permaneceu imóvel, com a respiração presa até a batida se repetir. Então virou-se e fugiu rapidamente para o quarto, fechando a porta atrás de si. Uma terceira batida ressoou pela casa.

— O que é isso? — gritou a senhora, levantando-se.

— Um rato — disse o velho com voz trêmula —, um rato. Ele passou por mim na escada.

A esposa sentou-se na cama, escutando. Uma batida alta ressoou pela casa.

— É Herbert! — gritou. — É Herbert!

Ela correu até a porta, mas o marido ficou na frente dela e, pegando-a pelo braço, segurou-a com força.

— O que você vai fazer? — sussurrou ele com voz rouca.

— É meu filho; é Herbert! — gritou ela, debatendo-se mecanicamente. — Eu esqueci que ele estava a 10 quilômetros daqui. Por que está me segurando? Me solte. Eu tenho de abrir a porta.

— Pelo amor de Deus não deixe entrar — gritou o velho tremendo.

— Você está com medo do próprio filho — gritou ela, debatendo-se. — Me solte. Eu já vou, Herbert; eu já vou.

Ouviu-se mais uma batida, e mais outra. A senhora com um arrancão súbito soltou-se e saiu correndo do quarto. O marido seguiu-a até a escada e chamou-a enquanto ela corria para baixo. Ele ouviu a corrente chocalhar e a tranca do chão ser puxada lenta e firmemente do lugar. Então a voz da senhora soou, nervosa e ofegante.

— A tranca — gritou ela alto. — Desça que eu não consigo puxar a tranca.

Mas o marido estava de joelhos no chão, procurando a pata desesperadamente. Se pelo menos conseguisse encontrá-la antes que a coisa entrasse. Uma série de batidas reverberou pela casa, e ele ouviu o arrastar de uma cadeira quando a esposa a colocou no corredor, encostada na porta. Ouviu o ranger da tranca quando esta se destravou lentamente, e no mesmo momento encontrou a pata de macaco, e desesperadamente fez o terceiro e último pedido.

As batidas pararam subitamente, embora ainda ecoassem na casa. Ele ouviu a cadeira ser arrastada de volta, e a porta se abrir. Um vento frio subiu pela escada, e um gemido alto e demorado de decepção e tristeza da esposa lhe deu coragem para correr até ela e depois até o portão. O lampião da rua que tremulava do outro lado brilhava numa estrada silenciosa e deserta.

FIM

Conheça outros contos imperdíveis da Coleção Melhores Contos: LeBooks:



OS MELHORES CONTOS

Anton
TCHEKHOV

LeBooks

TCHEKHOV: Melhores Contos

Tchekhov, Anton

9788583862291

150 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anton Tchekhov foi um médico, dramaturgo e escritor russo e é considerado um dos maiores contistas de todos os tempos. Neste ebook, assim como nas outras edições da Coleção Melhores Contos, você conhecerá uma parte representativa de sua vasta obra. São 19 de seus melhores contos escritos em diversas fases da vida do autor. Este ebook é um presente para quem é apaixonado por contos e para quem certamente será, após a leitura dos contos de Anton Tchekhov.

[Compre agora e leia](#)

OS MELHORES CONTOS



BRASILEIROS

LeBooks

Os Melhores Contos Brasileiros

de Assis, Machado

9788583862109

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

Contos são obras caracterizadas por um volume menor de texto, com menos personagens e maior concisão, e que nos agarram pela emoção e nos fazem buscar ansiosamente pelo desfecho de cada história. O Brasil tem uma enorme diversidade de talentosos escritores que se dedicaram a escrever belos e inesquecíveis contos, tais como: Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, entre inúmeros outros. Este ebook é uma homenagem a todos os contistas brasileiros. Esta coletânea apresenta 25 contos brasileiros escritos em épocas distintas, por autores diversos e com temáticas das mais variadas, mas que tem em comum uma enorme e talvez a mais importante qualidade literária: a capacidade de dar prazer ao leitor. Leia e se emocione com os melhores contos e contistas brasileiros.

[Compre agora e leia](#)

OS MELHORES CONTOS

Machado de
Assis

LeBooks

MACHADO DE ASSIS: Os melhores contos

de Assis, Machado

9788583862116

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

Machado de Assis (1839-1908) é considerado um dos maiores, senão o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Autor de "Dom Casmurro", "Memórias Póstumas de Braz Cubas", "Quincas Borba" e dezenas de outros títulos escritos na fase romântica. Machado foi um autor completo, tendo escrito romances, contos, poesias, peças de teatro, inúmeras críticas, crônicas e correspondências. No gênero conto Machado publicou mais de duzentos histórias, sempre com o enorme talento que lhe é peculiar, o que torna qualquer seleção de seus melhores contos um enorme desafio. Mas foi realizado. Neste ebook você irá se deliciar com essa primorosa seleção de seus melhores e mais conhecidos contos, reconhecendo em cada um deles o talento inigualável deste genial escritor brasileiro.

[Compre agora e leia](#)

OS MELHORES CONTOS



ESTRANGEIROS

LeBooks

Os Melhores Contos Estrangeiros

Joyce, James

9788583862123

150 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é mais um volume da bestseller Coleção Melhores Contos, uma seleção de obras primas de autores de diversas nacionalidades e com temáticas das mais variadas, mas que tem em comum uma enorme e talvez a mais importante qualidade literária: a de dar prazer ao leitor. Neste ebook você terá acesso os Melhores Contos Estrangeiros, uma seleção de contos memoráveis escritos por grandes mestres contistas da literatura internacional como: James Joyce, Julio Cortázar, Borges, Horácio Quiroga, Edgar Allan Poe, Dostoiévski, Hemingway, entre outros . Juntamente com cada um dos contos, você terá um resumo biográfico de seu autor.

[Compre agora e leia](#)

OS MELHORES CONTOS

Monteiro
Lobato

LeBooks

Os Melhores Contos de Monteiro Lobato

Monteiro Lobato

9788583862338

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Embora suas obras mais conhecidas sejam aquelas voltadas para o público infantil, Monteiro Lobato escreveu várias obras para adultos e se destacou também no gênero conto. Seus contos são brasileiríssimos, tem o cheiro da terra molhada do sertão, a dor e a alegria simples do caipira do interior que ele conhece tão bem, o linguajar enxuto e certo sintetizando sonhos na vida simples do sofrido caipira. Monteiro Lobato não é somente um excelente escritor, ele é um grande "contador de causos". Seus contos que podem se alternar entre o simples e terno e o suspense ao estilo Maupassant, são de leitura extremamente cativantes e prendem o leitor do começo ao fim. Neste volume da coleção "Melhores Contos" você terá 21 contos selecionados de Monteiro Lobato. São vinte e uma oportunidades de conhecer a versatilidade e talento literário deste grande escritor brasileiro.

[Compre agora e leia](#)